



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS:
CONTEXTOS LUSÓFONOS BRASIL-ÁFRICA**

GILMAR FERREIRA DA COSTA

**ESCREVIVÊNCIA, ANCESTRALIDADE E PROTAGONISMO DA MULHER
NEGRA: MEMÓRIAS E ATRAVESSAMENTOS ENTRE "REGINA ANASTÁCIA",
"SABELA" E "VÓ HONORINA", A MÉDICA DAS ERVAS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

GILMAR FERREIRA DA COSTA

**ESCREVIVÊNCIA, ANCESTRALIDADE E PROTAGONISMO DA MULHER
NEGRA: MEMÓRIAS E ATRAVESSAMENTOS ENTRE "REGINA ANASTÁCIA",
"SABELA" E "VÓ HONORINA", A MÉDICA DAS ERVAS**

Dissertação como requisito para a obtenção do título de mestre em Estudos de linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus dos Malês.

Linha de pesquisa 2: Estudos literários e suas interfaces.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lílían Paula Serra e Deus.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

C872e

Costa, Gilmar Ferreira da.

Escrevivência, ancestralidade e protagonismo da mulher negra : memórias e atravessamentos entre “Regina Anastácia”, “Sabela” e Vó Honorina, a médica das ervas / Gilmar Ferreira da Costa. - 2025.

139 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2025.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lílían Paula Serra e Deus.

1. Ancestralidade. 2. Memória autobiográfica. 3. Literatura afro-brasileira.
4. Escritoras negras - Brasil. I. Evaristo, Conceição - Crítica e interpretação, 1946- .
II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 869

GILMAR FERREIRA DA COSTA

**ESCREVIVÊNCIA, ANCESTRALIDADE E PROTAGONISMO DA MULHER
NEGRA: MEMÓRIAS E ATRAVESSAMENTOS ENTRE "REGINA ANASTÁCIA",
"SABELA" E "VÓ HONORINA", A MÉDICA DAS ERVAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Mestrado de Estudos de linguagens: Contextos Lusófonos Brasil – África da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Estudos de linguagens.

Aprovada em: 02 de maio de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lilian Paula Serra e Deus (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Dr.^a Carla Verônica Albuquerque Almeida

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Dr.^a Assunção de Maria Sousa e Silva

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Estes escritos são dedicados à mulher que revolveu águas com suas mãos e do ofício de lavadeira se fez porto de ancoragem e de partida para mim e tantos outros/as. Foi também Médica das ervas, sabedora ancestral das folhas e suas curas. À minha Vó Honorina, luz de ribalta destas palavras-vivência.

AGRADECIMENTOS

Não poderia começar meus agradecimentos se não às mulheres negras que veladamente ou não, passaram por um processo de apagamento e silenciamento de suas vozes e corpos ao longo da história. Hoje me coloco como pesquisador que busca trazê-las ao palco que merecem para ecoarem suas vozes por si e através desse texto escrito a partir de memórias e mãos coletivas.

À minha família composta por tantas mulheres negras e que diante de suas lutas e condição feminina serviram de inspiração para que este estudo acontecesse. Mulheres que são a tônica destes escritos e que me fizeram ser quem sou. Destaco minha mãe, minhas irmãs e especialmente nossa matriarca, minha rainha negra, Vó Honorina que através das águas volventes me lançou para oceanos desconhecidos com a certeza que mergulhos em águas profundas eu daria, mas delas emergiria renovado e com fôlego para seguir surfando nas ondas altas e baixas que é a vida.

Agradeço a minha orientadora Lílían Paula pelas trocas de saberes literários e ajustes escrevíveis. Por trazer a dúvida que esclarece e por criticar fazendo refletir e avançar no processo de parir escrevendo.

Aos professores, professoras e colegas que ao longo das reflexões em sala pudemos retroalimentar um ao outro com nossos saberes e desejos de pesquisas para construirmos saberes que embora partam do individual, no fim são anseios coletivos vistos em prismas diferentes.

Aos amigos e amigas de perto e de longe que sempre estiveram conectados ao meu fazer formativo dando o incentivo que tinham a oferecer.

Agradecer com especial carinho a Dona Maria de Lourenço (*In memória*) pela grandeza de saberes compartilhados, pela memória viva e latente dos acontecimentos ainda de sua mocidade, os quais em seus plenos 99 anos estavam frescos demonstrando toda a importância histórica vivida. Teve a glória de virar centenária em 22 novembro de 2024 com festa e alegria para ela, amigos e familiares, mas em dezembro do mesmo ano alçou voo para outra dimensão, deixando em nós a saudade do sorriso de menina e a gratidão por tantos ensinamentos de uma verdadeira sábia anciã. Muito obrigado, Vó Maria pelos ensinamentos dados sem nada cobrar. Que a eternidade te guarde com plenitude.

Enfim, às pessoas que sempre me impulsionam a seguir na jornada deixo meus escrevíveis e sinceros agradecimentos!

A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos.

(Conceição Evaristo)

RESUMO

A escrivência de Conceição Evaristo abre portas para que outras histórias negras sejam compartilhadas. Assim, neste trabalho a escrivência, protagonismo e ancestralidade negra são os temas que permitem que memórias sejam resgatadas e mostrem atravessamentos entre a vida de mulheres negras e seu atuar dentro da sociedade. Nesse sentido impõem-se como objetivos: contextualizar historicamente o atuar da mulher negra na sociedade traçando possíveis ligações entre o texto ficcional e o cotidiano dos indivíduos; identificar no texto literário marcas de ancestralidade e protagonismo e, por fim, apresentar memórias que demonstrem a importância das mulheres na condução familiar e suas influências na posteridade. “Regina Anastácia”, “Sabela” (estas são personagens ficticiais de Conceição Evaristo) e Vó Honorina (pessoa real, minha avó), a Médica das ervas são as três mulheres negras que direcionam narrativas experienciadas pelo corpo-voz de cada personagem externando atravessamentos de protagonismo, ancestralidade e vivências comuns às mulheres negras silenciadas historicamente. Nesse sentido, este trabalho apresenta uma análise que se sustenta em teóricas do feminismo negro como, por exemplo: bell hooks, Lélia Gonzalez, Ângela Davis, Denise Carrascosa, Carla Akotirene e tantas outras que se apresentarão ao longo do texto combatendo apagamentos e silenciamentos contra mulheres negras. Como metodologia, a análise literária é intercalada com relatos de memória que são postos para que vozes negras falem por si através destes escritos.

Palavras-chave: ancestralidade; memória autobiográfica; literatura afro-brasileira; escritoras negras - Brasil; Evaristo, Conceição - Crítica e interpretação, 1946- .

ABSTRACT

Conceição Evaristo's writing opens doors for other black stories to be shared. Thus, in this work, writing, protagonism and black ancestry are the themes that allow memories to be rescued and show intersections between the lives of black women and their actions within society. In this sense, the following objectives are imposed: to historically contextualize the actions of black women in society, tracing possible connections between the fictional text and the daily lives of individuals; to identify marks of ancestry and protagonism in the literary text; and, finally, to present memories that demonstrate the importance of women in family management and their influence on posterity. "Regina Anastácia", "Sabela" (these are fictional characters by Conceição Evaristo) and Vó Honorina (a real person, my grandmother), the Herbal Doctor are the three black women who direct narratives experienced by the body-voice of each character, externalizing intersections of protagonism, ancestry and experiences common to historically silenced black women. In this sense, this work presents an analysis that is based on black feminist theorists such as: bell hooks, Lélia Gonzalez, Ângela Davis, Denise Carrascosa, Carla Akotirene and many others who will be presented throughout the text combating the erasure and silencing of black women. As a methodology, literary analysis is interspersed with memory accounts that are presented so that black voices can speak for themselves through these writings.

Keywords: ancestry; autobiographical memory; Afro-Brazilian literature; black women writers - Brazil; Evaristo, Conceição - Criticism and interpretation, 1946- .

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	MEMÓRIAS E ESCRIVIVÊNCIAS: ESCREVER PARA (RE) EXISTIR – ENCONTROS, REGISTROS DE VIDAS	19
2.1	VÓ HONORINA E A MEMÓRIA EM MIM DA MÉDICA DAS ERVAS	20
2.1.1	Espiritualidade e vivência por meio das folhas: religiosidade sensível	29
2.1.2	Entre esfregões e o ferro de gomar, eis a vida trabalhista multifacetada de uma lavadeira	34
3	ESCRIVIVÊNCIAS: FIRMANDO CONCEITO	37
3.1	CONCEIÇÃO EVARISTO, ÚTERO-MÃE DA <i>ESCRIVIVÊNCIA</i>	39
3.2	INTELECTUALIDADES NEGRAS E ESCRIVIVÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DE PERSONALIDADES E INSTITUIÇÕES NA PROJEÇÃO DA CULTURA NEGRA	40
3.3	ESCRIVIVÊNCIA: AUTORIAS OUTRAS, UM OLHAR CONCEITUAL AMPLIFICADO	58
3.4	FABULAÇÃO CRÍTICA: VIDAS E HISTÓRIAS NÃO DITAS, IMPORTAM!	61
3.5	ESCRIVIVÊNCIA, FABULAÇÃO CRÍTICA E MEMÓRIA: LUZES E ENTRELAÇAMENTOS POR UM RESGATE DE HISTÓRIAS NÃO CONTADAS	64
3.6	REGINA ANASTÁCIA: UM ONTEM AINDA PRESENTE	66
3.7	SABELA, “MULHER-ÁGUA”: FORÇA MOTRIZ DA VIDA	79
3.8	ATRAVESSAMENTOS DE ANCESTRALIDADE	102
4	LITERATURA E SOCIEDADE: VIDAS EM ENCRUZILHADAS	105
4.1	MULHERES NEGRAS, PROTAGONISTAS NEGADAS: OLHANDO A HISTÓRIA, VISUALIZANDO TRANSFORMAÇÕES	110
5	GRITOS FALADOS: DIALOGANDO COM MULHERES NEGRAS	115
5.1	SUSSURROS ECOADOS: ANALISANDO NARRATIVAS E PROSPECTANDO PERSPECTIVAS	127
6	CONCLUSÃO	132
	REFERÊNCIAS	135

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto primeiro de uma inquietação pessoal, de um sentimento de injustiça contra mulheres negras e seus feitos dentro da sociedade, sua importância histórica na movimentação social, as quais historicamente sofrem silenciamentos e apagamentos diversos. Posteriormente, a escolha em falar de mulheres negras e seus protagonismos é uma escolha política e dever, já que estou em um lugar de privilégio em relação a elas por ser um homem, logo é uma obrigação ser um instrumento ou meio para que vozes e corpos silenciados tenham espaço para ecoarem e serem vistos. Ratifico que não tenho a pretensão de ser a voz, dar voz ou representar mulheres negras, mas sim ser um instrumento, canal, uma caixa de ressonância de vozes femininas negras para que elas apareçam por si. Afinal, ninguém pode falar por outrem, dar voz a quem já possui, o que pode acontecer é: os indivíduos usarem de seus lugares para serem solidários aos que têm seus espaços e voz negados por aqueles que têm o domínio socioeconômico. Sigo neste propósito e para tanto tenho como objetivos: resgatar memórias que demonstrem atravessamentos entre vidas de mulheres negras e seu atuar dentro da sociedade; contextualizar historicamente o atuar da mulher negra dentro da sociedade traçando possíveis ligações entre texto ficcional e o cotidiano dos indivíduos; identificar no texto literário marcas de ancestralidade e protagonismo da mulher negra; apresentar memórias que demonstrem a importância das mulheres na condução familiar e suas influências na posteridade. Tais objetivos serão melhor compreendidos ao longo do texto.

Sendo um homem negro, neto e filho de mulheres negras, com privilégio social em relação a elas, vejo-me na responsabilidade de colocar meu corpo-escrita e intelecto como instrumentos reparadores de injustiça. Criado em um ambiente no qual a influência nas decisões tinha o peso da mão feminina, os ensinamentos dados por tais mulheres precisam ser colocados em lugar de destaque e em ambientes de poder como é a academia, centro que muitas vezes nega os saberes que vêm das margens, mas sendo as margens um local de resistência como já afirmou bell hooks (1990) precisamos ressignificar esse espaço de produção do conhecimento com nossos saberes populares também importantes, por isso trago mulheres negras ecoando suas vozes em meus escritos como forma de reparação histórica ao silenciamento sofrido.

O título do trabalho aponta para três eixos discursivos: *escrivência*, ancestralidade e protagonismo, que estão interligados. Traz também três nomes de mulheres: Regina Anastácia, Sabela (essas duas são personagens ficcionais literárias de Conceição Evaristo) e Vó Honorina (minha avó), esta última recebe a expressão: “a Médica das ervas”, o que será explicitado mais à frente.

Os três eixos discursivos citados são fundamentais aos propósitos da narrativa. Primeiro, *escrevivência* surge por ser um conceito, também um operador de leitura, que permite analisar histórias negras ou do povo negro sob outro viés que a análise literária convencional não consegue dar conta. Tal operador conceitual foi cunhado pela intelectual, professora, escritora, Conceição Evaristo e ao longo das reflexões o termo e vida de Evaristo serão mais aprofundados. O segundo termo, ancestralidade, surge diante do caráter histórico que se pretende abordar dentro da escrita. Se vamos tratar de saberes, vozes e corpos negados ao longo do tempo precisa-se trazer à luz conhecimentos desses corpos e mentes silenciados que resistem no tempo e são passados aos mais novos com força, ressignificação e latência, fatores que só a ancestralidade negra pode explicar. O terceiro eixo é o protagonismo, este vem somar forças aos demais. É no protagonismo feminino negro que a ancestralidade se mostra presente, afirma sua força e num movimento de retroalimentação promove nos indivíduos aberturas de caminhos para serem protagonistas de suas vidas e escreverem suas próprias histórias, contando-as sob a luz de seus olhos e poder de construção de suas mãos.

As mulheres negras presentes neste trabalho foram escolhidas para que suas histórias e atravessamentos dentro da condição de mulher sejam trazidas como vozes latentes de uma coletividade que não teve muito espaço, mas que por conta do poder da resistência pôde externar seus feitos, suas glórias sem contudo romantizar as dificuldades tão presentes no cotidiano de mulheres negras. Para tal exercício a literatura se faz presente como instrumento ou aporte para pensar a sociedade.

Busco em Conceição Evaristo, escritora antes negligenciada com a falta de reconhecimento em sua arte de escrever, duas mulheres: “Regina Anastácia” e “Sabela”. A primeira nomeia um conto presente no livro “Insubmissas lágrimas de mulheres”, publicado em 2016. “Regina Anastácia” é uma mulher negra subversiva ao sistema social e protagonista de sua vida por promover sua autossustentabilidade e também de sua família, um atuar ativo na sociedade que vem de sua mãe e outras mulheres negras da família que as antecederam. A outra mulher é “Sabela”, nome que intitula uma novela e revela a pluralidade da escrita de Evaristo nos gêneros textuais. “Sabela” faz parte da obra literária *Histórias de leves enganos e parecenças*, publicada em 2017. Mulher negra, mãe solo, vivenciadora das águas, “Sabela” é aquela que sabe, que traz em seu corpo a sabedoria da transformação e do desenvolvimento. Uma mulher que possui a vivência do hoje e do amanhã, além de um corpo que poreja água e dá sinais do tempo, logo pode ser lida como guardiã do mundo. Todas essas características e saberes têm origem matrilinear das mulheres Sabelas desde o outro lado do atlântico, parafraseando Jurema Werneck, nossos conhecimentos e trajetórias têm origem ancestral,

advêm de passos dados em tempos distantes e através de suas marcas deixadas, seguimos novas rotas com passos firmes e reformatados, mas mantendo a essência da resistência.

Recorro também às minhas origens e me agarro ao conselho de Evaristo que diz: a ideia de *escrevivência* surgiu pensando nas histórias de mulheres negras que eram obrigadas a garantir “os sonos tranquilos aos da casa-grande” (Evaristo, 2020), mas que sua *escrevivência* nascia para acordar os da casa-grande de seus sonos injustos. Daí vêm sua escrita incomodativa, que faz as máscaras da opressão caírem, que denuncia injustiças contra mulheres negras, que faz vozes antes negadas terem palco e vez. *Escrevivência* é uma escrita voltada, sobretudo, às mulheres, mas não impede que homens usem de seus espaços privilegiados, sua condição de privilégio para também escreverem suas vivências. Assim, com essas palavras, Evaristo dá aval para que todos sejam livres para escrever e contar histórias de vida, representativas da coletividade e não uma escrita narcisista, uma escrita de si. É neste momento que escolho falar sobre Vó Honorina, mulher negra, benzedeira, mãe solo, senhora de sua vida, sabedora do poder das ervas e folhas e de espiritualidade sensível ao invisível que os olhos comuns não conseguem enxergar. Uma mulher com um trilhar social reflexo de tantos outros, uma história replicada por muitas outras, resguardadas as particularidades de cada ser.

Desta forma o trabalho se estrutura em tríade de eixos discursivos e, também, em uma tríade de mulheres negras protagonistas sociais para discutirmos *escrevivências* negras que reestruturam a história por meio de saberes ancestrais guardados na memória de um povo que se reinventa em meio às dificuldades que lhe são impostas. Aqui reafirmo o jogo narrativo entre estas mulheres do campo ficcional, “Regina Anastácia” e “Sabela” e a pessoa real, Vó Honorina, a Médica das ervas, as quais trazem representação social, política e histórica de um povo.

Assim, a estrutura deste trabalho está dividida em quatro capítulos aqui apresentados brevemente. No primeiro capítulo, *Memórias e Escrevivências: escrever para (re) existir – encontros, registros de vidas*, em primeiro momento trago Vó Honorina enquanto sujeita de minha memória, buscando evidenciar os processos da *escrevivência*. Assim, inicio o capítulo falando de Vó Honorina e a memória em mim. Em seguida, no segundo capítulo: *Escrevivências: firmando conceito*, é feita uma discussão a respeito do conceito *escrevivência*, seu aporte teórico, ampliações e sua finalidade. Como foi Conceição Evaristo que cunhou tal termo, trazer sua vida e obra enquanto pesquisadora e intelectual se fez também necessário.

Pós apresentação conceitual do termo *escrevivência*, tendo em Evaristo o útero-mãe, são apresentadas as influências de intelectuais negras/os na construção e afirmação da cultura negra e dos *Cadernos Negros (CN)* em abrir caminhos para escritores e escritoras negras

publicarem suas obras em um veículo midiático que lhes garantam credibilidade e palco para suas literaturas insubmissas ecoarem vozes historicamente negadas. Tratam-se de vozes que conquistam espaços dentro da literatura e que geram contestação e legitimidade por aqueles que não querem dividir os espaços de poder e seus privilégios.

É feito um aprofundamento conceitual sobre *escrevivência* a partir de outros intelectuais, os quais ampliam o conceito que é maleável e não se fecha em si, talvez aí esteja o grande diferencial do termo, ser tão polivalente quanto a sua própria autora, Evaristo.

Em consonância com a *escrevivência*, a *fabulação crítica*, surge como método teórico dentro da teoria literária trabalhado pela Professora pesquisadora Saidiya Hartman que tem como fim o resgate e recriação de histórias silenciadas pela História oficializada, promovendo oportunidade para indivíduos apagados e subalternizados terem sua representatividade respeitada e viva mesmo que seja a partir da ficção, uma escrita crítica que recompõe a realidade silenciada a partir de fragmentos históricos.

Em seguida é feito um arremate teórico entre *escrevivência*, *fabulação crítica* e memória no intuito de demonstrar suas relações de complementariedade no ato de recontar, recriar e retomar histórias não contadas pela História oficializada.

No decorrer do capítulo os textos literários: “Regina Anastácia” e “Sabela” são pormenorizados analiticamente a respeito dos temas abordados desenvolvendo as ideias já mencionadas ao apresentar os textos acima. No tocante a história referente a Vó Honorina é feita uma narração em primeira pessoa, por uma escolha política, apresentando fragmentos da vida de uma mulher que escreveu sua jornada e influenciou tantas outras com sua força ancestral e protagonismo social. As vivências das três mulheres são entrelaçadas por vários fatores que se revelam ao longo deste texto. Neste entrelaçamento, aspectos como condução de família, saberes espirituais ancestrais, luta de classes, migração forçada, entre outros fatores vão sendo identificados na andança das mulheres citadas, daí surgem os atravessamentos entre essas vidas diminuindo a distância entre literatura e sociedade, já que “Regina Anastácia” e “Sabela” são mulheres ficcionais e Vó Honorina é minha avó que tem parte de sua história aqui narrada a partir de memórias vividas, afrografadas por este que escreve, além de outras memórias de mulheres que fizeram parte do círculo de convivência de Vó Honorina e são convidadas a entrarem na gira memorialística do escrever.

Tais mulheres escolhidas para darem seus depoimentos são cinco netas, uma amiga de ofício e uma amiga-filha, a saber. Saliento ainda que os nomes que aqui aparecerão são nomes reais, autorizados para serem citados e que assim aparecerão frente ao propósito do trabalho em evidenciar vozes negras subalternizadas jogadas no anonimato, logo seria repetir o mesmo não

usar tais nomes dessas mulheres que são protagonistas, peças centrais destes escritos, assim as netas que participaram foram: Ana Lúcia, Adriana e Edinalva. Outra depoente foi uma amiga companheira de ofício, Dona Maria de Lourenço que trocava saberes ancestrais com Vó Honorina desde sempre, e, por fim, uma amiga-filha do coração: Adelina conhecida como Dina que teve sua vida marcada pelos ensinamentos da Médica das ervas. Os depoimentos surgem de bate-papo em encontros feitos na sala da casa de Vó Honorina e também na casa das depoentes, encontros nos quais foram feitas gravações de áudios das conversas com autorização das sujeitas de pesquisa.

Saliento que tais depoimentos aparecerão não só no primeiro momento do primeiro capítulo e sim poderão aparecer nos demais por meio de fragmentos de memórias que comporão o texto final e já adianto que duas das depoentes não deram especificamente um depoimento, já que suas participações foram a partir do silêncio e da esquiva, provavelmente por conta dos efeitos que tem o baú da memória em trazer a dor da saudade. Por não ter um depoimento oral, os nomes aqui não serão citados em respeito a essas pessoas. Relembrar bons momentos, por assim ser, muitas vezes sangram não a carne, mas a alma. Recordações são lembranças que despertam sentimentos e emoções não controláveis que podem levar às lágrimas e ao desconforto físico, nem todos querem ter essa experiência e está tudo bem.

Como estamos no início, eu vou chamar minhas companheiras escrevientes para se apresentarem brevemente e em respeito as mais velhas convido Maria Augusta Santiago Alves, a Dona Maria de Lourenço, amiga de longa data de Vó Honorina, nascida em 22 de novembro de 1924, com toda sua altivez em seus plenos 99 anos e com uma memória de invejar jovens, ela diz:

sou fia de Ruy Barbosa, nasci lá, sou batizada lá. Vim pra cá [Itaberaba-BA] com 14 anos. Não estudei. Meu pai dizia: não vai colocar as meninas na escola não que é pra quando tiver grande tá caçando fazer carta pros moleques. Por isso que não me ensinou. Minha irmã caçula que endureceu a cara, ele arrumava pra ir pra roça e quando ele saía pra roça, ela pra escola; viajava uma légua de lá do campo do avião pros Patos, aí juntava uma turma ia tudo pra escola. Eu tinha medo de meu pai, eu tinha muito medo de meu pai, eu não ia, ia pra enxada (Alves, 2024, informação verbal).¹

Nesta breve apresentação aparece um grande agravante da situação de muitas mulheres que tinham o controle de seus corpos sempre em pauta. A figura do patriarcalismo com forte presença nos índices de miserabilidade, reforçando uma ideia do colonialismo de manter a mulher sobre o controle do homem e encerrada nos espaços domésticos ou em trabalhos

¹ Informação concedida pela amiga de Honorina, Maria de Lourenço em 28 de junho de 2024.

subalternizados dentro da sociedade, estes na sua grande maioria direcionados à mulher negra. Ainda na apresentação nota-se que, embora criança, Dona Maria trabalhava na roça, um trabalho que exige muito esforço físico sob condições temporais diversas e uma atividade que justifica o cenário brasileiro dos índices elevados de analfabetismo da população negra que desde muito cedo realiza atividades econômicas para ajudar suas famílias, ficando as atividades de formação escolar em último plano.

Outra amiga chega para se apresentar, mas esta ultrapassa a amizade e chega à denominação de filha de Honorina diante de toda relação de cumplicidade, amorosidade e envolvimento de cuidado e partilha de intimidade, essa amiga-filha é Adelina ou carinhosamente Dina.

O meu nome é Adelina Pereira Nascimento Medrado, nascida em três dos quatro de mil novecentos e cinquenta e seis, tenho 68 anos. Cursei contabilidade ali no Colégio Estadual de Itaberaba e fiz auxiliar de enfermagem, não tenho filhos. Atualmente estou residindo em Itaberaba. Sou natural de Andaraí (Medrado, 2024, informação verbal)²

Dina é aquela pessoa que chega abraça e é abraçada ao ceio familiar sem distinção de laço sanguíneo, apenas torna-se ente familiar e divide todos os desafios que aparecem. É figura que rompe o modelo de família ditado pelo colonialismo, pois em nossa configuração de família, são membros aqueles que somam, que estão juntos e partilham a vida seja em momentos bons ou não.

Chega na roda Ana Lúcia com seus 62 anos de vivacidade, sorriso largo, primeira neta de Vó Honorina, a primogênita de meu pai.

Me chamo Ana Lúcia Costa Morais, sou casada, tenho dois filhos, nasci na cidade de Itaberaba no dia 28 de julho de 1962. Me formei aos dezoito anos em Magistério, logo em seguida vim para Salvador passei na Faculdade Federal da Bahia no curso de Biblioteconomia e documentação, mas não prosseguir em frente porque eu engravidei, nasceu meu primeiro filho ele é PCD né? Então eu tive que deixar a faculdade pra cuidar dele. Aos 44 anos retornei fazendo cursinho, em 2008 eu passei na Faculdade Jorge Amado pra fazer Psicologia, me formei aos 50 anos né? Trabalhei na ABAE [Associação Bahiana de Equoterapia] com crianças especiais. Então assim é a minha trajetória sempre foi de muita luta. Sou neta de Honorina, uma mulher guerreira que me ensinou o caminhar da vida né? Enquanto ela existiu ela sempre foi fortaleza, sempre foi guerreira, sempre soube encaminhar os seus (Morais, 2023, informação verbal)³.

² Informação concedida pela amiga -filha de Honorina, Adelina Pereira Nascimento Medrado em 28 de junho de 2024.

³ Informação concedida pela neta de Honorina, Ana Lucia Costa Morais em 27 de julho de 2023).

Ana Lúcia sendo a primeira neta, foi a primeira de todas as gerações da família da mãe e de pai a ingressar no ensino superior e em uma universidade federal, porém não pode permanecer no curso por conta do filho ter nascido com paralisia cerebral. Em poucas palavras ela expõe parte de sua história que é também de muitas outras mulheres que em nome do bem-estar de seus filhos adiam seus sonhos pessoais. No caso de Ana, sua formação acadêmica foi adiada, mas em outros casos a mulher abandona sua carreira por falta de oportunidade e rede de apoio para tocarem sua vida acadêmica. Também demarca sua matriarca e prenuncia a presença da mesma enquanto suporte e exemplo para enfrentar as adversidades da vida, Vó Honorina sempre presente.

Venha agora Adriana, a mulher dos números e das equações matemáticas, deixe a timidez de lado e dê seu recado: “Meu nome é Adriana de Oliveira tenho cinquenta anos, nasci no dia 2 de maio de 1974 na cidade de Itaberaba. Minha profissão atual é operadora de caixa. Minha formação acadêmica é licenciatura em Matemática. Tenho três filhos” (Oliveira, 2023, informação verbal).⁴

Mais uma vez temos uma mulher negra que rompe os determinismos de lugares subalternizados à população negra e chega à academia, cursa Matemática pela Universidade Federal da Bahia e serve de caminho para outras, permitindo que outras sonhem com um lugar diferente na sociedade.

Fechando as apresentações temos Edinalva que se apresenta com seu jeito extrovertido e charme dos seus cabelos prematuramente grisalhos: “Olá, meu nome é Edinalva tenho 43 anos é... nasci em onze do quatro de mil novecentos e oitenta e um na cidade de Itaberaba, Chapada Diamantina. Tenho o ensino Médio completo e a minha profissão atual é consultora de vendas” (Costa, 2023, informação verbal).⁵

O terceiro capítulo, *Literatura e sociedade: vidas em encruzilhadas*, é a continuidade da discussão do final do primeiro capítulo que tratou dos atravessamentos entre as personagens ficcionais analisadas e a minha avó Honorina chegando à abordagem da teoria literária e os aspectos sociais que podem influenciar a literatura assim como serem influenciados por ela. Aproveita-se o ensejo para trazer à baila o debate ao longo da história sobre as práticas de protagonismos das mulheres negras que são colocadas em último plano, procurando externar o porquê da negação histórica do protagonismo feminino negro. Com a literatura que se coloca no lugar de resgate de histórias subalternizadas, a teoria literária e o viver em sociedade

⁴ Informação concedida pela neta de Honorina, Adriana de Oliveira em 29 de junho de 2023).

⁵ Informação concedida pela neta de Honorina, Edinalva Ferreira da Costa em 30 de junho de 2023).

formam-se encruzilhadas que serão pontos de tomada de decisão para que transformações aconteçam.

No quarto e último capítulo, *Gritos falados: dialogando com mulheres negras*, o objetivo é apresentar falas de mulheres negras citadas do ciclo familiar que viveram com Vó Honorina, fazendo assim um exercício de retirar da memória vivências que permanecem vivas e que trazem lembranças do atuar feminino em sociedade e que promovem atravessamentos outros, fundantes de uma coletividade com marcas ancestrais construídas ao longo de gerações. A partir desse exercício de memória em ouvir o íntimo do outro, mulheres negras, pretendo ser extensão de suas vozes como meio de propagá-las em narrativas que serão analisadas neste trabalho.

Para finalizar sem fechar a presente dissertação, chega o momento da conclusão para sintetizar o que foi apresentado no processo de escrita e anseios futuros dentro do tema trabalhado, buscando um transbordar que seja coletivo por meio da colaboração de mãos e mentes sedentas por uma *escrevivência* que siga o plano de fazer barulhos tirando de “sonos injustos” (Evaristo, 2020) aqueles que um dia silenciaram os nossos ancestrais, mas não mataram sua essência que hoje ressurgue com força e é ressignificada em nossa ancestralidade.

2 MEMÓRIAS E ESCRIVIVÊNCIAS: *ESCREVER PARA (RE) EXISTIR* – ENCONTROS, REGISTROS DE VIDAS

Antes de entrar propriamente na definição e os pormenores da escrevivência, que será tratada no segundo capítulo, faz necessário lembrar do papel que tem a memória no processo de escrita de nossas vivências. E ao falar de memória, não se fala apenas da nossa individual, mas também da memória coletiva que resguarda saberes de pessoas, da comunidade e sociedade como um todo. Assim, buscar ajuda memorialística de outrem sobre lembranças para ativar a nossa é um caminho viável e necessário para reconstruirmos histórias. Neste ato de ouvir/recordar acabamos por tomar de certo modo o ponto de vista do outro como nosso pelo fato de ter despertado lembranças ora esquecidas em nós, as quais não seriam despertadas se não fosse pela contribuição da memória coletiva.

Neste aspecto da lembrança coletiva e do papel de outras pessoas em trazer recordações, Maurice Halbwachs (2003) diz que

Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor recordar, eu me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas das idéias (*sic*) e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas (Halbwachs, 2003, p. 31).

Com a citação acima fica evidente que o ato de rememorar na coletividade traz influência entre os indivíduos, contribui para o existir enquanto grupo. Interligando o ato de escrevivência e a importância da memória para que a mesma aconteça, pode-se dizer que à medida que a escrevivência acontece, laços vão sendo criados entre o narrado e quem narra, pois as vivências são retroalimentadas na coletividade, em mão dupla.

O processo de rememorar muitas vezes ou na maioria das vezes causa estranhamento, desbloqueios de sentimentos bons ou de outros que causam desconfortos físicos e ou mentais, logo não é tarefa fácil revirar memórias para se construir narrativas, contar histórias. Assim, rememorar é o mesmo que reviver prazeres, dores, saudades e vivências de outrora. Quem ainda não tem guardado na memória o sabor do feijão de mainha, aquele cozido servido no almoço de domingo com pirão, aquele café com leite e um simples pão com manteiga, alimentos preparados por nossa mãe, por uma tia ou até mesmo com raridade pelo pai e melhor ainda, pelas mãos abençoadas de uma vizinha? Ah! Vasculhar memórias é remexer sentimentos, é colocar um com as pernas para cima, fazer cócegas em outros e sorrir, mas também é se deparar, neste baú memorialístico da vida, com algum bicho papão, com ferida mal curada, amores não

vividos, com medos silenciados e por todas essas possibilidades correr o risco de banhar-se em rios de lágrimas, lavar a alma, ficar leve. No ato de revirar memórias encontraremos apenas o que ficou ou marcou enquanto significado para nós e externamos oralmente entre nós os sentimentos que nos preenchem ou nos deixam vazios, o que não deixa de configurar um paradoxo humano da incompletude. Leda Maria Martins (2021) em *Afrografias da memória* pondera:

Assim, na oralitura dos reinados negros, a memória, insinuante, se enviesa nas falas, se esvazia e se preenche de sentido, como um lugar numinoso, pletora de significantes, do qual também indagamos: ‘Afinal, o que fica das pegadas no chão da memória? Fica o que significa, pode-se pensar. Ou talvez o contrário: o que significa passa a ficar’ (Martins, 2021, p. 26).

Se o que significa passa a ficar como aparece na citação, então podemos entender todos os sentimentos que estão presentes em nós e em outras pessoas, os quais ao serem lembrados nos trazem reações diversas como já foi tratado ao falar do efeito em rememorar, assim confirmamos de fato que os acontecimentos que deixaram em nós marcas indelévels permanecerão em nosso íntimo independente do tempo. Tal fato também é constatado nos depoimentos que mais a frente serão colocados sobre a vida de Vó Honorina, a Médica das ervas, depoimentos estes que são feitos por netas e amigas que externam memórias, o que ficou nelas de significativo aprendido com Vó Honorina e hoje serve de norte em seu caminhar.

Dito isso, vou passear no campo da memória pessoal e ao mesmo tempo puxar por memórias outras para trazer à baila aspectos da vida de Vó Honorina que estão guardados em minha memória. Assim, Vó Honorina surgirá a partir de minha memória, falará através de mim, se fazendo eco-mulher.

2.1 VÓ HONORINA E A MEMÓRIA EM MIM DA MÉDICA DAS ERVAS

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum
e falo padres-nossos, ave-marias.
Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do meu povo
e encontro na memória mal adormecida
as rezas dos meses de maio de minha infância.
(*Conceição Evaristo*)

Partindo de uma escolha política e inspirado em escritas femininas já consagradas, escolho aqui escrever em primeira pessoa pelo fato da necessidade de falar de vivências e são vivências que são minhas, que me atravessam e que exigem meu desnudar de modelo

acadêmico baseado única e exclusivamente no modo convencional de escrita que exclui outras maneiras de expressão do conhecimento. Nesta ação de escrever em primeira pessoa eu trago à recordação, notórias escritoras que também escrevem em primeira pessoa por escolha política e destas me inspiro e aqui justifico minha escolha. Cito aqui nomes como Grada Kilomba, bell hooks, Ângela Davis, Audre Lorde, Saidiya Hartman e tantas outras mulheres que compõem o feminismo negro e que têm na escrita em primeira pessoa um instrumento político de ecoarem suas vozes e suas histórias de cunho muito pessoal. Portanto, nestas mulheres é que encontro aporte e justificativa para escrever minhas vivências e as dos que me cercam.

Conceição Evaristo já afirmou que a escrevivência é pensada para mulheres negras, mas que este fato não impede que os homens também façam sua escrevivência, portanto, partindo deste pensamento de Evaristo é que nasce o desejo de escrever minhas memórias sobre Vó Honorina e utilizando os exemplos das escritoras já citadas como reforço de possibilidade de escrita em primeira pessoa.

Feitas essas considerações, passo agora às memórias de vivências que dizem sobre Vó Honorina, sobre mim e outras pessoas que constituem minha memória coletiva e ao mesmo tempo faço ligação às histórias e características de “Regina Anastácia” e “Sabela”, mulheres negras ficcionais de Conceição Evaristo que possuem elos afrodiaspóricos e que mais à frente serão analisadas com maior profundidade.

Antes de qualquer palavra-vivência sobre a pessoa de Vó é preciso apresentá-la brevemente. Se viva estivesse Vó Honorina assim se apresentaria caso perguntassem sobre sua origem: “Oh meu filho, eu sou Honorina, filha de Tertuliana. Nasci e cresci em Santo Antônio do Argoim, que pertence ao município de Castro Alves. Sou filha única. Quando tive meu único filho mudei aqui para Itaberaba, onde trabalhei minha vida toda de moderna (nova) com roupa de ganho e empregada doméstica. Mas também fazia cocadas, pé de moleque, criava meus bichinhos (porco, galinha) para ajudar na renda de casa, pois nunca dependi de homem para me sustentar. E isso eu aprendi com minha mãe, tia e vovó que eram mulheres de luta, que arregaçavam as mangas e não corriam do trabalho. Eu estudei até a quarta série do primário e como no Argoim não tinha ginásio não continuei com meus estudos. Uma conhecida até queria me levar para Salvador, mas mamãe e papai não deixaram e lá eu fiquei até ficar mocinha e começar a trabalhar”. Aqui eu busco reproduzir a possível autoapresentação que Vó faria, dentro do limite que o registro de memória me permite lembrar, lembranças guardadas e que foram escutadas durante conversas com pessoas que chegavam em nossa casa pela primeira vez e queriam saber de onde Vó era. Tal descrição ainda pulsa em minha memória como se estivesse ouvindo agora a prosa daqueles adultos na pequena sala-cozinha de casa.

Figura 1 - Vó Honorina ainda jovem



Fonte: arquivo pessoal da família.

Essa apresentação fala muito sobre o histórico de mulheres que desde muito cedo têm que trabalhar para sustentarem suas famílias, indo de encontro à lógica patriarcal de que é o homem o provedor da família. Mulheres desde sempre também são provedoras de suas casas, mas seus feitos sofreram com o processo de apagamento e silenciamento. Em “Sabela” e “Regina Anastácia” será visto essa força feminina negra em gerir suas casas, mesmo que tivesse a presença masculina, era a mulher o norte familiar.

Ainda nesta breve apresentação, deixa aparente o movimento de migração tão comum às pessoas negras que precisavam se deslocar para outras localidades em busca da sua sobrevivência e manutenção de sua família. Este aspecto é um ponto comum entre “Regina Anastácia”, “Sabela” e Vó Honorina. Um ponto que nos mostra o quanto as pessoas negras foram desterritorializadas por forças sociais e circunstâncias diversas, sem falar no período escravocrata no qual seres humanos eram retirados de seus territórios compulsoriamente e submetidos a animalização de seus corpos e mentes em prol do enriquecimento dos colonizadores.

Aproveitando o ensejo de movimentos migratórios pela sobrevivência, vale salientar que os indivíduos empobrecidos sempre tiveram o espírito de ajuda coletiva em dividir o pouco que tem com os seus iguais em situação de vulnerabilidade. Vó Honorina praticava e incentivava essa estratégia de sobrevivência com todos, uma prática que pode ser notada desde sua juventude, aprendida com seus pais e que a própria Honorina relata em uma entrevista cedida à professora historiadora e pesquisadora Iêda Mascarenhas Silva de Carvalho. A

professora Iêda Carvalho, desenvolveu uma pesquisa no município de Itaberaba que serviu de fonte de dados ao trabalho de conclusão de curso intitulado: “Da fonte à talha: a dinâmica da modernidade e os trabalhadores de ganho de Itaberaba – 1930 a 1960”, tal monografia encontra-se registrada no Catálogo I e faz parte do acervo físico do Núcleo de História Local – NHL, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB - Campus XIII. Tal monografia apresenta um quadro social dos trabalhadores de ganho de grande relevância para entender a dinâmica social, além de trazer a memória dos idosos como elemento fornecedor de dados aos instrumentos de análise para se fazer reflexão de parte da história social de Itaberaba.

No referido trabalho, aparece uma transcrição do depoimento de Vó Honorina que evidencia a natureza humana dos mais desvalidos em se solidarizarem com o outro em dificuldades. O cenário da fala é referente às mazelas enfrentadas pelo povo nordestino com a triste seca da década de 30, quando o processo de migração foi intenso, realizado por famílias inteiras em busca da sobrevivência. Assim, Vó Honorina relata sobre as dificuldades da época e a solidariedade prestada por sua família a outras famílias

Eu vi os flagelados na minha terra em 32, ficava tudo debaixo das cajazeiras, **a gente dava comida**, por eles vinha comeno bró de licuri (uma massa que tinha dentro do licuri) que eles tirava pra cumê e vinha também discascando a cabeça de frade, o mandacaru para assar pra dizer que era carni, a cabeça de frade ralava pra beber água, né, eles ispetava e assava, a gente contava muita coisa. Eles vinha de Baixa Grande. Procurando trabáio porque num tinha água num tinha nada. Eles tinha bagage aqueles panu preto tudo imcardido. **Quem me criou era açougueiro, mata boi pra da pra comer levava pra roça pra panhar feijão, eu sei que esse povo ficou, uma família que num foi embora nunca** (Depoente Honorina Félix da Costa. In: Carvalho, 2012, p. 65, grifo nosso).

A citação promove a imaginação da influência dos pais de Vó Honorina em sua formação social e compadecimento com as necessidades do próximo através do exemplo prático em fazer a caridade, fato que leva acreditar que tem um papel fundamental na vida de uma criança ou adolescente que desde cedo é incentivada à ações voltadas ao bem comum e ao fortalecimento da coletividade de um povo. Ainda em análise a esta citação acima, a professora Iêda Carvalho (2012) em relação a Vó Honorina, pondera

Ela ainda se recordou da solidariedade de seu padrasto, que abatia animais para a venda e, ao ver a situação dos retirantes, providenciou para que matassem animais saciando a fome daquelas famílias. A problemática das estiagens era comum e afetava a todos os nordestinos, no entanto, era notório que quem tinha algum meio de ganho a mais costumava se compadecer dos mais necessitados (Carvalho, 2012, p. 66).

Com essas passagens remontando à ajuda entre os indivíduos, ressalta a capacidade das pessoas se refazerem a partir e na coletividade, além de reafirmar o lema filosófico africano Ubuntu, aqui parafraseado, que diz que sou à medida que o outro também é, ou seja, a individualidade não tem grande significado perto do projeto maior do coletivo, assim a família de Honorina, mesmo diante da escassez de recurso, tinha a consciência e a responsabilidade social em ajudar o irmão em condições precárias e degradantes da condição humana. Portanto, esses feitos coletivos têm um impacto direto na formação das pessoas e deixam seus rastros na memória por toda a vida.

A recordação de memórias vividas causa reboição em quem busca fazer tal exercício. É um desassossego resgatar da memória um ente querido que se foi e deixou saudades. Então, vamos às vivências memorialísticas que são necessárias para continuar a falar de Vó Honorina, a Médica das ervas.

Apresento-me como produto humano criado por ela, a Médica das ervas, falando de mim falarei muito mais dela. Fui forjado homem ao moldes de Vó, a partir do que deveria ser um, afinal, como pontua Simone de Beauvoir, ninguém nasce homem ou mulher, mas nos tornamos homens ou mulheres, pois é uma construção social e aqui já deixo claro a minha satisfação e orgulho dos aprendizados e do que sou graças a uma mulher negra, benzedeira, lavadeira, mãe solo de um único filho, desaforada, destemida, amorosa, retada, acolhedora que me direcionou e também tantos outros/as. Sou o que sou graças a ela, Honorina, a médica das ervas.

Ser criado por uma griot⁶ nata é correr o risco de toda noite, depois de um dia cansativo de trabalho árduo, sentados à porta de casa, em Itaberaba, Portal da Chapada Diamantina, cidade do interior da Bahia, ouvir várias histórias e muitas vezes mais de uma vez. Ah! E como saudosos fico das histórias do nascer da cidade segundo a visão de Vó, dos relacionamentos das transeuntes que frequentemente interrompiam nosso momento griot com um cumprimento de boa noite, um “como vai dona Honorina” ou ainda um “bença dona Honorina”, mas que não faziam com que a Médica das ervas esquecesse de onde parou em sua arte de contar histórias, pois ela retomava a narração exatamente onde parou e esse fato não é que eu lembrasse por mim mesmo, mas ela que me fazia lembrar do ponto de pausa! Provavelmente esse não esquecer da história esteja relacionado ao ato de ter vivenciado parte do que era narrado, pois as histórias geralmente contavam o experienciar da narradora. O oralizar memórias e vivências feito por Vó se aproxima muito dos textos ficcionais de Evaristo que têm em sua estrutura e escolha das

⁶ Pessoa que domina a arte de contar histórias seguindo a tradição oral, transmitindo conhecimentos culturais aos mais novos, informando, educando e promovendo também o entretenimento.

palavras elementos da oralidade e externam a cultura popular, evidenciando o cotidiano das pessoas. Talvez essa marca da oralidade seja o tempero que encanta quem ouve ou lê experiências de vida em forma de histórias narradas por griots do dia a dia como foi Vó Honorina e ainda é Evaristo. Aqui estamos, em outras palavras, tratando de memórias que são verbalizadas transmitindo saberes ancestrais através de histórias do cotidiano das pessoas performando conhecimentos diversos. Esse movimento ou arte de performar saberes ancestrais, verbalizar conhecimentos através de histórias caminha nos estudos da professora Leda Maria Martins (2021) no campo da oralitura, sobre a qual a professora nos diz que

Conceitual e metodologicamente, oralitura designa a complexa textura das performances orais e corporais, seu funcionamento, os processos, procedimentos, meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais, destacando neles o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporeidades se processam. E alude também à grafia desses saberes, como inscrições performáticas e rasuras da dicotomia entre oralidade e a escrita. A oralitura é do âmbito da performance, seu agenciamento, nos permite abordar, teórica e metodologicamente, os protocolos, códigos e sistemas próprios da performance, assim como o *modus operandi* de sua realização, de sua recepção e afetações, assim como suas técnicas e convenções culturais, como inscrição e grafia de saberes (Martins, 2021, p. 41).

Mais uma vez um aspecto em comum das três mulheres, sujeitas da pesquisa: elas são contadoras de história. Com todo seu conhecimento de mundo, apresentam seus saberes cotidianos em forma de histórias com o objetivo de passar aos mais novos conhecimentos que contribuam para o desenvolvimento, formação cultural e social de seus entes. São narrativas que externam o caminhar dos mais velhos, os fatos presenciados ao longo da vida, são alertas de perigos ou um exemplo de um bom caminho a ser trilhado. E para além disso, são narrativas que desvelam o cotidiano e afirmam o lado da história contado por nós, seres comuns da sociedade.

Sou o quinto filho dos oito que minha mãe Iris teve. Iris que é Judite no registro de nascimento, mas de mainha falarei outro dia, uma mulher negra, órfã muito cedo de mãe e que teve de dar conta do cuidar de seus irmãos mesmo sendo muito nova, afinal, como reza a ordem machista, a mulher é responsável pelos afazeres de casa e do cuidar das crianças, estas que logo foram distribuídas entre pessoas da família e conhecidos para que pudessem ser criadas assim como mainha.

Sendo o quinto filho, fui o escolhido aos sete anos para morar com minha avó que morava só e andava doente, logo precisava de uma pessoa “ao menos para pegar um copo d’água e dar um remédio” como ela dizia. Mas de tantos filhos por que eu ser o escolhido? Isso não sei responder, só sei agradecer pela escolha de meus pais em me presentear com algo tão

valioso, um presente para a vida toda que foi conviver e receber educação e formação humana de uma mulher extraordinária.

Quando cheguei à casa de Vó achei que teria apenas minha cama sem dividir com mais quatro (na casa de mainha era uma cama de casal para acomodar cinco, os dois filhos mais velhos ficavam num beliche) e outras regalias. Não lembrei, talvez por conta da euforia da casa nova, que eu estava morando agora com uma professora nata, uma PhD da vivência, uma “Sabela” e que conhecia os meandros da vida assim como suas responsabilidades, logo essa professora não deixaria de colocar suas diretrizes ao novo morador da casa.

A educação é um instrumento de transformação social, mesmo com todas as contradições que possam existir. Vó Honorina, sabedora da possibilidade de transformação do indivíduo por meio da educação, logo comprou um fardamento escolar (camisa branca, short azul-marinho e nos pés o famoso Conga), fardamento caro para pretos e pobres. Mas a lavadeira, mulher negra também sabedora das águas assim como “Sabela”, derramando suor provocado pelo calor do ferro à brasa de carvão, tinha um plano e a despesa com fardamento era pequena perto de sua grandiosidade. E que plano era esse? Responde ela, Vó Nore: “você vai para a escola meu filho para amanhã ou depois você ser alguém na vida. Não tenho riqueza para te dar, mas vou te dar a melhor das riquezas, que ninguém poderá tirar, educação, essa, frisava ela, você tem e leva aonde quer que você vá e ninguém pode tirar, só isso que posso te oferecer.” Nesta lembrança da fala de Vó é apresentado meu maior presente, a educação e hoje posso dizer que não foi uma educação no singular e sim no plural, pois não foi só a oportunidade de educação escolar formal que recebi e sim outras tantas:

- “vá arrumar sua cama”,
- ah Vó mas eu não sei forrar a cama
- faça do seu jeito que depois eu olho e ajeito
- Lave seu sapato
- Tá bom Vó, depois que eu brincar eu vou lavar
- Não, lave depois você brinca, primeiro a obrigação para depois a devoção!

Confesso que não entendia estes ditados enigmáticos, mas seguia-os.

Muitas são as mulheres negras, mães solas, avós, tias, irmãs que têm a árdua tarefa de educar seus/as filhos/as e parentes objetivando que os mesmos sejam cidadãos e cidadãs em sua plenitude. Uma tarefa que atravessa o tempo e carrega circunstâncias diversas para acontecer. Não se pode perder de vista que às mulheres são delegadas responsabilidades ostensivas em meio a uma sociedade de base machista e patriarcal que exime em grande parte o homem da responsabilidade para com seus entes. Não por acaso, mulheres empobrecidas têm jornadas

duplas de trabalho para darem conta do mínimo de subsistência para que sua família não entre no colapso projetado pela sociedade capitalista, exploradora da miserabilidade.

Assim, Vó Honorina, “Regina Anastácia” e “Sabela” trazem em seu atuar na sociedade e no seio familiar a força geratriz da transformação de realidade, projetando nas pessoas a possibilidade de mudança: “Regina Anastácia” com sua mãe ergue a família com uma padaria artesanal, tornando-a independente das amarras do grande poderio da família D’Antanho; “Sabela” com sua sabedoria e corpo-água consegue gerar prosperidade à comunidade que pertence e Vó Honorina com sua força de trabalho e astúcia de vida gere sua família e encaminha os seus pelo viés educacional como instrumento de transformação social. O poder destas mulheres reside em seus corpos e mentes ativos, em constante ação, atentos aos movimentos da sociedade.

Até aqui falei de mim, gritando sobre quem foi Vó Honorina, sua origem, sua família numerosa de netos, já que ela foi filha única e teve um único filho também. Falei de sua condução de minha educação e direcionamento formativo desde criança. A partir daqui vou afunilar e delinear a atuação de Vó Honorina, a médica das ervas. Antes de finalizar este tópico caberá esclarecer o porquê chamo-a de Médica das ervas, expressão tão frisada ao longo dos escritos desta seção.

É preciso contar nossa história e a história dos nossos fazendo uma ressignificação de nosso atuar dentro da sociedade. Desta forma, ao trazer Vó Honorina como Médica das ervas é no intuito de reverenciar seu conhecimento ancestral sobre as ervas medicinais, assim como Evaristo reverencia o Mulungu, um saber que aprendeu com suas mais velhas e aprimorou ao longo de sua vida. Um saber que é desprezado ou não validado pela academia enquanto fazer ciência ou como conhecimento verdadeiro por não seguir o manual academicista branco limitado e limitador dos conhecimentos que surgem das margens, visto como menor e por assim ser não tem escuta. Evaristo em sua narrativa puxa das margens e coloca no centro os saberes populares, a linguagem do cotidiano e desconstrói o modelo da academia quando faz a valorização dos saberes comunitários, das plantas (mulungu) e seus usos ancestrais. Caminhando nesta vertente está Vó Honorina, mulher negra e periférica que tem conhecimentos acumulados de suas antepassadas, amplia-os e ensina-os aos novos. Neste aspecto do tratamento da produção do conhecimento, sua validação e sabedoria popular não tem o mesmo tratamento do conhecimento produzido pelos brancos, pois é tido como menor, parafraseando Grada Kilomba (2019) que ao falar da validação do discurso diz que quando os sujeitos brancos falam é científico, quando nós, pessoas oriundas das margens, falamos é acientífico (Kilomba, 2019, p. 52).

São frescas as cenas que brotam de minha memória das inúmeras pessoas que procuravam a Médica das ervas em busca de uma folha que aliviasse uma dor estomacal, uma enxaqueca duradoura, uma febre, uma ferida custosa em curar, uma insônia persistente, ou ainda uma moleza do corpo. Não tinha um conhecido que doente estivesse que não procurasse Vó Honorina em busca de um remédio e aos que não conheciam, em casa chegavam por meio de uma indicação: “Oxe, procure dona Honorina que, com certeza, ela vai ajudar, pois eu estava doente e melhorei bastante com a graça de Deus e depois com a ajuda dela”. Não demorava muito para o/a desconhecido/a aparecer esperançoso/a pelo socorro da velha Honorina.

Aos pequenos acometidos por uma forte gripe, a Médica das ervas colocava as mãos habilidosas em efetiva ação: escolhia as folhas medicinais com precisão para fazer o famoso e milagroso lambedor (xarope caseiro). E assim o caldeirão das porções mágicas fervilhava no fogareiro de carvão: raízes de fedegoso, carrapicho-de-agulha, buticudo, cebola branca, alho-macho, folhas de agrião, cravos, canela, mel, etc., estes e outros ingredientes viravam o melhor dos remédios nas mãos de Dona Honorina. A procura era grande em épocas de baixa temperatura e aumento dos resfriados, principalmente entre os infantes. Os médicos formados na academia certamente eram consultados, mas Dona Honorina era a médica mais acessível, linguagem do povo, acalento de mãe, vó, bisavó e tataravó, pois a Médica das ervas no auge de seus mais de 90 anos conseguiu todos esses títulos, hoje quase inalcançáveis às novas gerações.

Essa busca popular por pessoas da comunidade com notório saber em plantas curativas é uma prática que todos sabemos que existe e quando voltamos à reflexão da importância destas pessoas, principalmente na figura de mulheres, percebemos que o descaso dos governantes em oferecer um atendimento médico de qualidade e de fácil acesso poderia ser muito pior para as populações marginalizadas se não existissem matriarcas como Vó Honorina que ao longo da vida, diante de tantas dificuldades foi acumulando saberes e ajudando sua família e comunidade a vencerem as dificuldades com saúde, educação, alimentação, etc. O saber sobre as plantas que curam vem principalmente dos povos indígenas, dominadores dos segredos das plantas.

Eu vejo ela como uma... como é que eu posso falar isso? [...] A questão de Vó, era uma espécie de pajé, pronto, vou dizer isso, como se fossem os indígenas, tinha que o pajé ir procurar, ela era como se fosse um pajé, daquela tribo onde ela convivia, daquela comunidade onde ela convivia. Então, assim, ela era procurada para isso (Morais, 2023, informação verbal).

Assim, diante do falado, a expressão “Médica das ervas” ganha sentido. Usá-la é engrandecer e reconhecer o trabalho social comunitário realizado por Dona Honorina. É ressignificar uma prática ancestral de relevância imensurável em um ambiente que muitas vezes

tem o descaso governamental como ordem do dia. Portanto, se uma mulher negra, sábia, desenvolve um trabalho de cura por meios naturais, com conhecimentos vindo de suas ancestrais, promovendo saúde, essa mulher está praticando a arte da medicina, uma medicina diferente daquela da academia, talvez questionada dentro dos critérios científicos, pois como já afirmou Antônio Bispo, “os saberes considerados válidos são aqueles que a universidade converte em mercadoria” (Bispo, 2023, p. 65), mas essa mesma mulher negra sábia jamais foi questionada por aqueles que muitas vezes só tinham o socorro imediato daquela que dominava o poder de cura através das plantas, então, parece justo atribuir a esta mulher o título de médica, uma médica diferente das que se formam na universidade, uma doutora formada pela vida, que teve livros vivos que foram sua mãe e avó, pois “Somos povos de trajetórias, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo” (Bispo, 2023, p. 65), conforme poderá ser percebido literariamente no poema “Vozes-mulheres” de Conceição Evaristo, mais a frente. Como prática residente de medicina teve as circunstâncias da vida cotidiana de sua comunidade e das folhas e raízes fez seu receituário, nasceu então Honorina, a Médica das ervas.

O socorro que a vizinhança buscava com Dona Honorina não era só em razão do conforto físico, bem-estar do corpo, mas também procuravam o conforto espiritual, um alívio das dores da alma e o desassossego metafísico. Aqui eu me refiro à ajuda dada através do ato de benzer, das rezas que eram feitas com utilização de folhas ou galhos de folhas específicos. A Médica das ervas também era benzedeira.

2.1.1 Espiritualidade e vivência por meio das folhas: religiosidade sensível

Salve as folhas
 Sem folha não tem sonho
 Sem folha não tem vida
 Sem folha não tem nada
 Quem é você e o que faz por aqui
 Eu guardo a luz das estrelas
 A alma de cada folha
 Sou Aroni
 Così euê
 Così orixá
 Euê ô
 Euê ô orixá
(Ildásio Tavares/Gerônimo)

A religiosidade é um fenômeno em muitos casos inexplicável, pois em se tratando do mundo da fé, as pessoas têm suas crenças que muitas vezes não têm a mesma relevância das demais pessoas.

Estou fazendo o exercício de recolha na memória de fatos históricos que agora coloco como importantes sobre o atuar de Vó Honorina, com o objetivo de externar seu protagonismo social enquanto mulher negra que faz parte do grupo de pessoas que historicamente sofreram com apagamento e silenciamento de seus feitos. No campo da religiosidade, saltam da memória as práticas sagradas através do ato de benzer as pessoas e que Vó fazia com constância desde muito nova.

Já sinalizei o domínio do conhecimento das folhas como uso medicinal para curar as patologias do corpo. O uso das folhas não estava reservado apenas à cura do corpo físico, mas também do aspecto espiritual.

Mais à frente será falado de “Sabela”, a mulher que dava sinais do tempo através de seu corpo, um corpo que porejava água. Aqui, quando falo sobre a Médica das ervas, ressalto que Vó sentia a energia espiritual dos corpos das pessoas em seu corpo e através das folhas buscava socorro das almas que a procurava. Era através das folhas do pinhão-roxo, da goiabeira, da arruda, guiné, pinha, vassourinha do campo, alecrim, entre outras folhas que Vó Honorina selecionava três ou cinco galhos como instrumentos de suas rezas para assim desvelar aflições da carne e do espírito. As folhas davam sinais daquilo que os olhos comuns não enxergavam, mas que aos olhos da velha Honorina eram tão claros como a luz do sol, olhos que enxergavam nitidamente tanto as coisas do mundo físico como do espiritual.

Ao identificar a importunação que afetava o bem-estar das pessoas, o corpo de Vó emitia sinais: um arrepio, tremores, um bocejar que poderia ser rápido ou constante e numa intensidade que às vezes fazia interromper as palavras emitidas durante a reza momentaneamente e na volta da fala, no ato da reza era comum ouvir da benzedeira: - “louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo, Nossa Senhora do Desterro, desterrai tudo que for ruim da vida e dos caminhos de...” (aqui era falado o nome da pessoa que estava sendo rezada). Seguiu-se o ato da emanção de voz-reza, da revelação com as folhas e o corpo de Vó dando sinais sobre outros corpos físicos e espirituais. Recorro ao depoimento memorialístico de Ana Lúcia, primeira neta de Vó Honorina, para reafirmar a revelação pelas folhas e o trânsito de sensações entre os corpos durante o ato de rezar, diz Ana:

O que eu percebia que eu entregava a ela, as folhas tudo “verdinha”. Quando ela terminava de benzer, as folhas estavam todas murchas. Muitas vezes até secava alguma. Ficava escurinha. Era fantástico aquilo. E tinha determinadas pessoas,

quando ela terminava de rezar, ela ficava... meia mole, né? Cansada. Eu dizia: oh Vó por que a senhora tá assim? Nada não. Nada não (Morais, 2023, informação verbal).

Saltam de minha memória as inúmeras pessoas que buscavam em Vó o entendimento de suas aflições e ajuda para ficarem boas de suas doenças físicas. É nítida a percepção da sensibilidade da velha Honorina em ser acolhedora, em sua maestria em fazer anamnese através de um papo descontraído na medida do possível e em seguida ir ao seu quintal, farmácia natural, para pegar a folha ideal para o caso, muitas vezes eu era solicitado a buscar tais folhas, assim como minhas irmãs quando estávamos presentes, mas jamais permanecermos próximos ao espaço de realização da reza, geralmente na porta de saída para o quintal.

Lembro-me que o ato de benzer iniciava com o sinal da cruz, depois era solicitado o nome de registro da pessoa, para em seguida começar com algumas orações: primeiro um Credo, depois o Pai Nosso seguido de uma Ave-Maria. Outras orações eram proferidas, porém não eram audíveis, pois estas saíam como balbucios nos quais geralmente acontecia o bocejar já falado, interrompendo ligeiramente a reza. Após isto, as folhas utilizadas eram lançadas em direção ao pôr do sol para em seguida serem dadas orientações e indicações de chás, banhos com ervas e outras precauções alimentares, de relacionamentos no trabalho da pessoa ou ainda com pessoas com as quais o/a rezado/a tinha contato. Mais uma vez chamo Ana Lúcia para entrelaçarmos nossas memórias. Sobre os efeitos e recomendações de Vó rezando, Ana lembra que

Ela fazia um ciclo de orações, três dias seguidos. Então, se a pessoa chegava bem ruim no primeiro dia, no terceiro dia a pessoa já estava bem. Criança, então, era muito comum. Então, as mães tinham aquilo... oh nasceu um bebê, logo depois, passava o quê? Aquela coisa do sete dia, né? Depois de um mês. Com um mês, já levava a criança pra vó benzer. Aí, o quê que ela indicava? Figueirinha de arruda, pra colocar. No pulso as pessoas iam, faziam (Morais, 2023, informação verbal).

É perceptível que a busca pela casa da Médica das ervas era justificada pelo acolhimento e tratamento recebido, os quais não eram encontrados no tão difícil consultório médico das unidades de saúde. Como não querer um atendimento humanizado de uma pessoa que para além da amizade poderia ajudar com uma palavra de conforto espiritual, um incentivo para cuidar do corpo deixando determinados hábitos alimentares prejudiciais à saúde, receber um conselho de uma mulher que conhecia os meandros da vida na prática.

Vó Honorina tinha o saber e a visão daquilo que a medicina mais especializada não dava conta, ela vivia e sentia o invisível, o que estava no plano espiritual e que só a fé religiosa dos envolvidos permitia entendimento e podia fazer acontecer. Nesta peculiaridade residia a busca

pela Médica das ervas, um atendimento pelo qual nada era cobrado, pois como dizia Vó quando perguntada o porquê de não cobrar pelas rezas e ajudas ela respondia: “não posso cobrar pela graça que Deus me concedeu, de graça daí o que de graça recebeu!”. E continuava: “aqui eu não faço nada, eu não curo ninguém, as pessoas ficam boas pela fé delas em Deus e com o que têm no coração, o que eu faço é rogar pela misericórdia do céu”.

Em busca de auxílio celeste e abrandar as dificuldades terrenas, Vó Honorina foi mulher de luta, múltipla em realizar tarefas trabalhistas em prol do pão de cada dia, mas não deixava sua espiritualidade de lado. Não deixava de frequentar os festejos religiosos promovidos pela Igreja Católica, assim como casa de amigas que faziam festa de santo dando caruru em sinal de sua devoção. Vó Honorina não tinha essa prática religiosa, mas ia à casa da grande amiga, Dona Maria de Lourenço, benzedeira, onde era uma das puxadeiras de rezas acompanhadas de palmas e coro das demais pessoas. A amiga era também companheira dos festejos da Semana Santa, das procissões ao Monte de Bom Jesus, festa da Paróquia, entre outras. Era uma mistura de ritos religiosos que as devotas benzedadeiras não deixavam de praticar ano pós ano e levar os seus para participarem e aprenderem, eu era um destes participantes assíduos.

Figura 2 - Monte Bom Jesus - Itaberaba-Ba



Fonte: imagem da internet.

A fotografia acima, assim como a que virá em seguida são muito antigas. A primeira retrata o caminho, ainda sem pavimentação, até chegar ao topo do Monte de Bom Jesus, no qual, tem uma pequena capela no seu alto e a segunda é referente à Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário em Itaberaba-Ba. Dona Maria lembra das dificuldades de locomoção e também da saudade dos eventos religiosos da igreja

Aquela ladeira, cavava degrau pra poder passar. Assim de madrugada quando era tempo de Santa missão, lavantava meia noite pra ir pra igreja, pra ficar lá rezando,

manhecia o dia. Era de madrugada e a boca da noite tinha o sermão e tinha o beja pé, quando era missionária, os missionários vinha fazer Santa missão. Era um castigo, viu? Mas tinha que todo mundo tá ali rezano, ninguém dava risada, tudo ali rezano, tudo sentado ali na porta da igreja [...] eu sei que era bom, viu? (Alves, 2024, informação verbal).

Figura 3 - Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário - Itaberaba-BA (1955)



Fonte: IBGE.

Um dos eventos religiosos mais esperados era a procissão do Domingo de Ramos. Honorina vestida de branco, cabelos alvos bem penteados e com um coque ou polpa bem ornada com uma presilha com umas pedras luzentes, o cheiro do talco passado no colo ainda sinto, nas mãos um rosário para acompanhar as preces marianas, nos pés uma sandália ou sapatilha sem salto completava a suave elegância daquela rainha, senhora de si, protagonista de sua vida e de tantos outros que pela vida direcionou. O Domingo de Ramos era aguardado pois dali ficariam guardados durante todo o ano os ramos abençoados durante a procissão e que serviriam como instrumentos de proteção dentro dos lares das pessoas. Em nossa casa os ramos ficavam o ano todo, até a próxima procissão, junto ao oratório posicionado para porta de entrada da casa, era como um escudo protetor contra qualquer energia negativa que porventura chegasse.

Fazendo uma comparação, nota-se certa semelhança entre “Sabela” e Vó Honorina quanto ao uso dos ramos bentos durante a procissão do Domingos de Ramos, ramagens essas usadas como amuletos de proteção. Veremos que “Sabela” queimou os gravetos dos ramos para afastar o mal e abrandar as águas e Vó Honorina os utilizavam como escudo sagrado dentro de casa como proteção.

A personagem da ficção de Evaristo, a partir da ideia de escrevivência, dialoga com personagens da vida real como a de Vó Honorina, ou seja, a escrevivência aciona muitas outras histórias de mulheres e homens, principalmente de mulheres negras, assim é possível ver na história de “Sabela” a história de Vó Honorina acontecer com muita similaridade.

O breve recorte sobre a espiritualidade sensível de Vó Honorina acima, apresentada de maneira muito curta, externa a prática de religiosidade da Médica das ervas que possuía uma sensibilidade espiritual diferente, ela conseguia ver o invisível nas pessoas e recorrendo aos ensinamentos mais profundos da natureza, uso das plantas, conseguia exercer um papel social fundamental no campo da saúde e com seus conselhos, de quem conhece a vida, conseguia levar conforto de espírito às pessoas. A Médica das ervas usando de sua sensibilidade espiritual e de seu corpo tocou muitas vidas, deixou muito de sua essência em outras pessoas e destas conseguiu ter meios de melhorar seu ser, ela mesma afirmava “cumprir minha missão dada por Deus”.

Falei sobre o campo da religiosidade até aqui, agora passarei a falar sobre a vida trabalhista de Vó Honorina, uma jornada cheia de desafios, águas, calor, suor e sabão como era comum na prática cotidiana de mulheres lavadeiras como foi o caso de Vó.

2.1.2 Entre esfregões e o ferro de gomar, eis a vida trabalhista multifacetada de uma lavadeira

A vida de lavadeira como tantas outras profissões que nascem como meios únicos de sobrevivência e com baixa remuneração não é fácil de ser gerida. Vó teve a maior parcela da vida dedicada ao trabalho de lavadeira, uma ocupação extenuante em que necessitava acordar muito cedo, carregar peso, permanecer por muito tempo em posição desconfortável à coluna, entre outras desvantagens à saúde. Essas péssimas condições de trabalho sabemos que foram e continuam sendo uma constante na vida dos trabalhadores e trabalhadoras que não tiveram oportunidades outras na vida, restando-lhes ofícios que ao longo do tempo se apresentam danosos à saúde física e mental das pessoas.

Para melhor compreender essas dificuldades dentro da profissão de lavadeira que afetavam toda uma classe de mulheres que tinha no ofício o meio de vida, recorro mais uma vez à pesquisa da professora Iêda Carvalho (2012) na qual Vó Honorina expõe as relações sociais e os enfrentamentos aos obstáculos em períodos de dureza e escassez. No depoimento também fica evidente o quanto a união, o poder da engenharia social da amizade serviram de apoio para amenizar a labuta diária entre mulheres que muitas vezes só tinham a si próprias como rede de apoio e superação. A seguir, o relato de Vó Honorina trata de como conseguia realizar suas tarefas de ganho usando a água dos reservatórios da Fazenda Jabuti, os quais tinham acesso restrito por ordens da proprietária.

A dona era a finada Maninha eu sei que ela morava na Praça do Rosário e o vaqueiro da fazenda chamava, a mulher chamava Celina e tratavam ele, ele era Raimundo. Ela não queria que lavasse, mas o vaqueiro, num era todo mundo que lavava, era eu, a mulher dele e mais duas filhas dela. Ela nu deixava ninguém lavá não, era uma dificuldade minha filha e pa subi pa cima daquelas serras, ai, ai. Dona Maninha não deixava pra num gastá água. Pra mim nu cobrava não, porque eu lavava com a mulher do vaqueiro. Lá ninguém lavava,... eu lavava porque tinha uma amizade fina eu mais celina (Depoente Honorina Félix da Costa. *In*: Carvalho, 2012, p. 66).

O excerto acima, expõe as desigualdades entre ricos e pobres e o controle dos recursos naturais por aqueles que detém a posse de grandes propriedades, usando do poder econômico para ditar as regras e o que os menos garantidos podem ou não fazer. Mostra também a estratégia de resistência, que é a união e camaradagem entre as mulheres negras, utilizadas historicamente para resistirem à opressão e controle dos seus corpos.

No meu viver de memória me invade o cheiro do sabão exalado pelas roupas estendidas no varal, roupas das mais variadas: de adulto, de homem, de mulher, de criança. Roupas diversas em cores, mas o destaque estava nas brancas que tinham um árduo trabalho para ficarem alvas depois de chegarem agredidas por manchas amarelas, marcadas por molhos e outras impurezas, necessitando de cuidados especiais que só mãos habilidosas e mente conhecedora de porções mágicas conseguiriam resgatar a branquidão original de tais tecidos. Era um árduo trabalho realizado por Vó e que encantava não só os meus olhos-menino, mas também os das donas das peças que encantadas ficavam com a limpeza e restauração perfeitas realizadas por Dona Honorina, uma das mais requisitadas lavadeiras da cidade.

A arte de lavar não se encerra apenas no molhar, esfregar, quilar, enxaguar e secar. Pós este processo vem outra fase que embeleza as vestimentas, a cereja do bolo que é o passar e deixar lustrosas as vestimentas. Em tempos outros o passar de roupas não se dava com a utilização de ferro elétrico e sim com ferro à brasa. Só depois é que os ferros elétricos são popularizados e chegam para amenizar o desconforto causado pelas cinzas aos olhos das lavadeiras quando precisavam assoprar as brasas no interior do ferro de passar, afinal precisavam ser mantidos quentes para um bom trabalho de tirar os amassos das roupas e aquelas que recebiam parafina (produto usado para fazer velas) como por exemplo as roupas de linho, o ferro precisava estar em uma temperatura considerável, para tanto o termômetro da experiência da lavadeira precisava ser certo.

A vida trabalhista de tantas mulheres negras sempre foi marcada por condições extenuantes e dilapidadoras da saúde feminina. O ofício de lavadeira foi uma das saídas que mulheres negras tiveram como oportunidade de manterem suas famílias pós período escravagista, atividade já praticada durante a vida de escravizadas, assim o que restava para

estas mulheres era uma continuidade nas atividades que já desenvolviam. Habilidades com a cozinha, limpeza, lavagem de ganho e comercialização de produtos ganham força diante da falta de outras oportunidades, portanto tais atividades acabaram passando de geração em geração. Vó Honorina foi uma mulher multifacetada dentro do campo trabalhista, pois como já foi dito, em nome de sua independência e sobrevivência com seu único filho desenvolveu atividades como lavagem de ganho, empregada doméstica, quituteira e comerciante de animais criados no quintal de sua casa.

Aqui se aproxima a sagacidade e garra de “Regina Anastácia” e sua mãe Saíba em enfrentar as dificuldades econômicas e desenvolverem estratégias que promovessem a independência financeira da família do poderio econômico instituído. Manter a casa e direcionar a família por mulheres negras foi e ainda é muito comum. Tais feitos serão constatados nas histórias de “Regina Anastácia”, “Sabela” em análise mais a frente, histórias que são atravessadas por circunstâncias muito similares e que externam as bases históricas de nossa sociedade. Uma aproximação vista na condição da mulher negra que é mãe solo, que tem uma família numerosa, sem recursos e que precisa se desdobrar para ter a sobrevivência de sua família garantida. Sendo assim, essas histórias acabam demonstrando uma ligação por meio destes atravessamentos que muito dizem sobre a ancestralidade negra, suas batalhas, mas acima de tudo suas vitórias e ressignificações enquanto povo.

Antes de tratar das histórias de “Regina Anastácia” e “Sabela”, falar de escrevivência e suas bases conceituais se faz necessário, já que tais histórias são produtos da escrevivência de Conceição Evaristo, mãe do conceito em questão, assunto do próximo capítulo que segue.

3 ESCRIVIVÊNCIAS: FIRMANDO CONCEITO

Escrevivência é um termo teórico criado por Maria da Conceição Evaristo ainda no mestrado, em 1995. É também um operador de leitura que questiona a teoria literária tradicional por não dar conta da sistemática e da lógica da literatura afro-brasileira. Uma escrita que traz as vivências históricas em especial das mulheres negras e populações afro-brasileira em geral que quando pensadas a partir deste lugar particular trazem outras narrativas que reescrevem a história do país a partir de vozes antes subalternizadas e silenciadas historicamente.

Evaristo melhor nos conta o surgimento e definição do termo *escrevivência*:

Eu venho trabalhando com esse termo desde 1994, 1995, quando eu faço minha dissertação de mestrado, e aí eu começo a fazer um jogo entre escrever-viver, escrever-se-ver, escrever-se-vendo, escrevendo-se, até chegar ao termo *escrevivência*. Mas o ponto de nascimento dessa ideia traz um fundamento histórico, que é esse processo de escravização dos povos africanos e eu estou pensando muito nas mulheres africanas e suas descendentes escravizadas. E por isso que eu digo: ‘a nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa grande, e sim para acordá-los de seus sonos injustos’ (Evaristo, 2021 *In*: Guzo).

Assim, o termo surge como uma evidência teórica explicativa de um outro modo de escrever, analisar e recontar literariamente os processos históricos pelos quais o povo negro passou, um processo de escravização de corpos e mentes baseado na exploração física e cerceamento da voz, em especial das mulheres negras. Ainda sobre a justificação do surgimento do termo *escrevivência*, continua Evaristo

Quando eu digo isso, uma imagem que sempre me perseguiu foi a imagem da mãe preta, aquela mulher escravizada dentro da casa grande e que era responsável pela prole colonizadora. E essa mulher num dado momento do dia, uma das funções dela como corpo escravizado dentro da casa grande, era levar as crianças para dormirem, e ela vai para esse exercício de contar histórias (Evaristo, 2021 *In*: Guzo).

Cabe ainda ressaltar que a *escrevivência* proposta por Evaristo não é um conceito fechado em si, mas que é aberto e se transforma ao longo do tempo por agregar novas contribuições que expandem sua base de valorização da coletividade em um processo constante e contínuo de transformação. Mais à frente entraremos com maior profundidade sobre o processo de criação do termo *escrevivência* e também sobre a vida da autora, retomando ideias aqui já postas com a finalidade de ratificá-las e consolidá-las na escrita presente.

Quem de nós não tem uma história de vida pessoal, de um familiar, amigo, conhecido ou até mesmo desconhecido que não deixou marcas em nosso ser enquanto ente social? Quem

nunca passou por determinado acontecimento que deixou impresso em nossa memória marcas indeléveis, sejam elas de dor, alegria, saudades e recordações? Somos seres sociointeracionistas em maior ou menor grau e das interações criamos laços que nos acompanham ao longo da vida e passam a fazer parte de nossa existência aonde quer que vamos. Deste modo, estamos renunciando aqui o que vem a ser *escrevivência* e sua função em manter vivas nossas memórias e as dos nossos em representação enquanto povo negro.

A *escrevivência* pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si (Evaristo, 2020, p. 35).

Quando, enquanto escritores afro-brasileiros, contamos uma história que aconteceu conosco, com outras pessoas, em determinado lugar ou em outras tantas situações e com personagens diversos tendemos a trazer fatos e aspectos nas narrativas que podem ser fiéis aos acontecimentos ou mesmo acrescentarmos, inventivamente, elementos que garantam atenção e solidez à narrativa. Evaristo (2020) pontua com clareza que

nossa *escrevivência* traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como a diáspora africana (Evaristo, 2020, p. 30).

Portanto, não é uma simples escrita que irá se configurar em *escrevivência* como porventura possa parecer nossa colocação, mas um conjunto de elementos históricos que remontam à coletividade representando o povo, sua memória ancestral e não uma escrita individual.

O ato de contar histórias é milenar, faz parte de nossa natureza, pois a própria ação de narrar garante a nossa existência e permanência no mundo, ou seja, contar história é garantir que a vida dê continuidade. Precisamos apresentar conhecimentos construídos anteriormente aos nossos descendentes para que estes os transformem segundo seu tempo e assim garantam o desenvolvimento da sociedade da qual faz parte. O ato de contar histórias com a finalidade de passar experiências aos mais novos aparece no conto “Regina Anastácia” e na novela “Sabela”, textos literários que trazem histórias que se entrelaçam com a história de Vó Honorina, a Médica das ervas e que serão analisados mais à frente.

Além disso, *escrevivência* surge como maneira de trazermos à luz do mundo, histórias que, embora contenham fatos particulares, representam uma coletividade que comunga de mesmos preceitos, características, cultura de um povo. A *escrevivência* busca esmiuçar diversos andares no mundo, os quais têm origem em passos já dados por nossos ancestrais, mas que não tiveram a oportunidade de escreverem seus feitos e deixarem registradas suas andanças entre nós. Assim, através dos fragmentos valiosos de histórias, muitos de nós os resgatamos, numa colheita árdua e muitas vezes não prazerosa para, enfim, reconstruir histórias passadas que se entrelaçam com as nossas e ajudam a nos entender enquanto seres históricos e humanos.

Antes de falar de maneira mais aprofundada sobre *escrevivência* como meio de ressignificar a existência, vale uma pausa para uma apresentação sobre quem cunhou esse termo teórico literário: Conceição Evaristo.

3.1 CONCEIÇÃO EVARISTO, ÚTERO-MÃE DA *ESCREVIVÊNCIA*

Maria da Conceição Evaristo de Brito, mineira de Belo Horizonte, nasceu em 29 de novembro de 1946, segunda filha de nove irmãos, a mãe, dona Joana, sempre incentivou a filha a estudar. Apesar de uma vida difícil, Evaristo ressalta que foi rodeada de histórias e de palavras dentro de sua família, fato que lhe deu outra direção. Conseguiu concluir o curso Normal de Magistério e como tantas outras de nós, pessoas pretas, em busca de melhores condições de vida, migrou nos anos 70 para o Rio onde conseguiu emprego depois de aprovação em concurso público como professora.

Em 73, com ajuda de amigos, imigrei para o Rio de Janeiro, antigo Estado da Guanabara, depois de ter feito concurso naquele mesmo ano, para professora primária. Eu havia terminado o Curso Normal no Instituto de Educação de Minas Gerais, em 71. Tinha sido um período particularmente difícil para minha família e outras que estavam sofrendo com um plano de desfavelamento, que nos enviava para a periferia da cidade. Ao distanciarmos do centro de Belo Horizonte, não tínhamos nada, a não ser uma pobreza maior. Então, com um diploma de professora nas mãos e sem qualquer possibilidade de dar aulas em Belo Horizonte, parti de ‘mala e cuia’ para o Rio de Janeiro. Entrar para a carreira de magistério, naquela época, dependia de ser indicado por alguém e as nossas relações com as famílias importantes de Belo Horizonte estavam marcadas pela nossa condição de subalternidade. Aliás, nesse sentido, gosto de dizer que a minha relação com a literatura começa nos fundos das cozinhas alheias. Minha mãe, tias e primas trabalharam em casas de grandes escritores mineiros ou nas casas de seus familiares. Digo mesmo que o destino da literatura me persegue... (Evaristo, 2009 *In*: Literafro).

Em 1987 entra no curso de Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UERJ, em 1992 vem o mestrado em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a

dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, mestrado este que Evaristo gesta em seu útero intelectual o termo *Escrevivência* que mexe como toda a teoria da literatura diante de sua importância conceitual. Depois vem o doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos*, na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edmilson de Almeida Pereira em confronto com a do Angolano Agostinho Neto (Literafro, 2004) concluindo no ano de 2011. Evaristo hoje é professora aposentada da rede municipal do Rio de Janeiro, militante do Movimento Negro, titular da Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência da USP desde junho de 2022, entre outras atividades que denotam a constante efervescência intelectual da escritora. Teve suas histórias (poemas e contos) editadas pela primeira vez em 1990 aos 44 anos na coletânea *Cadernos Negros*, organizada pelo coletivo paulista *Quilombhoje*. Seu primeiro e mais famoso romance foi Ponciá Vicêncio, publicado pela primeira vez em 2003.

A publicação nos *Cadernos Negros* evidencia a importância de um veículo para divulgação de textos de autoria negra.

Mais uma vez se faz necessário uma parada explicativa, desta vez o ponto de pausa é para falar brevemente sobre intelectuais negros/as que antecederam Evaristo e que foram de fundamental importância na construção da intelectualidade negra do Brasil, assim como falar sobre os *Cadernos Negros*, organizados pelo coletivo *Quilombhoje*, acolhedor da *escrevivência* de Evaristo e de tantos outros.

3.2 INTELECTUALIDADES NEGRAS E ESCRIVIVÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DE PERSONALIDADES E INSTITUIÇÕES NA PROJEÇÃO DA CULTURA NEGRA

Nós, pessoas negras, sempre procuramos ao longo da história nos firmar dentro da sociedade e garantirmos nossos direitos e marcamos nossa visibilidade, lutando contra o sistema social que sempre tenta nos silenciar e nos manter em locais de apagamento, sem protagonismo que nos é próprio e certo.

Com base no parágrafo acima apresento alguns intelectuais que dedicaram a vida em prol da coletividade, do combate ao racismo, da valorização do povo negro e também da criação de instituições e organizações que garantissem base de firmamento cultural, político e educativo do negro pelo próprio negro, afinal, nós enquanto negros e negras somos potência em todas as áreas que quisermos atuar. Desta forma, nomes e feitos serão agora postos evidenciando as potencialidades negras, sua inventividade em dar forma ao novo e inusitado, externando o que

chamamos de genialidade no sentido de criação e transformação social por meio da intelectualidade.

Os nomes que aparecem não têm ordem de importância e também não encerram o número de todos e todas intelectuais que muito fizeram e produziram em prol da causa negra, uma produção que existe há muito tempo, com relevância histórica, social e política, mas que não tem a valorização que merece, pois sofrem o apagamento e silenciamento sistêmico por parte dos que controlam economicamente a sociedade. O primeiro nome que apresento é Domingos Caldas Barbosa,

poeta e modinheiro do século XVIII. De origem mestiça – um fulo, de cor parda, segundo certa terminologia racial –, filho de um português com uma negra escrava, escapam-nos os nomes do pai e da mãe. Quanto ao pai, supõem os biógrafos do poeta que tenha sido um homem rico, uma vez que matriculou o filho no Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro (Marques, 2011, p.49).

Caldas Barbosa figura um dos nomes de grande relevância dentro da literatura enquanto instrumento cultural e de representatividade popular, pois sua obra possui uma versatilidade que precisa de uma análise desprendida de preconceitos lançados em autores e autoras que se propõem a tratar do que é considerado margem. Assim, Marques (2011) coloca que

uma avaliação mais adequada da figura de Domingos Caldas Barbosa e de sua obra demanda hoje um olhar desembaraçado de alguns preconceitos e estereótipos raciais, que marcaram certa recepção crítica de sua obra. Importa problematizar, por exemplo, o enquadramento do poeta e compositor na perspectiva do negro mazombo, dolente, dengoso, bajulador, do mulato de voz quente. Um tal enquadramento desliza para caracterização de seu estilo como espontâneo, simples, fácil, em suma, popular; ressalta o embalo preguiçoso e dolente de suas cantigas, em contraponto com o difícil, trabalhoso, elaborado, próprio das obras tidas como de autoria, atitude que termina por negar às manifestações culturais populares, como as modinhas, a possibilidade de se constituírem em verdadeiras expressões artísticas, relegando-as ao reino do anônimo, espontâneo (Marques, 2011, p. 53).

Para fechar a breve lembrança e menção de Caldas Barbosa e ainda trazendo dados que completam sua importância e de sua obra no cenário da intelectualidade negra, Marques (2011) tratando da obra do intelectual diz:

Obra ambivalente, mescla de literatura oficial, tributária dos salões e agremiações literárias do século XVIII, e arte popular, de poesia e música. Como um ator afrodescendente, fruto da mistura de raças e culturas, Caldas Barbosa opera, em plena Lisboa do final do Setecentos, com seu ambiente internacionalizado, deslocamentos culturais significativos ao fundir as tradições orais e populares de suas origens brasileiras com a cultura letrada palaciana, apegada à literatura e música clássicas. Injeta no formalismo da cultura arcade-neoclássica, típica das elites que o acolhem e amparam, o coloquialismo dos versos se suas modinhas e lundus, mais próximos de

uma cultura popular urbana emergente, o que talvez explique o seu sucesso e o ciúme que desperta entre os seus pares (Marques, 2011, p.53-54).

Caldas Barbosa eleva a arte das palavras ao considerado centro da cultura e dissemina a cultura popular de cunho oral, quebrando de certa forma o padrão de se produzir arte da época contemporânea a ele, esse movimento novo de produção de arte podemos entender como uma ação de resistência e propagação de outro pensar na sociedade e para a sociedade, levando em conta outros atores sociais, outros protagonismos ressignificados.

Outro nome que apresento é o de Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira mulher negra a escrever um romance abolicionista.

Maria Firmina dos Reis (1825-1917) surge nas letras maranhenses como a autora do primeiro romance de autoria feminina brasileiro, que é também o primeiro a defender o abolicionismo no país, com *Úrsula, romance original brasileiro, por uma maranhense* (1859). Fez ainda muitas outras referências à escravidão e ao abolicionismo em seus poemas e contos, publicados nas revistas de São Luís (Lobo, 2011, p. 111).

A intelectual Maria Firmina dos Reis como sua obra *Úrsula* faz uma denúncia da nefasta escravidão e expõe a estrutura social com suas instituições que ficam neutras ou reforçam a exploração de humanos por uma parcela de indivíduos detentores dos meios de produção.

Na conclusão do romance, Maria Firmina mostra a forte ligação entre a estrutura da escravidão e a igreja, quando o padre sugere a libertação dos escravos da sua fazenda, como forma de penitência cristã. Isso porque a Igreja nunca se opôs formal ou diretamente às leis da escravidão, mas apenas se limitou a estimular atos esparsos de libertação de escravos. Ao tempo, a autora mostra a prepotência do patriarcalismo do tio comendador contra *Úrsula*, órfã e desprotegida (Lobo, 2011, p. 117).

Maria Firmina tem uma preocupação em trazer elementos sociais a partir do lugar do subalternizado e desta forma evidencia sua consciência enquanto negra, que reconhece suas origens ancestrais e a luta de seu povo.

A consciência da negritude de Maria Firmina dos Reis em sua obra pioneira consiste em ver a questão da abolição não sob um prisma universalista, europeizado e distante do cotidiano, mas sob a ótica do vencido, descrevendo as condições concretas do escravo. Ela insere em toda sua obra preciosos aspectos antropológicos que permitem ver a existência do escravo no seu aspecto real, sob a a violência e o jugo de senhores e feitores que agiam sob o amparo das leis – como a cena do assassinato da escrava Susana, em *Úrsula*. [...] Pôde ela assim observar a vida cotidiana do escravo porque também ocupava um lugar social de oprimida, como mulher e como afrodescendente. Observou de dentro, ao contrário de obras que descrevem a escravidão teoricamente. Foi a primeira escritora do Brasil a expressar o sentimento e as ideias abolicionistas em um romance, em 1859, e o fez explícita e corajosamente (Lobo, 2011, p. 119).

Tão consciente de sua negritude quanto Maria Firmina dos Reis e buscou afirmá-la socialmente foi Luiz Gonzaga Pinto da Gama ou como é mais conhecido: Luiz Gama, um baiano nascido no ano de 1830 na cidade de Salvador.

Filho de Luiza Mahin – negra da Costa de Mina, livre, da nação Nagô – e de um rico fidalgo, pertencente a uma das principais famílias de origem portuguesa da Bahia, foi vendido ilegalmente como escravo, aos 10 anos, pelo próprio pai, a fim de cobrir dívidas de jogo, contraídas a bordo do navio Saraiva (Campos, 2011, p. 125).

Apesar do infortúnio de ser vendido como escravo, Luiz Gama, parafraseando Campos (2011) morou no sobrado dos Cardosos, foi um menino que fez trabalhos domésticos de copeiro, foi sapateiro e aprendeu as primeiras letras “com um hóspede de Antônio Pereira Cardoso, chamado Antônio Rodrigues do Prado Junior”. Luiz Gama, entre altos e baixos torna-se um escritor que através de seu humor crítico incomoda com seus escritos.

Em um de seus poemas, ‘Lá vai verso’, Gama cognominou-se ‘Orfeu de carapinha’. Satírico mordaz, adentrou a cidade letrada do Segundo Império, nela afirmando sua etnia e sua história de vida, como um efetivo precursor da consciência negra. Preservou em sua poesia, elementos orais da tradição africana e satirizou valores hegemônicos eurocêntricos. Foi o primeiro escritor afro-brasileiro a resistir ao ideal de embranquecimento da sociedade da época, não apenas afirmando seu orgulho étnico, mas ainda zombando dos preconceitos raciais dos escravocratas com pretensões de nobreza e ‘pureza’ de sangue (Campos, 2011, p. 130)

Se Luiz Gama fez uso do humor como instrumento de combate ao preconceito racial e outras mazelas sociais, Afonso Henriques de Lima Barreto ou apenas Lima Barreto, nascido no Rio de Janeiro, crítico social e combatente da discriminação racial, fez uso da palavra como instrumento político de ação repressora e denunciativa de uma sociedade do século XIX que tinha por base a exclusão social. Sobre esses assuntos e outros Lima Barreto se debruçou e atacou com a finalidade de ter uma sociedade mais justa e equânime.

Lima Barreto escreveu uma vasta obra, incluindo conto, crônica, romance, uma peça de teatro, correspondência, crítica e memória. Há um relacionamento intrínseco entre esses textos, impulsionando o leitor a estudá-los de forma comparativa. Utilizou sua palavra como maneira de combater diferentes formas de dominação, de violência, denunciando a discriminação social e racial existentes no Brasil do século XIX e princípios do XX. Crítico social arguto, mostrou o compromisso da palavra escrita com a política. Sob essa perspectiva, criticou os regimes autoritários, as arbitrariedades ocorridas nos primeiros anos da República (Coelho, 2011, p. 294).

Lima Barreto atuou como jornalista e escritor literário participando ativamente da vida social e política do país e um outro jornalista que empunhou seus escritos em prol da literatura

negra no Brasil no intuito de firmar a cultura do povo negro e seus feitos foi Lino Guedes, desenvolvendo papel importante como um dos precursores literários e políticos.

Nascido em Socorro-SP, em 1897, o poeta e jornalista Lino Guedes foi um pioneiro na luta pela implementação da literatura negra no Brasil. Filho dos ex-escravos José Pinto Guedes e Benedita Eugênio Guedes, ele viveu seus primeiros anos em Campinas, São Paulo. Ali, formou-se na Escola Normal Antonio Álvares e iniciou sua carreira de jornalista trabalhando nos jornais *Diário do povo* e *Correio Popular* (Gomes, 2011, p. 349).

Como destaque na obra de Lino Guedes pode ser citado a valorização da contribuição histórica e a participação do povo negro na construção da sociedade e que pouco é lembrada e muitas vezes é silenciada e apagada da história oficializada, mas que com intelectuais críticos e atentos à dinâmica social, como foi o caso de Lino Guedes, os feitos do povo negro teve seu lugar no palco social e firmado nos escritos do poeta.

Ao escrever, Guedes tinha invariavelmente em foco a perspectiva da comunidade afro-brasileira, a quem dirigiu, primordialmente, a sua obra literária e dentro da qual, achava ele, deveria começar a verdadeira transformação social para o negro. Mostrou-se ambivalente diante da questão da identidade cultural, tão premente para as gerações posteriores e sempre marcante em outras formas culturais afro-brasileira, porém pouco enfatizada na incipiente literatura negra de então (Gomes, 2011, p.351).

Outro poeta considerado popular foi Solano Trindade, assim chamado pelo fato de dedicar-se às tradições culturais do povo negro tendo em vista e também como missão ter um mundo melhor com valorização das pessoas como elas são, sem discriminação ou inferiorização entre os indivíduos. Solano Trindade nasceu em Pernambuco e além de poeta “foi também teatrólogo, ator, pintor, fundador de organizações de militância negra, agente cultural, amante intransigente da liberdade, da liberdade do ser, da liberdade de expressão, da liberdade estética [...], poeta utópico, defensor intransitivo de sua ascendência africana” (Martins, 2011, p. 389).

Ainda sobre sua atuação social e definição de seu perfil de agente da cultura negra e seu fortalecimento, Solano Trindade foi

Militante ativo na ambiência cultural dos anos de 1930, é um dos organizadores, em 1934, do I e do II Congressos Afro-brasileiros, em Recife e Salvador, respectivamente, daí retirando subsídios para o agenciamento político-racial e cultural no qual já se engajara. Com o pintor Barros Mulato e o escritor Vicente Lima, funda, em Recife, em 1936, a Frente Negra Pernambucana e o Centro de Cultura Afro-brasileiro, que visava, segundo Álvaro Alves de Faria, ‘divulgar todo trabalho dos poetas e pintores negros’. Em um dos editoriais do Centro, a conscientização pacífica político-racial da sociedade e a ênfase na perspectiva pedagógica como meios no processo idealizado de transformações sociais e nas relações raciais, um dos traços mais marcantes do intenso engajamento de Solano, por toda sua vida, tornam-se já evidentes em um dos editoriais do Centro de Cultura: ‘Não faremos lutas de raças,

porém ensinaremos aos nossos irmãos negros que não há raça superior e nem inferior, e o que faz distinguir uns dos outros é o desenvolvimento cultural. São anseios legítimos, a que ninguém de boa-fé poderá recusar cooperação.’ No mesmo ano publica seu primeiro livro, *Poemas negros*, cujo título já epistemologicamente reivindica a negrura como um dos tons e marcas na construção de sua imagem poética (Martins, 2011, p. 392)

Na linha dos intelectuais criadores de instituição e organização sociais que fortaleceram o Movimento Negro, elevou a cultura negra e abriu trincheiras para que o povo negro pudesse mostrar suas potencialidades e firmar sua importância na construção da sociedade, aparece o nome de Abdias Nascimento, um expoente dentro da literatura e dos movimentos sociais negros. O professor Eduardo de Assis Duarte (2011) melhor define o perfil de Abdias quando o apresenta assim:

Neto de africanos escravizados, Abdias Nascimento nasceu em Franca-SP, em 1914. Seu pai, José Ferreira do Nascimento, era sapateiro, e sua mãe, Georgina Ferreira do Nascimento, tornou-se respeitada na cidade por seu conhecimento de ervas e remédios naturais, tendo também trabalhado como ama de leite em inúmeras fazendas da região. Abdias estudou no Ateneu Francano e concluiu o ensino médio como técnico em Contabilidade. Em 1930, buscou nas forças armadas uma forma de viabilizar sua ida para a capital e se alistou no Exército como voluntário. [...] Como militar, vive e reage a situações de discriminação racial, sendo preso e desligado do Exército em 1936. Neste ano, transfere-se para o Rio de Janeiro, reside no Morro da Mangueira e, mais tarde, na Baixada Fluminense, onde conhece Solano Trindade, poeta negro do Recife e militante de esquerda, com quem trava amizade. Forma-se em Economia pela Universidade do Rio de Janeiro, em 1938 (Duarte, 2011, p. 417).

Com um perfil revolucionário, Abdias Nascimento extrapola as margens e com sua produção e criações consegue balançar a estrutura social e cultural do país trazendo para o foco das manifestações e criações a herança cultural africana.

Sua vivência em terras fluminenses aproxima-o da herança africana, presente num leque de manifestações que vai da escola de samba Mangueira ao candomblé de Joãozinho da Gomeia, em Duque de Caxias. Propicia também o encontro com escritores e intelectuais, como os poetas argentinos Efraín Tomás Bó, Juan Raul Young e Godofredo Tito Iommi, com quem funda a Santa Hermandad Orquídea em companhia de Gerardo Melo Mourão e Napoleão Lopes Filho. No início da década de 1940, percorre com o grupo diversos países da América Latina, chegando a residir em Buenos Aires e Lima. Nesta cidade, assiste a uma encenação de *O imperador Jones*, de Eugene O'Neill, feita pelo Teatro Del Pueblo, com o ator argentino Hugo D'Eviéri pintado de preto para viver o protagonista. Esboça-se a partir de então o projeto do Teatro Experimental do Negro, sonho que se concretiza no Rio de Janeiro, em 1944 (Duarte, 2011, p. 417-418).

Na citação aparece a criação do Teatro Experimental do Negro (TEN) que foi um instrumento de grande relevância na projeção de grandes artistas negros e negras do Brasil serviu, portanto, como espaço catapultador de talentos que certamente seriam apagados da

história sem a existência do TEN em uma sociedade extremamente racista e silenciadora de representatividades ora subalternizadas e inferiorizadas como foi e ainda é com a população negra, embora muita coisa já tenha avançado no tocante à equidade social e de direitos. Sobre a criação do TEN e sua importância, o professor Eduardo Duarte diz que

A criação do TEN propicia a existência, nos palcos brasileiros, de um espaço criativo para o negro, excluído, à época, do meio teatral. O grupo estreia no Teatro Municipal em 8 de maio de 1945, justamente com a peça O'Neill, mas agora com Aguinaldo Camargo vivendo o protagonista. Além de revelar inúmeros atores e atrizes, a exemplo de Ruth de Souza, Grande Otelo, Léa Garcia, Marina Gonçalves, Sebastião Rodrigues Alves, Haroldo Costa, entre outros, o TEN agrega intelectuais e artistas afrodescendentes como Solano Trindade, Ironildes Rodrigues, Romeu Crusuê e muitos mais, a exemplo do maestro Abigail Moura e sua Orquestra Afro-Brasileira, operando dessa forma como grupo organizado de promoção da causa negra. A partir de então, arte e política não mais se separam na atividade criadora de Abdias Nascimento (Duarte, 2011, p. 418).

Talvez o TEN tenha sido um dos maiores feitos intelectuais que Abdias Nascimento tenha pensado para tornar o povo negro mais visível dentro das artes cênicas e ao lado desse colocamos também um conceito teórico que abarca o pensamento de Abdias Nascimento, refiro-me ao *quilombismo* que como afirma novamente o professor Eduardo de Assis Duarte (2011)

talvez possa sintetizar o pensamento e a militância política e artística de Abdias Nascimento, intelectual empenhado em cuja trajetória ação e reflexão figuram como faces da mesma moeda. O quilombismo confronta uma visão de mundo e uma postura que refuta o colonialismo mental e a discriminação social dos afrodescendentes, entendida como a face presente do escravismo (Duarte, 2011, p. 421).

Mais um nome aparece aqui, agora um representante da poesia de protesto do século XX, uma poesia marcada pela oralidade, apresenta-se então Carlos de Assumpção por Eduardo de Assis Duarte (2011)

um dos decanos da poesia de protesto do século XX, Carlos de Assumpção nasceu em Tietê-SP, em 23 de maio de 1927, sendo parte das primeiras gerações de brasileiros afrodescendentes a ter acesso ao ensino superior. Como Lino Guedes e outros escritores negros nascidos na primeira metade do século, fez inicialmente o antigo Curso Normal, destinado à formação de professores para as primeiras séries do ensino fundamental. [...] Em 1958, recebeu em São Paulo o título de Personalidade Negra, no contexto dos eventos alusivos aos 70 anos da Lei Áurea, honraria concedida pela Associação Cultural do Negro (Duarte, 2011, p.551)

O professor Eduardo de Assis Duarte continua apresentando algumas características que definem o estilo literário e por vez da atuação social de Carlos de Assumpção quando diz que

Movido por uma consciência comunitária indignada e por uma perspectiva não conformista, seus poemas põem o dedo na ferida social do racismo: ‘Riram de nossos valores/Apagaram os nossos sonhos/Pisaram a nossa dignidade/Sufocaram a nossa voz/Nos transformaram em uma ilha/Cercada de mentiras por todos os lados’ (Duarte, 2011, p. 553)

Para citar uma última personalidade negra, sem contudo esgotar todos os nomes de homens e mulheres, esta também segue o viés da escrita de protesto, denúncia social e do desconforto que a miserabilidade provoca nas pessoas em situação de vulnerabilidade, assim, temos a

Mineira de Sacramento, Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914 e morreu em Parelheiros-SP em 1977. Nascida numa família de trabalhadores rurais, com avós provavelmente escravos, a figura da mãe e a do avô (que Carolina chama de ‘Sócrates africano’) são muito fortes nas evocações que a escritora faz de sua infância. Moradora na favela paulistana do Canindé, mantinha um diário que, no final da década de 1950, atraiu a atenção do jornalista Audálio Dantas, que fazia uma reportagem sobre a favela. Com intermediação dele, em 1958 a mídia descobriu Carolina: o jornal paulista *Folha da Noite* publicou reportagem sobre ela, à qual seguiu-se, em 1959, matéria na revista *O Cruzeiro* (Lajolo, 2011, p. 439).

Carolina publica várias obras, mas a mais famosa, a que ter sucesso estratosférico foi *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, pois o livro foi traduzido para outras línguas gerando fama em outros países.

A principal obra de Carolina é o livro *Quarto de despejo*, diário que cobre cinco anos de vida na favela paulistana do Canindé, recobrimdo, de forma salteada, o período de 15 de julho de 1955 a 1 de janeiro de 1960 e oferecendo aos leitores um minucioso relato de um dia a dia marcado pela pobreza e pela fome, e também pela luta pela preservação da dignidade humana e do decoro burguês (Lajolo, 2011, p. 442).

O livro citado como mais famoso de Carolina, que na verdade tem como conteúdo os registros diários da escritora enquanto trabalhadora, mãe solo, enquanto crítica social da práxis, vem quebrar o pensamento de que só quem escreve livro ou pode escrever um livro são as pessoas ricas, brancas, que frequentaram a universidade, etc., Carolina prova o contrário, pois todos nós temos intelectualidade, a qual pode ser externada de diferentes maneiras, assim

Numa aprendizagem empírica e autodidata de poesia, Carolina Maria de Jesus interiorizou procedimentos poéticos rígidos e fora de moda, que a levaram a versejar em metros menores, rimas pobres com estrofação irregular, constituindo o conjunto uma poesia forte, cheia de sotaques e externamente oportuna por textualizar uma cultura que quase nunca se vê impressa e em circulação pelos elos mais centrais do sistema literário, que só agora vem encontrando categorias e olhos para ler de forma menos preconceituosa a obra dessa originalíssima escritora (Lajolo, 2011, p. 444).

Até aqui vimos alguns nomes de intelectuais negros e negras que deram contribuições significativas para o progresso da cultura negra, além de projetar nas diversas esferas outros irmãos e irmãs que tiveram nas organizações e movimentos encabeçados por estas figuras acima mencionadas, a oportunidade de visibilidade e representatividade, não restringindo os benefícios, evidentemente, a personalidade, mas sim à coletividade, afinal, foi a sociedade brasileira que ganhou socialmente com todas as ações que foram feitas pelos intelectuais que já mencionamos e que muito fizeram para que o protagonismo negro tivesse sua valorização. A literatura negra feita por negros e negras foi instrumento maior dessa atuação dentro da sociedade e desde sempre precisou de ferramentas e ações para resistir o processo de apagamento social imposto por grupos dominantes economicamente.

Dito isso, os *Cadernos negros* foram e são uma ferramenta de evidência de protagonismo literário negro que surge a partir do desejo de jovens negros e negras que escreviam literatura, mas que não tinham um canal de divulgação/exposição, portanto, seguem a linha dos movimentos sociais organizados por negros e negras como os que já foram mencionados. Assim, em 1978, período que vigorava a Ditadura militar, reunidos no Centro de Cultura e Arte negra – CECAN, em São Paulo, escritores negros pensam em uma forma de expor sua arte e o que nasce como alternativa são os *Cadernos Negros*, nos quais são publicados poemas e contos afro-brasileiros com o objetivo de promover a arte literária produzida por negros e negras.

Os CN começam a ser publicados em 1978, em São Paulo, com a participação de escritores procedentes de vários estados brasileiros. Desde então, cada edição anual publica poemas nos volumes de números ímpares e contos nos volumes de números pares, escolhidos entre aqueles enviados pelos escritores à organização do periódico e selecionados por uma comissão. Nos vinte anos de publicação, são 11 números dedicados à poesia e 10, ao conto. O primeiro número, ‘uma brochura de bolso, com 52 páginas, saiu a público numa tiragem de mil exemplares’, trazendo poemas de oito escritores, assim nomeados no índice: Cunha, Angela, Eduardo, Hugo, Célia, Jamu, Osvaldo e Cuti, alguns dos quais continuaram e continuam publicando nos números mais recentes (Sousa, 2007. p. 95).

A série *Cadernos Negros* foi nomeada a partir dos famosos cadernos de Carolina Maria de Jesus o que evidencia novamente a importância da escritora, sua obra, ao levantar debate sobre questões raciais, desigualdade e também de consciência e orgulho raciais. Vale salientar que a partir do ano de 1980 o grupo que produzia os *Cadernos Negros* passa a constituir-se no coletivo *Quilombhoje* que tem como objetivo, segundo a seção “Missão” do site *Quilombhoje*⁷, incentivar a leitura e dar visibilidade a textos e autores afrodescendentes.

⁷ Site disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/site/>. Acesso: 20/12/2023. Ver seção “Missão”.

Com o número 6, de 1983, a organização geral, divulgação e distribuição do periódico passa a ser da responsabilidade de um grupo de escritores denominados Quilombhoje, cujos componentes não são, naquele momento, nomeados. A partir de então, o Grupo Quilombhoje (*sic*) torna-se o responsável direto pela edição e organização dos *CN* e a composição do grupo varia bastante até os números mais recentes. No número 14, pela primeira vez no corpo dos *CN* é indicada a composição do Quilombhoje: Cuti, Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa, Sônia Fátima da Conceição e Oubi Inaê Kibuko (Sousa, 2007, p. 97)

Feita a pausa sobre os *Cadernos Negros*, apresentando o movimento social e de personalidades que antes já pavimentavam estradas literárias e artísticas para os menos favorecidos terem uma oportunidade dentro da sociedade, também depois de expostos seus primórdios e principais mentores/as, vamos retomar o trilhar da *escrevivência* de Evaristo, tratando agora da tardia publicação da autora, assim como seu reconhecimento enquanto escritora.

Como já foi dito, Conceição Evaristo tem sua primeira publicação em 1990 quando já tinha vários escritos guardados e já é sabido o quanto a escritora é magistral dentro da literatura e mesmo assim demorou para publicar e ter reconhecimento. O que teria acontecido? Por que tão tarde? Para se prenunciar algumas possibilidades de resposta e entendimento desses questionamentos precisamos lembrar do histórico social no trato oferecido às mulheres negras no Brasil.

Evaristo sendo uma mulher negra, nascida na periferia sempre buscou fazer barulhos denunciativos e questionadores do racismo entranhado nas estruturas sociais na tentativa de combatê-lo. Combate feito seja com sua literatura ou no Movimento Negro. Um racismo sistêmico que mata pessoas pelo fato de serem quem são, por sua cor de pele e características físicas outras que fogem de um padrão social branco colocado como ideal e que renega a diversidade dos povos que formam nossa nação.

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição” (Almeida, 2020, p. 50).

Para além disso, Evaristo busca abordar a memória coletiva afro-brasileira como instrumento de ressignificação da história do povo negro, portanto, tais fatos contribuem para

entendermos o porquê da tentativa de seu apagamento e silenciamento dentro do campo literário por meio da invisibilidade de seus escritos.

Essa bolha perversa da negação do talento e intelectualidade de Evaristo é furada através do grupo de resistência literária *Quilombhoje*. É a partir desta instituição negra e por meios dos *Cadernos Negros* que Evaristo alça voos internacionais com sua literatura, mas só tem reconhecimento de sua obra no auge de seus 70 anos de idade, e neste aspecto a escritora diz em entrevista ao portal *literafro* (2019) com tom de crítica:

Olha diz que a vida começa aos 40 anos [...] eu vou dizer que a vida começa aos 70 porque essas homenagens todas, a consolidação da minha literatura é, eu digo consolidação assim em termos de reconhecimento, em termos de visibilidade, ela vai se dar [...] agora aos meus 72 anos, depois dos 70, então eu tenho dito que para mim a vida começa aos 70. Sem sombras de dúvidas é muito bom, é muito emocionante, é um momento que eu olho a minha infância, eu olho a minha juventude e percebo que a vida me permitiu realizar sonhos, realizar desejos e mais do que nunca é perceber que eu continuo buscando algumas coisas ou vivendo a vida com uma fidelidade ideológica, para mim isso é muito importante, então algumas coisas que eu pensava na infância, que eu pensava na juventude eu fui amadurecendo através do tempo e mantive essa fidelidade que é pensar a história do coletivo, pensar a história da comunidade negra, pensar a história da pobreza, então isso pra mim significa que a vida faz sentido (Literafro [...], 2019, 2 min 43 s).

Essa afirmação de Evaristo demonstra o quão injustiçada foi diante de tantos escritores e escritoras não negros/as que desde sempre tiveram seu lugar ao sol. E vale salientar que esse processo de não reconhecimento e falta de representatividade negra dentro da literatura não está restrito à figura de Evaristo, mas trata-se de uma questão estrutural da sociedade na qual a denominação e reconhecimento de escritor é direcionada à figura do homem branco. Fernanda Miranda (2019) faz importantes ponderações que indicam a luta literária da mulher negra para se estabelecer como escritora dentro da sociedade, apontando que se trata de um apagamento histórico da produção negra feminina, o que ratifica que o problema abrange a estrutura social. Tomando Evaristo como exemplo, Miranda diz

Trata-se de uma autora que tem disputado espaços no centro literário de forma crescente. Sua produção discursiva, de modo geral, questiona a grave lacuna existente no Brasil entre representação nacional e representatividade negra – uma equação histórica que resulta na permanência de uma literatura brasileira majoritariamente produzida por autores brancos (Miranda, 2019, p. 271)

Com a supervalorização literária masculina branca de maneira sistêmica, promove-se um apagamento de produções intelectuais que estão fora do escopo social elitista. As mulheres negras são levadas então a entrarem em um território de disputa, assim como vozes

marginalizadas que trazem em suas expressões narrativas que contestam as mazelas sociais e os lugares destinados às pessoas menos favorecidas socialmente.

Essa disputa no cenário literário por vozes marginalizadas ou desprestigiadas socialmente já comentada por Fernanda Miranda é assunto também de pesquisa de Regina Dalcastagnè dentro do campo da literatura contemporânea, quando afirma que a literatura brasileira contemporânea é um território contestado à medida que indivíduos lançam mão do poder da escrita para se fazerem vistos no cenário social. Como discurso é poder, grupos que dominam economicamente os meios de comunicação e espaços do dito e o que pode ser dito acabam usando de mecanismos na tentativa de deslegitimar ou questionar a validade das vozes antes silenciadas e agora vorazes em dizer sobre si e sobre os seus a partir de suas próprias perspectivas.

Desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora, quando diferentes grupos sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele. Hoje, cada vez mais, autores e críticos, se movimentam na cena literária em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala. Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes ‘não autorizadas’; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para pensar a literatura; ou ainda, pelo debate da especificidade do literário, em relação a outros modos de discurso, e das questões éticas suscitadas por esta especificidade (Dalcastagnè, 2012, p.7).

A partir do que fala Dalcastagnè entende-se que, sem restringir à pessoalidade, Evaristo representa uma parcela de intelectuais invisibilizados seja por sua cor de pele, origem social, gênero e o teor da escrita de seus textos, os temas abordados e externados como denúncias do sistema social excludente que é base fundante da sociedade, logo expô-lo é contestar privilégios das classes dominantes e estas não querem abrir mão dos mesmos, portanto, o caminho é tentar silenciar vozes contestadoras e Evaristo é uma destas vozes negadas, mas resistente, que abre trincheiras para outrem ter espaço e vez através da *escrevivência*.

Pós publicação nos *Cadernos Negros*, Conceição Evaristo, faz sua primeira edição individual em 2003 quando publica o romance *Ponciá Vicêncio*, consolidando-a como escritora no Brasil, embora tenha escrito primeiramente o livro *Becos da memória*, deixando-o guardado por anos. Mas quando se fala em consolidação como escritora não queremos incorrer no errôneo entendimento que tudo aconteceu com facilidade, pois para publicar, a autora teve que custear a publicação, ser vendedora de suas obras, entre outros entraves como a questão da escolha editorial. Editoras de grande alcance têm preferência em publicar obras de homens brancos, logo Evaristo teve muita dificuldade para lançar seus escritos. Hoje a história se inverte:

Evaristo consegue escolher onde publicar e por escolha política prefere editoras independentes como por exemplo Malê e Pallas, as quais são voltadas a publicar, em especial, autores/as negros/as.

Seguindo, Evaristo desengaveta e publica: *Becos da memória* (2006), outro célebre romance; *Poemas da recordação e outros movimentos*, que reúne poemas já publicados nos *Cadernos negros* (2008); *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) uma antologia, um livro de contos de e sobre mulheres que mesmo diante de tantas adversidades, protagonizam suas vidas, ressignificando-as; *Olhos d'água* (2014), uma coletânea de contos memorialísticos; *Histórias de leves enganços e parecenças* (2016) contos e novela, *Canção para ninar menino grande* (2018) romance, *Macabéa: flor de Mulungu* (2023) entre outros escritos.

Esta trajetória deu alguns prêmios à escritora: *Prêmio Camélia da Liberdade* (2007), *Prêmio Ori* (2007), *Prêmio Jabuti* conseguido através do livro *Olhos d'água* na categoria contos e crônicas (2015); prêmio *Faz a diferença* – categoria Prosa (2017); *Prêmio Cláudia* – Categoria Cultura (2017); prêmio de *Literatura do Governo do Estado de Minas Gerais* (2017); Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano (2023); Ordem de Rio Branco – Comendador (2023).

Outro episódio que confirma a perspectiva de que determinados espaços não devem ser ocupados por mulheres negras, seguindo a visão branca elitista de apagamento e silenciamento do que é diferente e considerado margem, consiste em Evaristo ainda não ser integrante da Academia Brasileira de Letras – ABL diante de sua intelectualidade e produção dentro da Literatura brasileira. O ingresso à ABL foi tentado no ano de 2018, caso conseguisse entrar, Conceição seria a primeira mulher negra na Instituição. Mesmo com grande apoio popular, a escritora não logrou êxito. Evaristo, em entrevista ao portal *literafro* (2019), se pronuncia sobre sua não entrada na ABL dizendo o seguinte:

[...] hoje o que eu penso da Academia: eu acho que a Academia vale muito mais, com honrosas exceções, eu acho que tem pessoas ali dentro da Academia que representam realmente a literatura brasileira, que produziram, que estão naquele espaço, merecedores daquele espaço, outras pessoas não sei porque estão ali, por sorte e coisa e tal. E vendo pessoas que estão fora da Academia eu hoje penso que a Academia vale muito mais por quem não está lá dentro do que quem está e eu fico pensando: nós tivemos vários intelectuais negros. Eu não sei se você sabe Eduardo, você sabe se Lélia Gonzales algum dia foi convidada pra Academia?

— Acredito que não! (responde Eduardo de Assis Duarte)

Beatriz Nascimento?

— Também acho que não. (responde Eduardo de Assis Duarte)

Milton Santos?

— Não (responde Eduardo de Assis Duarte)

Então, eu acho que o contorno da Academia não significa muita coisa. Eu acho que é justamente quem está fora daquele contorno, talvez são pessoas mais representativas dessa diversidade, dessa cultura e da literatura brasileira (Literafro [...], 2019, 9 min 58 s).

O trecho acima da entrevista de Evaristo ao Professor Eduardo de Assis Duarte deixa evidente a crítica da escritora à Academia Brasileira de Letras e sua conjuntura que não traz uma representatividade da sociedade brasileira e sua diversidade, acrescentando que os reais representantes da literatura brasileira estão fora da Academia. Assim, a candidatura de Evaristo serviu, afirma a autora, para que os moldes de escolhas dos membros da Academia sejam repensados, sua candidatura abriu o debate sobre o processo e ficará na história da instituição. Vale salientar que Evaristo é integrante da Academia Mineira de Letras – AML desde março de 2024.

Antes de finalizar a seção sobre o tardio reconhecimento de Evaristo e da potência de suas obras, não podemos perder de vista que a ABL, espaço de poder, dominado ainda por pessoas brancas, historicamente promoveu e ainda promove silenciamento epistêmico de vozes negras e suas produções científicas, embora tenha sido criada em 20 de julho de 1897 por Machado de Assis, um homem negro e tem como configuração de ocupação das cadeiras 40 membros efetivos destes só se tem dois indivíduos negros e nenhuma mulher negra.

No campo literário, estudar obras de autoria negra não é tão corriqueiro e se pensar que o estudante que chega à universidade sem um conhecimento de literatura afro-brasileira⁸ o caso se agrava. Estudos como os das pesquisadoras Fernanda Miranda e Regina Dalcastagnè, apontam que a literatura produzida por pessoas negras, historicamente sofre um processo de apagamento sistematizado e pensado para deixar vozes negras aprisionadas e abafadas nos porões da sociedade daí podemos imaginar o porquê que muitos de nós não conhecemos obras literárias de pessoas negras, em especial de mulheres negras como por exemplo Carolina Maria de Jesus, escritora brasileira que tem uma pujança literária extraordinária em abordar questões sociais sensíveis como a fome e abandono dos carentes pelos agentes políticos, mas que sofre uma desvalorização também muito grande pelo fato da presença marcante em sua escrita da linguagem coloquial e da oralidade, além é claro de ser uma escrita de uma mulher negra de origem pobre e já vimos um pouco sobre a escritora acima. Outra escritora negra desconhecida diante de sua importância e grandeza intelectual, a qual também já mencionamos e aqui reafirmamos, é Maria Firmina dos Reis, autora do primeiro romance abolicionista do país, Úrsula. Sobre esse assunto a professora Fernanda Miranda (2019) destaca que

⁸ Aqui preferimos utilizar literatura afro-brasileira, conceito do Professor Eduardo de Assis Duarte, por identificação epistêmica através do entendimento de que, segundo Duarte (2008), a literatura afro-brasileira tem caráter fundado na diferença que questiona e abala a trajetória progressista e linear da historiografia literária canônica.

o apagamento da voz negra é sistêmico, histórico e concreto. Este apagamento pode ser observado na ficção através de alguns exemplos, como a produção de Carolina Maria de Jesus que tem mais de seis romances escritos e até hoje não publicados. Ou seja: embora a autora tenha conseguido superar as dificuldades sociais/econômicas/materiais apontadas como maior empecilho para a produção em prosa, a maior parte de sua escrita permanece soterrada. Outro exemplo é a obra de Maria Firmina dos Reis, que não consta em nenhuma bibliografia que a historiografia literária produziu em todo o século XX, embora o romance tenha sido bem recebido no contexto do seu surgimento, no século anterior (Miranda, 2019, p. 28).

Portanto, mesmo que existam as leis 10.639/03 e 11.645/08 que buscam garantir o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígenas nas redes públicas e particulares de ensino, o apagamento sistemático da produção literária de escritores/as negros/as existe, logo é evidente que a população não terá acesso a esta literatura subalternizada da mesma maneira que a literatura tradicional escrita por mãos brancas tem e que apresenta na maioria das vezes uma imagem estereotipada do negro ou apresenta narrativas que não contemplam positivamente a população negra marginalizada. Por isso se faz necessário, enquanto pesquisadores/as buscarmos ser caixas de ressonância dentro da universidade para ecoarmos vozes antes silenciadas e que precisam ser ouvidas, função que este trabalho assume ao estudar Evaristo e parte de sua obra. Também é fundamental que os currículos sejam revistos no tocante à seleção de conteúdos, haja vista que tais currículos partem de uma perspectiva branca. Escolhas de textos literários com a abordagem afro-brasileira como por exemplo “Regina Anastácia” e “Sabela” seriam alternativas prenunciadoras de mudança dentro do repertório literário curricular da Educação básica que o Governo poderia fomentar.

Retornando à base conceitual de *escrevivência*, a professora em Estudos comparados de Literatura de Língua Portuguesa, que atua como professora adjunta de Teoria da literatura na Universidade Federal da Bahia – UFBA, Fernanda Miranda, sublinha sobre Evaristo:

Conceição Evaristo é uma escritora polígrafa (poeta, ficcionista, ensaísta), Doutora em Literatura Comparada e uma voz central na literatura contemporânea escrita em língua portuguesa. Autora de poesia, conto, romance, histórias e conceitos acerca do fazer literário de autoria negra; de sua escrita e pensamento emerge um postulado cada vez mais presente nas discussões em torno da produção literária de autoria negra – a *escrevivência* (Miranda, 2019. p. 271)

Desse modo, aparece um dos grandes feitos intelectuais de Evaristo: cunhou o termo teórico *escrevivência* enquanto uma teoria literária. Evaristo (2020) diz que

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende barrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (Evaristo, 2020, p. 30).

Entende-se que Evaristo traz a *escrevivência* como ação prática de ecoar vozes negras na escrita, onde acontece uma valorização de nossa imagem enquanto pessoas negras pensantes através de uma ressignificação de nosso ser e atuação dentro da sociedade, assim como uma valorização de nossos antepassados e seus saberes propalados também por meio da oralidade.

Ainda sobre Evaristo e a criação do termo *escrevivência*, sua importância teórica dentro da literatura em abordar a escrita de mulheres negras, sua história social e do mundo que as cerca, Fernanda Miranda (2019) afirma que o “conceito de *escrevivência* foi formulado pela autora inicialmente como método de trabalho e instrumento cognitivo para a leitura de seus próprios textos” (Miranda, 2019, p. 272), ou seja, a *escrevivência* é também um operador de leitura que de certa forma questiona a teoria literária tradicional, questiona à medida que a literatura afro-brasileira não pode ser compreendida em sua essência dentro do padrão branco estabelecido de literatura. Evaristo é categórica em afirmar que a base conceitual da *escrevivência* tem aporte histórico e que está ligado diretamente à escrita da mulher negra, uma escrita que vem desconstruir o processo de escravização que um dia controlou o falar da mulher, a determinar quando ela devia emitir sua voz, parafraseando Evaristo: uma voz usada para adormecer a prole da casa-grande fazendo com que os senhores tivessem sonos injustos, mas agora, a escrita-vivência das mulheres negras não pode ter essa finalidade e sim ser uma escrita que desfaça a imagem de submissão criada e sirva de incômodo à casa-grande não permitindo que continuem com seus sonos injustos. Resumindo repetimos o que disse Evaristo: “a nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, é para incomodá-los dos seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30).

Importante frisar que a *escrevivência* nasce para uma expressão corpo-voz das mulheres negras historicamente impedidas de usarem sua voz e seus corpos livremente sem serem controlados por outrem. Evaristo lembra, como mencionado anteriormente, que o fato da *escrevivência* ser direcionada às mulheres negras não significa que os homens estejam impedidos de construírem suas narrativas vividas.

A história de uma mulher negra, por exemplo, dificilmente será uma narrativa de representação única, pois possui ramificações rizomáticas que se encontram e acabam representando sistemicamente histórias de outras mulheres ou até mesmo a de um povo, eis aí a *escrevivência* em ação, o individual está entrelaçado ao coletivo. Através dessa aplicação de

ramificação rizomática de Glissant (1928) sobre o pensamento raiz e o pensamento rizoma, explica o: a raiz única é aquela que mata à sua volta, enquanto o rizoma é a raiz que vai ao encontro de outras raízes (Glissant, 1928, p. 71). Esse conceito de Glissant nos remete à reflexão de que um pensar em rizoma promove a ampliação do conhecimento, portanto uma soma cultural que promove e respeita a diversidade, ou seja, o individual não sobrepõe o coletivo, mas acontece uma complementação entre os elementos. Trazendo essa teoria para o campo da identidade podemos dizer que a identidade da mulher negra dentro da literatura afro-brasileira é um reflexo ou representação do coletivo negro, abraçando toda sua multiplicidade cultural identitária, assim reafirma a história coletiva.

Nesta questão entre individual e coletivo temos outra vertente colocada por Evaristo para falar do conceito de *Escrevivência*. Ao ser indagada se sua escrita ficcional vivente é uma escrita de si, Evaristo traz uma abordagem interessante baseada nos mitos para responder. Evaristo evoca o mito de Narciso e o mito de Oxum. Explica a escritora:

Afirmo que a *Escrevivência* não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A *Escrevivência* é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. Sim, porque ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas. No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos (Evaristo, 2020, p.38-39).

Assim, a fala de Evaristo acima só confirma o que marca a *escrevivência* como intenção de quebrar o espelho da individualidade, narcísico, para poder ser espaço de voz coletiva, onde o sujeito individual perde espaço para um sujeito coletivo deixando a coletividade em foco, reinando soberana. Evaristo permite e deixa pistas através do uso de recursos literários que leva o leitor a refletir sobre a ancestralidade e ritos de sobrevivência a partir de elementos da religião de matriz africana. Tais recursos aparecem na citação e giram em torno dos abebés de Oxum e Iemanjá, que mantém correlação e simbolizam o poder feminino. O primeiro remonta ao admirar-se e enxergar toda beleza de nossas características afro, nossas potencialidades, as

heranças dos/as que se foram e que deixaram em nós toda sua essência e similitude, portanto, no abebé de Oxum está o recurso que permite a busca da ancestralidade negra e sua magnitude. Já no abebé de Iemanjá encontramos não só a imagem que reflete, mas o recurso ou instrumento que nos serve de proteção, um antever do que está em volta, permitindo ação de defesa, que é ancestral, de possíveis perigos.

O leque utilizado pela maioria das qualidades de Oxum muitas vezes possui um espelho no qual Oxum admira sua beleza, além de verificar tudo que ocorre atrás de si e, mais do que isso, simboliza sua própria ancestralidade, que lhe precede. O abebé representa a cabaça-ventre, à qual Oxum é ligada miticamente, por ser símbolo do útero e do poder feminino de gestação, além de representar também, por extensão, o poder das Iá Mi Ajé (Salles-Bento, 2021, p.134).

Evaristo faz uso dos elementos da mitologia dos Orixás para recontar a histórias de suas personagens, elementos estes que podem ser identificados ao longo da descrição das personagens, suas características e modo de ação, assim acontece com “Regina Anastácia” e “Sabela”, as quais trazem em si a força, beleza e poder da deusa Oxum disseminados ao longo de suas vidas. Destas personagens ficcionais evaristianas, suas características e feitos trataremos mais à frente.

Continuando o desenrolar conceitual de escrevivência e suas nuances, Miranda (2019) diz que

O Conceito de escrevivência dispõe de um pensamento sobre a potência gerada na inscrição da mulher negra na autoria de ficção, produzindo narrativas que buscam fazer elos de ligação numa história fragmentada e transatlântica, como disse Beatriz Nascimento em seu *Orí*. Elos que podem criar discursividades variadas de sujeitos negros vivendo diferentes experiências nacionais. Em si mesma, a escrevivência pressupõe um aporte conceitual interno forjado numa sensibilidade cultural, estética e histórica que não se limita à fronteira e à língua nacional, mas que é supra e transnacional.

[...] No caso da escrevivência em particular, a produção ficcional de Conceição Evaristo se empenha na chave da ‘metanarrativa’, isto é, faz-se do romance plataforma para a construção de uma narrativa para a própria vida a partir da organização de fragmentos perdidos de histórias que são suas e também pregressas, coletivas, históricas. Uma narrativa para si (mulher negra) construída na encruzilhada entre o pessoal-biográfico-autoral e o político-comunitário-social. (Miranda, 2019, p. 274)

Corroborando com o excerto acima, acreditamos que a escrevivência faz um movimento Sankofa⁹ utilizando o poder da escrita para registrar fisicamente nossos passos, andanças,

⁹ A palavra Sankofa, que na verdade tem dois símbolos que a representam, um pássaro mítico e um coração estilizado, simboliza a volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor. Esta palavra é proveniente da língua twi ou axante, sendo coposta pelos termos *san*, que é ‘retornar’; ‘para retornar’, *ko*, que significa ‘ir’, e *fa*, que quer dizer ‘buscar; procurar’. Pode ser traduzida como ‘volte e pegue’. Ela surgiu com o provérbio ganês ‘Se wo were fi na wo sankofa a yenkyi’,

sentimentos, amores, dissabores e acima de tudo a história de nossos ancestrais que reverberam em nosso presente nos fornecendo elementos e energias para construirmos o futuro que queremos e merecemos com nossas próprias mãos. Neste ato de resgate do passado, de trajetórias trilhadas vai-se tecendo colchas ficcionais com os mais variados e ricos retalhos de memórias, estas fornecidas por aqueles que nos antecederam e se fazem presentes em nós enquanto povo, portanto indissociáveis de nossas ações e maneira de ser.

Queremos ressaltar que o conceito de escrevivência não é estanque, ele não nasceu pronto e acabado e se assim o fosse não cumpriria sua grandeza de abraçar e representar a coletividade e sua diversidade, portanto o conceito citado vem ao longo do tempo provando sua natureza maleável, que flexibiliza sua ampliação conceitual por meio da agregação de valor sem com isso perder sua base constituinte já citada.

Em uma ação de ampliar o debate sobre o conceito de escrevivência, a Fundação Itaú Social com parceria com a Mina Comunicação e Arte fizeram o Seminário “A escrevivência de Conceição Evaristo” em 30 de novembro de 2020, seminário que também marcou o lançamento da publicação *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Aqui abriremos uma seção para falarmos breve e detidamente sobre esta publicação que traz em seu corpo textual a ampliação do conceito de escrevivência por outros autores e autoras e até mesmo por Evaristo.

3.3 ESCRIVIVÊNCIA: AUTORIAS OUTRAS, UM OLHAR CONCEITUAL AMPLIFICADO

No livro *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* diversos autores e autoras por meio de suas andanças acadêmicas e suas vivências cotidianas, analisam o fazer intelectual de Evaristo tomando por base a escrevivência. As/os acadêmicas/os identificadas/os com a teoria Evaristiana nos trazem outros olhares amplificados a respeito da escrevivência, assim tal conceito é rememorado e ganha escopo e movimento renovado que proporciona robustez teórica e abertura de horizontes.

Para apresentar um resumo da publicação citada faremos uso da fala extensa, porém necessária, da professora doutora Constância Lima Duarte em apresentação durante o referido

que significa ‘Não é tabu voltar para trás e recuperar o que você esqueceu (perdeu) (Dicionário de símbolos. Sankofa. Disponível em <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>, acesso em 02/02/2024.).

seminário da obra e seus autores, pois trata-se de um livro coletivo, feito por mãos e escrevivências diversas. Diz a professora:

Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo contou com a participação de profissionais da literatura, da Educação, da Comunicação, que fizeram, cada um, instigantes reflexões sobre o conceito de escrevivência formulado por Conceição Evaristo há tantos anos e que hoje está se tornando um verdadeiro, um legítimo paradigma de criação e análise de obras literárias e artísticas.

A linda apresentação intitulada “Sobre o que nos move sobre a vida” é assinada por Isabella Rosado. Em seguida temos um depoimento inédito da escritora [Evaristo] seguido da transcrição do texto em que ela revela a matriz de sua escrevivência. Refiro-me à “A grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”. Os ensaios que se seguem apresentam as dimensões que o conceito de escrevivência adquire segundo cada profissional que os assinam.

Algumas reflexões enveredam sobre possíveis articulações da escrevivência com outros fenômenos afrodiaspóricos, como fez a professora Maria Nazareth Soares Fonseca, da PUC-Minas, que o aproxima da Marronagem. O professor Eduardo de Assis Duarte, da UFMG, faz uma leitura da escrevivência como herdeira do quilombismo e da tradição da escrita afrodiaspórica. Maria Aparecida de Andrade Salgueiro, professora da UERJ, o identifica como legítimo conceito de identidade brasileira. E Assunção de Maria Sousa e Silva, professora da UESPI, faz uma leitura de escrevivência enquanto itinerário de vidas e palavras inscritas literariamente. Em seguida, temos o texto assinado por Denise Carrascosa, advogada e professora da UFBA, que consiste em um ensaio afrodiaspórico do conto “Sabela”. Fernanda Felisberto, professora de literatura da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, revela o quanto o conceito está se tornando um guia da escrita acadêmica. Rosane Borges, professora da faculdade de Comunicação e Arte da USP, reflete sobre a escrevivência como arquivo e circulação dos saberes silenciados. Já Livia Natália, professora de Teoria da literatura da UFBA, trata de intelectuais escrevintes que estão enegrecendo os estudos literários. E eu, professora da UFMG, faço uma reflexão sobre o homem colocado na berlinda da escrevivência, a partir do romance “Canção para ninar menino grande”. Temos ainda dois ensaios: de Angela Dannemann, superintendente do Itaú Social, e de Deanne Cristine Rodrigues de Melo, coordenadora de engajamento social e leitura da Fundação Itaú Social. E ambos os textos, ambos os ensaios, refletem sobre as experiências que o conceito permitiu nas práticas de leitura e escrita, como já foi dito, realizadas nas oficinas e escolas públicas do país.

Ao final, o livro traz ainda a relação da obra individual, coletiva, ensaísta e as traduções de Conceição Evaristo até o momento naturalmente, e uma fortuna crítica resultado do trabalho realizado por Islene Motta e Ludmilla Lis. Termina falando do primoroso trabalho de editoração que o material recebeu, enriquecido com as belas ilustrações de Goya Lopes, designer e artista visual muito conhecida e respeitada, verdadeiras intervenções que tornam o livro um objeto de arte (Seminário [...], 2020, 28 min 15 s).

A fala de apresentação da professora Constância acima mostra a grandeza do livro citado pelo número de pesquisadores que a partir do conceito de escrevivência de Evaristo conseguiram confirmar sua flexibilização na conceituação e abertura para que novas epistemes sejam agregadas ao conceito base sem alterar sua natureza primeira. Isso confirma o quanto o conceito de escrevivência consegue ser outro sendo o mesmo. A própria Evaristo faz esse exercício de atualização do conceito constantemente e podemos perceber esse grau de mudança e permanência da essência do termo no seguinte trecho, epígrafe do livro *Canção para ninar*

menino grande, recente obra da escritora, publicado em 2022 pela editora Pallas. Segue a epígrafe:

Este livro é oferecido a todas as pessoas que se enveredam pelos caminhos da paixão e que, mesmo se resfolegando em meio a muitas pedras, não se esquecem do gozo que as águas permitem.
É uma celebração ao amor e às suas demências.
É ainda um júbilo à vida, que me permite embaralhar tudo: vivência e criação, vivência e escrita. Escrevivência (Evaristo, 2022, p. 3).

É notório que Evaristo traz novos elementos ao conceito de escrevivência, mas mantém e reforça a essência de sua criação, uma escrita que faz um embaralhamento entre vivência e criação literária, ou seja, a experiência narrada confunde-se com aquele que enuncia a narrativa. Assim, o conceito de escrevivência é um aporte teórico para o fazer literário, permitindo que as vivências individuais e ou coletivas possam ser transladadas para a escrita literária através do resgate em nossa memória de fragmentos históricos deixados por outrem e que ao recolhermos tais resquícios das vivências, vamos elaborando novas possibilidades que falam de nós enquanto coletividade.

Evaristo, maestra das letras, nos serve de exemplo na arte do fazer escrevivência, sua literatura conversa com nossas histórias, pois sua escrita transita entre o pessoal, particular, o público e o coletivo. Trata-se de uma literatura da coletividade, uma coletividade peculiar, a representação do povo negro e suas vicissitudes. Uma literatura escreviente que nos impulsiona a pensar nosso existir no mundo e planejar ou reescrever nossa existência e a dos nossos com o desejo de trazer uma reflexão e incomodo ao que está posto na realidade presente, almejando equidade social e trazer deleite de justiça aos que sempre estiveram à margem da sociedade por imposição.

O conceito de escrevivência será utilizado como operador de leitura do conto: “Regina Anastácia”, presente no livro “Insubmissas lágrimas de mulheres” (2016) e da novela “Sabela”, presente no livro “Histórias de leves enganos e parecenças” (2017), ambos textos trazendo a mulher negra como protagonista dos escritos e símbolo da resistência e ressignificação do atuar da mulher negra dentro da sociedade e suas idiossincrasias.

Antes de passarmos à análise dos textos acima citados preciso lembrar de um outro conceito importante para a escrita ou rescrita da história ou de parte da história do povo negro que não é contada na história oficializada e que ajuda a compreender o processo de escolha de escrita que Conceição Evaristo faz quando traz em suas histórias escrevientes, personagens que representam ou figuram personagens históricos que tiveram sua relevância minorizada ou

ainda sem qualquer registro na história oficializada. Tal conceito contribui para resgatar as lutas de um povo através do uso da imaginação crítica, tirando-o do esquecimento e dando-lhe oportunidade de existir e ter sua história contada com ressignificação. Sem delongas acadêmicas, o termo conceitual em questão e que será tratado no subitem a seguir é a *fabulação crítica* da então pesquisadora Saidiya Hartman, Professora de Letras e Literatura Comparada na Columbia University. Termo que aqui é retomado para maior esmiuçamento.

3.4 FABULAÇÃO CRÍTICA: VIDAS E HISTÓRIAS NÃO DITAS, IMPORTAM!

Saidiya Hartman em sua escrita ficcional, enquanto historiadora, se baseia em arquivos históricos oficiais buscando elementos que ajudem no entendimento do passado, suas reverberações no presente, porém, o que ela encontra nos arquivos oficiais são elementos que promovem o apagamento de indivíduos socialmente desvalorizados, tirando destes a chance de contar à posteridade quem foram e o que fizeram, restando-lhes uma ausência na história e no fazer social, ausência calculada e engendrada pela elite dirigente e exploradora das classes sociais menos favorecidas. Portanto, é no fazer ficcional que pessoas subalternizadas ganham vida e oportunidade de se fazerem presentes na história, uma história resgatadora de sonhos e vidas uma vez ultrajados.

Como uma escritora comprometida em contar histórias, eu tenho me esforçado em representar as vidas dos sem nomes e dos esquecidos, em considerar a perda e respeitar os limites do que não pode ser conhecido. Para mim, narrar contra-Histórias da escravidão tem sido sempre inseparável da escrita de uma História do presente, ou seja, o projeto incompleto de liberdade e de vida precária do(a) ex-escravo(a), uma condição definida pela vulnerabilidade à morte prematura e a atos gratuitos de violência. Conforme eu entendo, uma História do presente luta para iluminar a intimidade da nossa experiência com as vidas dos mortos, para escrever nosso agora enquanto ele é interrompido por esse passado e para imaginar um *estado livre*, não como o tempo antes do cativo ou da escravidão, mas como o antecipado futuro dessa escrita (Hartman, 2020, p. 17. Grifo da autora).

Neste fazer ficcional que refaz a história sob um novo viés, está o método da *fabulação crítica* que Saidiya Hartman propõe em seu livro *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão* traduzido por José Luiz Pereira da Costa e publicado pela editora Bazar do Tempo em 2021, tendo como revisão técnica e posfácio realizados por Fernanda Silva e Sousa.

No posfácio do livro citado, Fernanda Silva Sousa, resume sem limitar o trabalho de Saidiya Hartman a respeito da *fabulação crítica* dizendo que

dentro do necrotério, Hartman procura rastros, vestígios e vislumbres de vidas que não deveriam ser esquecidas e que nos desafiam a narrá-las sem reproduzir a violência que as vitimizaram, levando-a a propor um exercício imaginativo e especulativo como método necessário diante do arquivo histórico da escravidão, a que chama de ‘fabulação crítica’ (Sousa, 2021, p. 411-412)

A ideia de *fabulação crítica* é constituída pela ação de recriar, reconstruir ou devolver uma história apagada e não contada pela história oficializada através de seus arquivos que não trazem determinadas vidas em seus registros, apagamentos que tentam suprimir rastros, fatos e corpos que estão no presente, logo têm um passado, negá-los é criminoso, portanto, é preciso resgatá-los de algum modo, sob algum artifício físico ou imaginativo que contraponha o arquivo oficial usurpador de outras verdades. Assim, Hartman, conta uma história negada pelos arquivos, uma história que interliga o passado e o presente usando a *fabulação crítica* para refazer ou criar narrativas que dão vida a corpos e histórias amordaçados pela História oficial.

Jogando com os elementos básicos da história e rearranjando-os, reapresentando a sequência de eventos em histórias divergentes e de pontos de vista em disputa, eu tentei comprometer o status do evento, deslocar o relato preestabelecido ou autorizado e imaginar o que poderia ter acontecido ou poderia ter sido dito ou poderia ter sido feito. Lançando em crise ‘o que aconteceu quando’ e explorando a ‘transparência das fontes’ como ficções da História, eu queria tornar visíveis a produção de vidas descartáveis (no tráfico atlântico de escravos e também na disciplina da História), descrever ‘a resistência do objeto’, mesmo que por apenas imaginá-lo primeiro, e escutar os murmúrios e profanações e gritos da mercadoria. Aplainando os níveis do discurso narrativo e confundindo narradora e falantes, eu esperava iluminar o caráter contestado da História, narrativa, evento e fato, derrubar a hierarquia do discurso e submergir a fala autorizada no choque de vozes. O resultado desse método é uma ‘narrativa recombinante’, que ‘enlaça os fios’ de relatos incomensuráveis e que tece presente, passado e futuro, recontando a história da garota e narrando o tempo da escravidão como o nosso presente (Hartman, 2020, p. 29).

Neste momento a literatura contempla esse caminho de resgate e reparação histórica de determinado segmento social. E aqui reiteramos o quanto que a história do povo negro foi silenciada e levada ao esquecimento pela história tida como oficial. Um povo que, embora tenha seus corpos, cultura, sangue e suor impregnados na história da construção do mundo, cujos algozes sempre buscaram diminuir sua importância e poder de construir saberes e negando-o no fazer histórico, relegando-o a lugares de subalternidade e desprestígio social. Saidiya Hartman (2021) busca outro viés, o da fabulação, para desta forma promover a recuperação de uma história negada, sufocada nos porões de navios e casas-grandes, a escritora rompe com a lógica do fazer história e sua obra *Perder a mãe*, como nos diz Fernanda Sousa

[...] é um livro que nos encoraja a desafiar protocolos disciplinares e acadêmicos e a enxergar que produzir a partir da perda é também um lugar potente de produção e reflexão, assim como criar narrativas que incluem nossa própria história pessoal

também é uma forma de construir conhecimento e de tentar reparar a violência da escravidão (Sousa, 2021, p.419)

Saidiya Hartman desenvolve o conceito de *fabulação crítica* após a escrita do livro “Perder a mãe”, pois o conceito só é percebido pós escrita quando a autora entende que escreveu histórias fazendo uso de fragmentos históricos reconstruindo a história por outro viés, o do subalternizado. Hartman participando de uma mesa-redonda¹⁰ intitulada de “Ficções e fabulações afro-atlânticas” promovida no Museu do Amanhã no Rio de Janeiro em 29 de novembro de 2022 relata sobre o surgimento e função do método da “fabulação crítica” desenvolvido por ela

A “fabulação crítica” foi algo que eu consegui nomear depois que eu escrevi “Perder a mãe”. [...] eu estava refletindo sobre isso, eu pensei: poxa foi a forma pela qual eu construí histórias com pequenos elementos ou fábulas, mas eu fiz isso usando uma pesquisa crítica e foi assim que esse termo “fabulação crítica” nasceu para mim. Para mim foi um elemento-chave para contar uma história sobre o comércio negreiro transatlântico que acabou não sendo comércio nenhum, foi guerra, foi violência, foi captura e sequestro de africanos escravizados. Foi destruição de cidades, foi a devastação de grandes estados africanos e sociedades pequenas descentralizadas, então realmente quis quebrar, desconstruir aquela estrutura de entendimento e o arquivo europeu não permitiu que eu fizesse, [...] então a fabulação crítica foi uma forma de começar de um lugar diferente. E começar a dar prioridade a experiência dos escravizados e eu acho que também é uma forma de realmente oferecer um método para criar histórias no espaço do silêncio e também estruturar de forma crítica a forma como nós entendemos a história (Mesa-redonda [...], 2022, 51 min 13 s).

Hartman, mulher negra, norte-americana, doutora, Professora de literatura comparada na Universidade Columbia, pesquisadora que buscou entender a história das escravidões e ao mesmo tempo reencontrar suas origens em África, um passado ancestral de tantos homens e mulheres negros/as jogado no esquecimento proposital feito por colonizadores que exploraram corpos humanos como se fossem meras mercadorias quantificáveis e altamente lucrativas. Desta forma, Hartman sai de seu país de nascimento e chega ao continente africano em busca de fragmentos de memórias, arquivos e documentos que ajudassem na reconstrução de histórias que sofreram e sofrem historicamente por um apagamento, trazendo novas narrativas construídas a partir de perspectivas outras antes negadas e sufocadas pela perspectiva das elites dominantes.

Neste ato de criar narrativas, incluímos vivências, assim como fez Hartman, por entendermos que somos uma coletividade latente e interligada, mesmo que diferente em sua constituição, mas que preserva fios de histórias que podem tecer outras narrativas. Assim,

¹⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=E_XjmfTHsmY. Acesso em: 02/05/2024.

lembramos que este trabalho segue essa vertente de narrativas confluentes que se retroalimentam e se autovalorizam promovendo um novo significado.

3.5 ESCRIVIVÊNCIA, FABULAÇÃO CRÍTICA E MEMÓRIA: LUZES E ENTRELACEMENTOS POR UM RESGATE DE HISTÓRIAS NÃO CONTADAS

Até aqui foi tratado sobre a importância da memória, os aspectos da escrevivência e também do poder da *fabulação crítica* em tornar vivas histórias que um dia foram silenciadas e deixadas nos porões da sociedade como se importância não tivessem na construção da sociedade.

A memória enquanto instrumento guardião de histórias, culturas, laços familiares, amizades, portanto, de guardar parte da coletividade dentro da individualidade do ser. Cada indivíduo pertencente à coletividade pode trazer pontos diferentes em suas lembranças sobre determinado fato, afinal, cada indivíduo pode ser marcado diferentemente mesmo estando no mesmo ambiente coletivo.

De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não é de surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social (Halbwachs, 2003, p. 69).

Partindo desta citação, se pode pensar a escrevivência de Evaristo como veículo transformador de realidades à medida que seu modo de pensar a coletividade a partir de seu lugar e memória individual faz resgate de outras memórias presentes em seu entorno para externar uma história que é coletiva e que sofre por apagamentos sistêmicos de ordem social. Neste processo de reavivamento de histórias e também pessoas ora silenciadas, muitas vezes a única forma de fazê-las existirem é juntar os rastros deixados, os vestígios parcos de vida e, fazendo uso da imaginação e destreza do pensamento, recriar uma realidade por meio da ficção. Aqui entra em jogo a *fabulação crítica*, trazer à vida ou existência um passado histórico negado e silenciado, recriado por uma memória e posicionamento transgressores de uma realidade posta que subalterniza corpos invisibilizando o legado histórico e cultural de um povo.

Neste sentido, podemos perceber que a perspectiva de *fabulação crítica* de Hartman se aproxima de autoras como Evaristo que buscam, por vezes, através da literatura uma recriação de um passado histórico silenciado. Como exemplo desse refazimento da história pode-se citar

a personagem “Regina Anastácia” que é um conto de Conceição Evaristo elaborado sobre o aporte da escrevivência, mas que ao escrevê-lo, a escritora também fabula à medida que a personagem ficcional retoma com sua história, ausências e vazios de histórias de outras mulheres negras da História, portanto, neste ato acontece a recriação do passado histórico que foi silenciado.

Não obstante, o fato de a escrevivência posicionar abertamente um sujeito social (a mulher negra) como sujeito da fala (do texto literário) – ou seja, visibilizar a autoria negra produzindo abertamente seu universo ficcional assentada no chão de sua experiência (que é pessoal, mas também histórica, política, coletiva, como a de todos os indivíduos em sociedade) – muitas vezes resvala em uma recepção que, no limite, é capaz de ler os textos fora da condição de ficcionalidade, gerando um universo interpretativo repentinamente centrado em abordagens sociológicas histórica e esteticamente consistentes (Miranda, 2023, p. 59).

Assim, “Regina Anastácia” traz consigo uma representação ancestral de uma coletividade de mulheres, ou seja, ela é composta de rastros de outras mulheres, em especial do rastro da rainha africana Anastácia que teve sua vida e feitos jogados no submundo da História, mas que Evaristo com sua memória, vivência e consciência histórica faz uso da arte literária do escrever ela transgride a ordem social e sua lógica de apagamento e reinventa a história a partir daquilo que está silenciado e a traz, por meio da criação ficcional, à existência, porém ressignificada. A personagem será melhor analisada no item seguinte.

Portanto, nota-se que *fabulação crítica* e escrevivência mantêm uma relação de complementaridade, ou seja,

A *fabulação crítica* é um aparato conceitual que se aproxima da escrevivência porque ambos estão implicados em pensar tempo, história, arquivo, experiência, representação, narrativa e imaginação. O eixo principal dessa conexão talvez esteja na concepção de fabulação – termo que aparece na teoria da narrativa desde pelo menos a década de 1960, mas que tem sido retomado pelos estudos étnicos e diaspóricos desde tempos mais recentes (Miranda, 2023, p. 55).

Os termos citados servem de luzes que iluminam os porões do navio da história oficializada que tentam sufocar indivíduos determinados, homens e mulheres negros/as, deixando-os imersos no mais profundo mar do esquecimento. As luzes citadas funcionam como sonares que identificam o menor vestígio histórico desses indivíduos proporcionando izar das profundezas das águas turvas da vida sua existência e torná-la viva mesmo que seja através da escrita literária crítica. A seguir, então, veremos tais aspectos dentro da obra de Evaristo, para tanto analisaremos os textos “Regina Anastácia” e “Sabela”, respectivamente.

3.6 REGINA ANASTÁCIA: UM ONTEM AINDA PRESENTE

“Regina Anastácia” é o título de um dos grandes escritos de Conceição Evaristo. Uma produção literária que remonta ao tempo do empoderamento de mulheres negras dentro da história dando-lhes os créditos merecidos de seus feitos dentro da sociedade e amenizando os efeitos dos apagamentos e silenciamentos que a sociedade branca patriarcal impunha aos grupos minorizados, o povo negro. Então, Evaristo, imbuída em promover reparação histórica e ressignificar a história e passos da população negra, faz uso de sua escrita subversiva e transformadora para, através da ficção, apresentar um novo viés histórico. É neste refazer histórico que a escrevivência de Evaristo conversa com a *fabulação crítica* de Hartman e mantém uma relação complementar conceitual na prática da escrita já que a *fabulação crítica*, como foi visto, é chave para reconstrução de histórias não contadas oficialmente e Evaristo parte do cotidiano, do popular para trazer à vida por meio da escrevivência, vidas/narrativas abortadas socialmente.

A conversa conceitual entre escrevivência e fabulação crítica é nitidamente perceptível na escrita literária de Evaristo, pois a autora faz uso de fragmentos e rastros históricos da cultura e personagens negras para então promover uma narrativa fluida e consistente atingindo o objetivo maior que é a reconstrução de nossa cultura negra de maneira ressignificada apontando para novos horizontes almejados como dias melhores e um exemplo desse fazer histórico ressignificado é o conto “Regina Anastácia” como veremos.

O processo de recriação da história feito por Evaristo começa quando ela reconhece e registra as potencialidades de suas personas ficcionais evidenciando-as em seus lugares de protagonismo, como podemos notar em “Regina Anastácia” quando Evaristo escreve o encontro entre a personagem e a voz ficcional criadora:

Regina Anastácia se anunciava, anunciando a presença de Rainha Anastácia frente a frente comigo. Lembranças de outras rainhas me vieram à mente: Mãe Menininha de Gantois, Mãe Meninazinha d’Oxum, as rainhas de congadas, realezas que descobri, na minha infância, em Minas, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara, Lia de Itamaracá, Léa Garcia, Ruth de Souza, a senhora Laurinha Natividade, a professora Efigênia Carlos, Dona Iraci Graciano Fidélis, Toni Morrisson, Nina Simone... E ainda várias mulheres, minhas irmãs do outro lado do atlântico, que vi em Moçambique e no Senegal, pelas cidades e pelas aldeias (Evaristo, 2016, p. 127).

Mulheres negras dentro de configurações racistas não costumam ocupar o espaço de realeza, porém, nota-se que Conceição Evaristo, sujeita autoral, escolhe o nome “Regina” não por acaso, já que tal nome traz em si o significado de realeza. Portanto, ao trazer “Regina

Anastácia” apresentando-se, identifica outras mulheres todas negras, também rainhas, líderes religiosas e outras intelectuais através do movimento de retomada de memórias de seu lugar de pertencimento. Neste movimento de escrita vão se misturando o ficcional com o real, ou seja, as vivências da autora e as de sua família servem de gatilho para a construção literária.

Em “Regina Anastácia”, Evaristo evidencia o posicionamento da mulher negra dentro da sociedade e sua capacidade de criar e deixar legado histórico. Vale lembrar que esse poder de direcionamento da vida identificado em “Regina Anastácia” é característica de sua mãe Saíba, sempre determinada e com pensamentos independentes e libertários como se pode verificar no trecho abaixo:

Duas de minhas tias, assim que chegaram à cidade, foram chamadas para cozinhar na casa de Geraldo Duque D’Antanho. E, para minha mãe, famosa pelos seus doces e pães, foi oferecida uma vaga na cozinha da maior padaria dos Antanhos. Ela não quis, para a surpresa de nossa família. Meu pai achou que ela devia aceitar e ponderou que dificilmente as pessoas iam deixar de comprar pães e doces na padaria dos patrões, para vir comprar em nossa casa, como acontecia no lugarejo em que anteriormente morávamos. Minha mãe nem se assustou. Enquanto isso, minhas tias, que, até então, moravam conosco no mesmo terreno, passaram a dormir no emprego, na casa dos D’Antanhos. (Evaristo, 2016. p. 131)

Ao criar uma personagem tão forte, a autora faz um merecido reconhecimento da então guerreira Anastácia, rainha bantu que foi escravizada no Brasil e obrigada a usar uma máscara de ferro para que a impedisse de falar denunciando assim o silenciamento violento da mulher negra. Essa máscara pode ser lida como símbolo do silenciamento e tortura do povo negro, representando assim o colonizador e sua necessidade de manter caladas as pessoas e controlar seus corpos. Partindo para uma análise mais profunda, podemos dizer que se trata de um silenciamento da linguagem dos povos negros, do nosso jeito de dizer, ou seja, a máscara tem como alvo um silenciamento de uma forma específica de dizer que abarca uma identidade de cultura negra. Essa cultura negra é reconstruída na forma de dizer das personagens de Conceição Evaristo. Evaristo de alguma forma desconstrói esse silenciamento trazendo o que Lélia Gonzalez vai chamar de “Pretuguês” que está intimamente ligado à oralidade negra e sua cultura. Sobre esse movimento de especificidade da cultura negra e da linguagem, do jeito de dizer negro, Lélia Gonzalez (2020) nos diz que

A cultura brasileira é uma cultura negra por excelência, até o português que falamos aqui é diferente do português de Portugal. Nosso português não é português, é “pretuguês”. Se a gente levar em consideração, por exemplo, a atuação da mulher negra, a chamada “mãe preta”, que o branco quer adotar como exemplo do negro integrado, que aceitou a democracia etc. e tal, ela, na realidade, tem um papel importantíssimo como sujeito suposto saber nas bases mesmo da formação da cultura

brasileira, na medida em que ela passa, ao aleitar as crianças brancas e ao falar o seu português (com todo um acento de quimbundo, de ambundo, enfim, das línguas africanas), é ela que vai passar pro brasileiro, de um modo geral, esse tipo de pronúncia, um modo de ser, de sentir e de pensar (Gonzalez, 2020, p. 289-290)

A importância da mulher negra trazida por Gonzalez justifica o querer calar imposto pelo colonizador através da citada máscara pela qual busca-se definir o quando, o que e como falar, mas, por outro lado, existe o movimento histórico de resistência representado aqui por Evaristo e sua reconstrução cultural negra através de narrativas ratificadoras de um dizer próprio nosso, mulheres e homens negros.

Grada Kilomba, em *Memórias da plantação* (2019) nos traz uma análise sobre Anastácia escravizada e essa máscara do silenciamento que, segundo a autora, foi “instrumento real que se tornou parte projeto colonial europeu por mais de trezentos anos”, ou seja, foi objeto importante durante o processo de escravização servindo para calar os indivíduos. Grada Kilomba assim descreve a máscara, sua função e representação dentro do colonialismo:

Ela [a máscara] era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito *negro*, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores *brancos* para evitar que africanas/os escravizadas/os comecessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implantar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo (Kilomba, 2019, p. 33).

Portanto, a Anastácia que Kilomba (2019) traz, ao retratar a máscara do silenciamento, é proibida de falar, é refém do sistema colonial escravocrata que tentou tirar de homens e mulheres sua humanidade colocando-os na condição de animais, acudados sob o chicote e grilhões, sem expressividade. Contudo, a resistência negra ativa de homens e mulheres existiu, movimentos contrários em prol de suas liberdades e a dos seus, mas que a história oficializada apagou registrando uma história de passividade de aceitação negra que não condiz com os fatos. Ações de resistências negra podem ser constatadas em “Regina Anastácia” e “Sabela”.

Evaristo traz uma “Regina Anastácia”, ressignificada, rainha de si, ativa dentro da sociedade, uma rainha que ao falar traz consigo outras vozes também rainhas, apresentando, portanto, um eco ancestral matriarcal que situa na história o protagonismo negro e feminino conectado pelo tempo, como pode ser percebido no poema Vozes-mulheres:

Vozes-mulheres
A voz de minha bisavó
ecoou criança

nos porões do navio.
 Ecoou lamentos de uma infância perdida.
 A voz de minha avó
 ecoou obediência
 aos brancos-donos de tudo.
 A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado
 rumo à favela.
 A minha voz ainda ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 e
 fome.
 A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade (Evaristo, 2017, p. 24-25).

No poema acima, “Vozes-mulheres”, de Evaristo, podemos perceber o recolhimento de vozes ancestrais ecoando liberdade. Temos um encontro de gerações em que de uma geração para outra existe mudança na característica da voz: a voz da bisavó era de uma criança ainda, a voz da avó ecoou “obediência”, a voz poética (mãe), descendente dessas duas mulheres, já tem algo “engasgado”; a voz do sujeito poético ecoa “versos perplexos” denotando a presença de instrução escolar com a escrita e, por fim, aparece uma mulher mais nova que recolhe em si todas as vozes antes negadas às suas ascendentes. Portanto, essa nova mulher une os três tempos, tem nela todas as outras vozes. Assim, a geração nova traz uma voz muito mais próxima da liberdade com sua “voz ressonante de vida-liberdade”, como aparece no poema citado. Ação que acontece com a Anastácia apresentada por Evaristo.

Assim, nota-se um atravessamento literário entre os textos da autora e um entrelaçamento ancestral que recupera uma história que se faz coletiva e ressignificada.

A narrativa em questão, “Regina Anastácia”, traz um relato de vida da personagem que foge à marcação do tempo ditada pelo ocidente no tocante ao modo de vida das pessoas negras. Há um tempo outro que foge da noção de tempo ocidental, linear, cronologicamente previsível com faixas temporais terminativas, portanto, o tempo narrativo em “Regina Anastácia” tem um viés ancestral não linear, mas comprometido com uma renovação cíclica sem repetir o velho,

este se apresenta ressignificado. Leda Martins, em *Performances do tempo espiralar* (2021), explica com grande propriedade sobre a correlação entre tempo, ancestralidade e morte e também a respeito da temporalidade espiralar:

Essa percepção cósmica e filosófica entrelaça, no mesmo circuito de significância, o tempo, a ancestralidade e a morte. A primazia do movimento ancestral, fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os tempos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em um processo de perene transformação. Nascimento, maturação e morte tornam-se, pois, contingências naturais necessários na dinâmica mutacional e regenerativa de todos os ciclos vitais e existenciais. Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta (Martins, 2021, p. 132).

Nesse tempo espiralar no qual tudo vai e tudo volta teorizado por Leda Martins (2021), Evaristo demonstra literariamente quando retoma a figura da rainha em “Regina Anastácia”, mulher negra que tem restituída a coroa que lhe foi tirada em um outro tempo, então, quando a autora faz essa devolução, ela está recriando este tempo num espaço ficcional. Portanto, acontece um atravessamento de tempos, ou seja, tem um passado que está sendo contado por um prisma outro, no qual Evaristo usando do espaço da literatura e crítica histórica volta a um passado diferente do passado contado pela história oficializada. Neste ir e vir histórico cria um tempo novo ressignificado dentro do tempo já conhecido ou contado para devolver para a mulher negra a coroa de rainha que lhe foi usurpada.

Percebe-se que na ancestralidade o que é priorizado é a transformação contínua, dependendo da tradição do povo em questão a figura do velho é valorizada a tal ponto que ele pode servir de espelho para abrir caminho para o novo e esse surge com características do que se foi em uma roupagem inovadora, porém em essência traz o outro-velho em si, ou seja, é um novo retroalimentado a partir de vivências significativas de outrem.

Nesta linha de espiralidade do tempo, Evaristo – em sua criação ficcional – traz um debate sobre um Brasil profundo em suas bases de formação enquanto nação que se fez a partir da desigualdade entre os povos, exploração humana, racismo e outras violências interseccionais que promovem diferenciação entre os indivíduos e manutenção de privilégios de uma minoria. A interseccionalidade se apresenta com força, mostrando suas facetas na vida do povo negro influenciando sobremaneira seu processo de desenvolvimento social em uma sociedade que mede seus entes de acordo a tonalidade de cor de sua pele, dita o avanço econômico, contribui para a divisão social e sexista do trabalho, entre outros vilipêndios à dignidade humana. Assim, a finalidade da interseccionalidade, segundo a doutora Carla Akotirene, professora da UFBA, em seu livro *Interseccionalidade* é explicitada:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (Akotirene, 2020, p. 19).

Das marcas nocivas ao desenvolvimento social e humano, destaca-se no texto de Evaristo a questão latifundiária: poucos com grandes extensões de terra, detentoras dos meios de produção econômica e muitos na extrema pobreza, explorados por não terem oportunidades e direito à propriedade de terra.

Uma família latifundiária, ainda herdeira de um poder adquirido como beneficiária das capitanias hereditárias, ao longo dos séculos se impunha como dona da cidade. A linhagem Duque D’Antanho. O único banco, chamado “Moeda de Antanho”, pertencia à família Duque D’Antanho. Aliás, não só o banco pertencia ao povo Antanho, tudo ali era deles. O comércio com três açougues, quatro padarias, meia dúzia de armazéns, uma fábrica de doce, quatro lojas de tecidos, duas joalherias, duas farmácias, uma única casa de prostituição, um posto de gasolina, uma oficina mecânica, a funerária, sem esquecer a pequena imprensa local, o jornal *Rio Fundense*. E quem trabalhasse com lavoura era sempre em terras arrendadas dos Antanhos (Evaristo, 2016, p.128-129).

Como se percebe acima, a autora faz referência a um Brasil que fora dividido em grandes faixas de terra, as Capitanias hereditárias, entre elites econômicas as quais mantinham domínio dos povos. Essa divisão das terras mencionadas desprezou toda a referência dos reais donos da terra, os indígenas, fato que denota o quão nefasto foi o processo de colonização e dominação dos meios de subsistência. Dividir as terras e implementar um novo sistema econômico exploratório gerou a aniquilação de sistemas orgânicos de vida praticados pelos povos indígenas, pois enquanto os moradores antigos utilizavam a natureza como meio para sobreviver em harmonia, os invasores queriam a devastação, o uso exploratório e exaustivo dos recursos naturais. Evaristo é cirúrgica ao trazer essa representação da elite brasileira donatária das terras que nunca a pertenceu, mas que pelo uso arbitrário da força tomou de assalto terras e vidas consagradas milenarmente.

Em “Regina Anastácia”, atrelado à questão da propriedade de terra está o racismo e a segregação entre as pessoas. Evaristo problematiza os fatos ao levantar na história o relacionamento amoroso entre Regina Anastácia e Jorge D’Antanho. Anastácia, mulher negra, como sua mãe, tinha visão de independência financeira e social, mentalidade que vem da ancestralidade, de outras mulheres que as antecederam; Jorge D’Antanho, homem branco, rico, filho da família D’Antanho mais poderosa da cidade e que representa a figura do colonizador. Os dois protagonizam a luta de classes atravessada por outras violências, porém em proporções

desiguais, pois à mulher negra as violências são mais nocivas à medida que sofrem em bloco por conta do sexo (sexismo) e pelo racismo (sua cor), evidenciando assim o problema da interseccionalidade já citado.

Regina Anastácia e Jorge D’Antanho têm uma relação inviável aos olhos de suas famílias, mas totalmente possível pelos personagens com o aval da autora que com maestria suscita a discussão de raça, preconceito, desigualdade econômica e social, trazendo, portanto, à reflexão o funcionamento estrutural de nossa sociedade ao longo da história e suas interseccionalidades, já que tais fatores sociais atravessam o tempo. Na passagem a seguir podemos perceber parte do imbróglgio familiar e a relações sociais entre os personagens

E, para o meu sofrimento, mamãe Saíba me disse que, depois que ela desse a janta de meu pai e que ele fosse para o quarto, ela queria falar comigo. [...] Ela havia notado o interesse do moço D’Antanho por mim e sabia o que aquilo significava. Os moços brancos, incentivados pelas famílias, conservavam os hábitos ainda do tempo da escravidão. Corriam atrás das mocinhas negras, assim como os donos de escravos tomavam o corpo das mulheres escravas e de suas filhas. Começavam a se fazer homens, experimentando os primeiros prazeres no corpo das meninas e mulheres que trabalhavam em suas casas. Só que o tempo havia mudado. O mais comum agora era a sedução. Entretanto, havia aqueles que tomavam, à força, o corpo da empregada que trabalhava com eles. Ouvi tudo que mamãe dizia e sabia que ela tinha razão, menos em relação ao Jorge. Ele era diferente de toda a sua família – pensei eu. E era mesmo. Dias depois, ele chamou meu pai e minha mãe e pediu para eles se poderia namorar comigo. [...] A guerra em minha família foi suave, eu tinha de convencer os meus de que Jorge D’Antanho me respeitava e que eu não era nenhuma menina sem malícia, para perceber as más intenções dele, caso ele tivesse. (Evaristo, 2016, p. 137-138).

Podemos perceber que a mãe de Anastácia tem a preocupação com a filha para não ser feita de objeto sexual por um homem branco como tantas outras meninas eram feitas, fato pernicioso, herança dos tempos da escravidão e que a autora do texto denuncia que ainda é presente na sociedade vestido com outra roupa, a sedução. Outra parte ainda retratando das relações conflituosas centra-se na família de Jorge que não aceita o relacionamento devido a condição social e racial de Regina Anastácia

Guerra pior, dolorosa, ia ser declarada na cidade fechada. Meus inimigos eram os D’Antanhos e Jorge, sem meias medidas, enfrentou a sua família, que reagiu logo. Dispensou as minhas tias que trabalhavam com eles, acusou uma de roubo; deram queixa na polícia. [...] Jorge foi espremido contra a parede, que ele parasse logo com a história de namoro, que fizesse comigo o que quisesse, que montasse para mim uma casa, mas que não espalhasse essa ideia de namorar, de compromisso. Eu não era moça para tais propósitos. Ele, entretanto, sabia o que queria e eu também. A desobediência causou a expulsão do nome dele do testamento (Evaristo, 2016, p. 138).

Diferente da família de Regina Anastácia, uma família vinda de outro lugar, sem lastro financeiro, a família D’Antanho, rica e dona de quase todas as terras do lugar, está preocupada

com a imagem social da futura companheira de Jorge, uma mulher preta e pobre, logo, na lógica racista e preconceituosa, indigna de se casar com um homem branco e rico de família nobre.

Como remonta a história, o povo negro foi obrigado a se locomover por diversas partes do globo, ora de maneira compulsória, trazidos de África em navios, ora como forma de garantir sua sobrevivência, seja fugindo e criando espaços de luta e resistência como os quilombos ou até mesmo se deslocando em busca de locais para trabalhar com sua família. Neste aspecto, Evaristo representa a família de Anastácia como emigrantes, uma família “composta de mãe, pai, irmãs, tias, tios, primas, primos” (Evaristo, 2016, p.128), uma configuração diferente do conceito de família estabelecido pelo padrão social tradicional: pai, mãe e filhos. Sobre a configuração de família tradicional nuclear muito defendida por setores da sociedade como a ideal, bell hooks (2021) nos lembra que a imagem dessa família composta por pai, mãe e filhos é fantasiosa e traz a família estendida como a mais provável e mais realista. Assim, hooks elucida que

Em nossa sociedade, boa parte das discussões sobre “valores familiares” destacam a família nuclear, constituída por mãe, pai e preferencialmente um ou dois filhos. Nos Estados Unidos, essa unidade é apresentada como a organização mais importante e desejável para a criação dos filhos, aquela que garantirá o bem-estar ideal de todos. Trata-se, é claro, de uma imagem fantasiosa de família. Dificilmente alguém em nossa sociedade vive num ambiente como esse. Mesmo indivíduos criados em famílias nucleares geralmente as experimentam simplesmente como uma pequena unidade no interior de uma unidade maior formada pela família estendida. Juntos, o capitalismo e o patriarcado, como estruturas de dominação, têm feito hora extra para destruir essa unidade mais ampla de parentesco. Substituir a comunidade da família por uma unidade autocrática menor e mais privada ajudou a aumentar a alienação e a possibilidade de abuso de poder. Isso deu controle absoluto ao pai e controle secundário, sobre as crianças, à mãe. Com o estímulo ao afastamento das famílias nucleares da família estendida, mulheres foram obrigadas a se tornar mais dependentes de um homem, e as crianças, mais dependentes de uma única mulher. É essa dependência que se tornou e continua sendo o solo fértil para os abusos de poder (hooks, 2021, p. 113-114).

Evaristo conversando com bell hooks mostra ao longo da história de Anastácia que a família grande da personagem mantém uma rede de apoio entre si em prol do bem coletivo. Ajuda notada em atividades simples, mas que tem significado de colaboração: “Passei o resto da tarde com as minhas tias na cozinha. Ajudei a preparar os quitutes para o domingo, lavei as louças, buscando tempo de ficar com elas e matar saudades” (Evaristo, 2016, p. 133). A ideia de união e solidariedade entre as mulheres é notada sejam elas mais velhas ou mais nova e juntas compartilham dos frutos produzidos, sem com isso deixar os homens de fora desse movimento de união e construção de vidas coletivas:

Enquanto eu ficava em casa, fazendo os quitutes com a minha mãe, Jorge dava aula das primeiras letras nas cidades vizinhas, ajudava os farmacêuticos de outras cidades a preparar remédios. A tendinha crescia e, com muito trabalho, fomos fazendo dela uma padaria. [...] Meu pai era também nosso aliado (Evaristo, 2016, p.139).

Conceição Evaristo, atenta ao processo de formação histórica do país e dos mecanismos de dominação praticados pelas elites econômicas, demonstra o quanto a riqueza sempre esteve na mão de poucas pessoas, assim como o processo de dominação do outro sempre foi a ordem do dia. A dominação do corpo ou física pode ser passageira, diante disso o indivíduo que procura um controle mais efetivo e duradouro busca estratégias de submissão por meio de manobras psicológicas controlando a mentalidade daquele que se encontra em domínio. Desta forma são impostos dogmas religiosos, controle no acesso à informação e comunicação, seleção de conhecimentos a serem compartilhados através das instituições educacionais, assim como domínio dos meios de produção de determinada sociedade. Neste sentido, retomando a expertise de Evaristo sobre a formação da sociedade brasileira, a autora traz ao debate o domínio da família D’Antanho nas esferas sociais, a qual, como o polvo, espalhava seus tentáculos pelo lastro social: controle religioso (igreja), domínio educacional, influências nas decisões políticas. Vejamos o texto de Evaristo:

O pároco, padre José Geraldo D’Antanho, na sua função vitalícia, chegara ali desde que fora ordenado e já administrava a igreja havia mais de cinco décadas e as duas escolas eram dirigidas pelas professoras, sempre da família Duque D’Antanho. Qualquer solicitação de vaga, para quem não tivesse peso político, sempre dependia do apadrinhamento de algum dos Duques (Evaristo, 2016, p. 129).

A função vitalícia que aparece acima, destinada ao religioso, é mais um instrumento de perpetuação da igreja e seus membros em posição de mando e comando dentro da sociedade mantendo domínio do conhecimento e também controle dos corpos e mentes através da doutrina religiosa que no fundo tem o objetivo principal de conduzir a sociedade pelos princípios de determinada ideologia que privilegia as classes elitistas que fazem uso das instituições sociais como meio de sustentação de seus privilégios. Pegando o contexto da obra em análise, o conceito de vitalício só vem ratificar a ideia de poder exercido pela família D’Antanho com seus múltiplos braços familiares para manterem os indivíduos subservientes sobre seu controle.

Nota-se a presença do poder opressor ramificado nos diversos setores, mas a autora, consciente dos movimentos de resistências e organização histórica dos oprimidos, nos apresenta o outro lado, um outro lugar de outras perspectivas, o contrário, a força/potência daquelas pessoas que conhecem seu potencial de resistência e que traçam novas rotas para alcançarem seus objetivos. Evaristo anuncia o “Clube Recreativo Antes do sol se pôr”, um lugar de

aquilombamento, resistência negra, espaço de pensar e tomar rotas de liberdade a partir da organização coletiva de irmãos e irmãs que tinham o bem-estar coletivo como fim maior. Eis a origem do Clube presente na narrativa:

De acordo com o que contavam os mais antigos da cidade, a origem do clube remontava aos tempos da escravatura. Dizem que, ali, havia uma velha tapera, bem no vão da estrada, que se abria em três direções. No lugar alguns africanos e seus descendentes, ainda escravizados, se reuniam dançando e cantando. No premeditado folguedo se despistavam da vigilância dos senhores, enquanto organizavam fugas do cativeiro. Tais encontros aconteciam aos domingos e dias santificados, pois os fazendeiros, muito católicos, normalmente liberavam os escravos nesses dias. Cantavam e dançavam desde o amanhecer do dia até “Antes do sol se pôr”. Quando a noite ia baixando, alguns já sabiam qual direção da estrada deveriam tomar. Esquerda? Direita? Em frente? Zâmbi, Olorum, Exu, Ogum, Senhora do Rosário, São Benedito com seu menino Jesus, Santa Efigênia dependendo da fé do fugitivo, cada um desses protetores, ou todos juntos, indicava qual caminho daria a liberdade quilombola. Mais tarde, quando a lei foi assinada, muitos dos escravizados, que trabalhavam na coleta do ouro e do diamante, já tinham uma economia própria e, juntos, construíram um salão que existe até hoje, no lugar exato em que ficava a tapera. Ali está localizado, hoje, o Clube Recreativo denominado “Antes do sol se pôr” (Evaristo, 2016, p. 129-130).

A esperança em deuses ou entidades negras como as que aparecem na citação acima é a última instância de socorro e saída que o povo negro recorria para escapar do regime de escravização que estava submetido. Era uma busca de ajuda a deuses negros que estavam mais próximos da fé dos negros e negras, seja por identificação identitária ou por herança de fé vinda de seus pares antepassados. Estamos falando de entidades pretas que pertencem à cultura negra, portanto, próximas aos anseios da população marginalizada e maltratada pelo sistema escravocrata.

Ainda na citação aparece uma menção a uma lei de libertação dos escravizados, ou seja, a Lei Áurea assinada pela então Princesa Isabel que nem é mencionada por Evaristo em sua reescrita da história. A lei citada teve uma mera formalidade de reconhecer o que o povo escravizado já estava fazendo com as próprias mãos, promovendo sua libertação e a de seus pares. A lei vem como engodo histórico para passar a falsa ideia de que foram os colonizadores que estavam concedendo a quebra das correntes do povo negro, mas, na verdade, foi o próprio negro que com sangue, suor e luta exigiu e provocou sua quebra de correntes.

Analisando a lei como engodo histórico e a noção de realza presente no conto de Evaristo salta do texto que a autora destitui a princesa Isabel do trono, pois serviu apenas para assinar um papel de fatos já consumados por quem de fato abriu caminhos e trincheiras de libertação, o povo negro. Assim, quando Evaristo constrói uma narrativa trazendo mulheres negras (Saíba e Regina Anastácia) subversivas ao poderio econômico de uma família (os

D’Antanhos) libertam sua família e os que estão em seu entorno ao fundarem um comércio gerador de renda que garante a sobrevivência de todos. Este ato de liderar e promover a independência da/pela coletividade envolvida no processo pode ser lido como uma ação de libertação mais aceitável que um cumprimento de formalidade administrativa em assinar um papel como feito pela princesa da história oficializada, resguardando honrosas exceções. Portanto, entre as duas ações de libertação, Evaristo subverte a ideia de princesa atribuída à Princesa Isabel e quem vai ter a realeza no conto é “Regina Anastácia”.

Ainda sobre lei em questão, a mesma não abrangeu política de reparação ou proteção ao povo negro das atrocidades contra ele cometidas, pois depois do evento da assinatura da lei, com homens e mulheres “livres”, os problemas sociais se agravaram, o racismo entranhado na estrutura social, na mentalidade da sociedade fica mais latente haja vista que a população negra recorre aos morros e periferias para terem um lugar para morar e pensamentos de inferioridade lançados nesta população recém-liberta são acirrados e perduram até os dias atuais através do racismo estrutural que ainda se mostra vivo e destruidor. Evidentemente que houve outras pressões externas que contribuíram com o fim da escravidão, mas esse não é o fim desta análise agora, apenas deixamos uma pincelada histórica da temática.

Acima fica latente o quanto “Antes do sol se pôr” (que pode ser lido metaforicamente como antes da morte chegar, um incentivo de continuidade e luta pela vida) fica caracterizado como um templo de ancestralidade, fonte de resistência ao sistema escravista, lugar de acolhimento de homens e mulheres aviltados de seus direitos e de sua dignidade. Um espaço miscigenado entre o profano (festas) e o sagrado (orientação espiritual), ou seja, para além do acolhimento, diversão e proteção, no espaço quilombista as pessoas podiam colocar sua fé em prática e traçarem suas rotas a partir da proteção de seus guias divinos. Vale ressaltar que essas forças espirituais eram seres negros, “gente da gente” que podia confiar no caminho apontado a ser seguido com o fim de liberdade. Aqui há uma cosmovisão pautada na ancestralidade negra que gera uma percepção de mundo diferente do colonizador que tem uma visão cristã.

Assim, podemos dizer que Evaristo traz uma valorização e ensinamento da história de luta do povo negro, seu potencial de resistência e sua importância na e para a formação da sociedade como povo ativo e não passivo, portanto, a autora mostra um contraditório ao que fazia a história oficial que por muito tempo apresentou e ainda apresenta uma história do povo negro de maneira deturpada, fragmentada, sem valorização e sem motivos de nos orgulhar de quem somos.

Nestes moldes podemos dizer que o texto literário em análise dialoga com o que determina a Lei 10.639/03, esta fruto de ações dos movimentos negros que por muitos anos

travaram diversos embates dentro da sociedade para que a história e cultura dos povos africanos e afro-brasileiros fossem valorizadas nos espaços educacionais, assim como nas esferas da sociedade, portanto, quando a referida lei é promulgada em 9 de janeiro de 2003 pelo presidente Lula, a vitória por tal acontecimento deve ser lembrada como uma conquista da sociedade civil organizada, uma conquista popular e histórica pela qual muitos irmãos e irmãs derramaram sangue e dedicaram a vida. Assim, a Lei 10.639/03 vem para alavancar a luta de conscientização de toda sociedade da importância de lutar contra o racismo e suas mazelas. As redes escolares têm papel fundamental no processo de formação do indivíduo, pois através do ensino e tratamento da história e cultura dos povos africanos e afro-brasileiros pode-se mostrar um outro lado da história, silenciado, apagado.

Seguindo esse novo plano de ensino de história, mostrando o outro lado dos acontecimentos do passado, ao analisar a literatura de Evaristo pode-se perceber que se trata de uma literatura que reescreve o passado dando-lhe outro significado, traz a importância das pessoas marginalizadas apresentando sua positividade, seus feitos, sua intelectualidade, seu poder inventivo e todo arcabouço contributivo à formação da sociedade, esta nutrida e formada não só por um povo, mas por povos diferentes com igual importância, com destaque, evidentemente, à participação da mulher negra que muito contribuiu para a constituição das sociedades. “Regina Anastácia” é exemplo dessa atuação da mulher negra no fronte social de transformação da sociedade e mostra como as forças de resistências existiram e atuaram contra a opressão dos grupos dominantes economicamente, assim a literatura escrita por Evaristo reescreve o passado buscando promover a justiça social aos atores sociais historicamente marginalizados e apagados do protagonismo social.

O título “Regina Anastácia” traz uma carga semântica e histórica que nos leva a enxergar a resistência da mulher negra a partir da personagem principal. Uma mulher que não se dobra diante das adversidades, que busca no passado de suas ancestrais, mulheres moventes da dinâmica da sociedade que vivem, estratégias de transformar seu presente. A mulher negra desde sempre teve que começar muito cedo a trabalhar para ganhar seu sustento e o de sua família e como a baixa escolarização sempre acompanhou a população negra como um projeto político de desvalorização, discriminação e preconceito de classe, a população negra desde sempre faz malabarismo para garantir sua sobrevivência. Em “Regina Anastácia”, a personagem inicia sua atividade econômica com sua mãe, mulher determinada, autônoma e perseverante nos seus objetivos. Saiba, a mãe de Regina Anastácia, é uma matriarca que traz os ensinamentos de outras tantas mulheres de sua família em direcionar a própria vida e a vida dos seus em busca de transformação de sua realidade, características essas que podem ser facilmente

identificadas dentro das famílias brasileiras, onde mulheres negras, muitas vezes mães solo, precisam desde muito cedo enfrentar as dificuldades impostas e lutarem pela sobrevivência familiar ajudando seus companheiros ou sendo as únicas provedoras da casa.

[...] Dois anos depois, desse episódio, eu, com dezesseis anos, trabalhava com minha mãe, entregando encomendas de doces e pães, não só em Rios Fundos, mas em algumas cidades próximas. Contrariando o desejo de meu pai, que achava mais seguro se minha mãe fosse trabalhar na fábrica de doces ou em uma das padarias do pessoal D’Antanho, ela continuou trabalhando por conta própria. Soubemos que isso foi alvo de deboche. Nem o pessoal da cidade fechada, nem as pessoas da cidade aberta acreditavam que alguém pudesse sobreviver fora do poderio dantanhense. Mas a força de minha mãe vinha do pessoal de outrora, principalmente das mulheres desde lá. E, feito galinha que, de grão em grão se sacia, a velha Saíba se fez (Evaristo, 2016, p. 134-135).

A passagem acima só reforça o histórico protagonismo que as mulheres negras sempre tiveram, a busca de autonomia, a retomada de práticas ancestrais cultivadas entre matriarcas e que são passadas uma às outras como saber que garante suas existências de geração em geração. Nota-se que o homem, representante do poder patriarcal enseja ou tenta direcionar o atuar de Saíba, mãe de Regina Anastácia, mas sua influência, sua vontade não tem força de decisão frente a personagem matriarca. A narrativa desconstrói o poder de influência e decisão que historicamente o homem, pai de família detinha sobre sua esposa e sobre os demais entes da família. A família de Saíba é em verdade direcionada pela mulher matriarca, esta mulher não segue mando masculino, pois vem de uma linhagem de mulheres que dominam as rédeas da própria vida, mulheres de além-mar, ancestrais africanas de Saíba, logo também de “Regina Anastácia”. Esse poder de comando é notado em Saíba que ciente de suas potencialidades não segue o desejo do marido e traça seu destino paulatinamente até alcançar seu objetivo.

Ainda na citação supracitada aparecem as denominações de cidade aberta e cidade fechada. Tais denominações nos permitem uma leitura dos espaços quanto ao desenvolvimento humano, onde a cidade fechada, dominada pelo poderio dos ricos, embora tenham muito poder econômico, simboliza um atraso e apego aos tempos da escravidão de exploração do outro, individualismo e depreciação da condição humana. Já a cidade aberta sinaliza o desenvolvimento da sociedade levando em conta a coletividade, é um espaço aberto às novas possibilidades. Tais espaços passam por uma vertigem social quando as personagens “Regina Anastácia” e “Jorge D’Antanho” engatam em um relacionamento de união e ao mesmo tempo de separação de paradigmas, ou seja, quando os diferentes se fundem, novas perspectivas são formadas, o novo surge e realidades outras são postas.

Do exposto podemos dizer que Conceição Evaristo nos oferece uma literatura de vidas entrelaçadas e que mantêm uma conexão ancestral que atravessa o tempo, uma literatura que nos convida a valorizar os que se foram e deixaram seu legado de luta, ao mesmo tempo nos faz reverenciar a vida e defender sua continuidade não como reprodução de realidades postas, mas repaginadas com mudanças inspiradoras aos que virão.

Portanto, ao anunciar Regina Anastácia, a história de sua família, de sua mãe e outras matriarcas que a antecederam, Evaristo valoriza e enfatiza o protagonismo da mulher negra, sua capacidade de gerenciamento social ao ponto de promover mudança de ordem no espaço que se encontra. A personagem principal consegue romper as margens e chegar ao centro, desenvolve saberes que salutaras a sua sobrevivência e também de sua comunidade, o conhecimento ancestral é virada de chave ao progresso coletivo, o saber está representado na figura feminina, guardado em seu íntimo humano. Esse saber ligado ao corpo negro feminino também está em “Sabela”, que terá sua história analisada a seguir.

O saber da mulher negra, o uso do conhecimento em prol da coletividade, narrados em “Regina Anastácia” é algo transcendente na obra de Evaristo. Assim, feita a análise do conto “Regina Anastácia” é chegada a vez de continuarmos imbuídos do mítico, do sagrado, do escrever ficcional de Evaristo. Porém, agora lançando olhar sobre outra personagem da autora já anunciada: “Sabela”, mulher que o corpo anuncia ou revela os sinais do tempo, um corpo que é ancestral, um corpo que sofre tentativas de apagamento por uma sociedade patriarcal, mas um corpo gerador de vidas outras.

3.7 SABELA, “MULHER-ÁGUA”: FORÇA MOTRIZ DA VIDA

“Sabela” é força geratriz de vidas, o saber está com ela, a mulher corpo-água. “Sabela” é uma novela escrita por Conceição Evaristo e está presente no livro *Histórias de leves enganos e parecenças*, publicado em 2016 e que narra a vida de uma mulher negra que o corpo dava sinais do tempo, uma mulher que detinha sabedoria espiritual capaz de enxergar além do tempo anunciando o presente e o futuro. Seu corpo-água capaz de fertilizar o rio da vida, garantindo a continuidade da humanidade. Vejamos com mais detalhes a ramificação dos saberes de “Sabela”.

A professora Assunção de Maria Sousa e Silva (2020) apresenta o livro “Histórias de leves enganos e parecenças” como um livro inovador, assim explica melhor a professora:

Dizemos inovador porque, mesmo que comprove a existência de elementos discursivos recorrentes nos livros anteriores, em *Histórias de leves enganos e parecenças*, Conceição toma a decisão de percorrer a seara do **insólito**, do estranho, do imprevisível (Silva, 2020, p. 104. Grifo nosso).

A citação acima está presente no posfácio e entre outros exemplos que demonstram a ocorrência do insólito, a professora Assunção traz “Sabela” justificando que:

Nela, o corpo da personagem homônima sinaliza o estado da indomável natureza a prenunciar o dilúvio. As previsões e visões de Sabela, confirmam a tormenta que abate a população e o lugar e a personagem atua como detentora de uma sapiência incomum sobre os mistérios da ‘natureza-natureza, os da natureza humana e os da natureza divina’ (Silva, 2020, p. 104-105).

Nesse sentido, a personagem não só previa e tinha visões dos acontecimentos, mas vivia em seu corpo o próprio acontecimento e veremos adiante exemplos desse corpo-vivente de Sabela, um corpo que antes mesmo de anunciar o dilúvio da natureza-natureza já era o próprio dilúvio, evento este que segue em análise mais à frente.

A professora Assunção Silva ainda nos alerta aos possíveis efeitos que o livro supracitado pode causar no/a leitor/a que porventura faça uma leitura pautada em uma visão ocidentalizada e veja a obra como uma “literatura fantástica” diante das abordagens que saem do lugar comum que estamos acostumados, lugar este que Evaristo transcende em sua literatura, assim o alerta da intelectual ao afirmar que

Essas incursões que irrompem a lei natural das coisas e que tendem a provocar no/a leitor ‘hesitação’ podem levá-lo/a a uma possível leitura do livro pela via crítica ocidentalizada, enquadrando-o como literatura fantástica, pela ocorrência do insólito, todavia, a nosso ver, a construção de tal expediente se alicerça sob outros pilares, se levamos em conta os discursos de Conceição Evaristo como teórica da literatura (Silva, 2020, p. 105).

Partindo desta chamada da professora Assunção, sinalizamos que nosso posicionamento analítico frente a novela “Sabela” de Evaristo não segue a via da leitura fantástica, mas sim o viés da abordagem teórica da literatura considerando a particularidade de Evaristo e sua escrivência a partir de uma cosmovisão afrodiaspórica.

A novela traz em seu corpo narrativo uma história que entrelaça outras, vida atravessada por outras vidas. Na narrativa acontece uma releitura da história cristã do dilúvio, mas agora a partir da perspectiva afro-brasileira. Se na história cristã, presente em Gênesis¹¹, do capítulo 6 ao 9, é um homem que é o protagonista, salvador do mundo ou parte dele, em “Sabela” é o

¹¹ Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/9>. Acessado em: 23/05/2024.

saber feminino negro que assume as rédeas do destino humano e configura-se como guardião do mundo, é “Sabela” quem tem a vivência-mundo e busca no extrafísico a clemência que necessita a humanidade para continuar viva. Da mesma forma que a água é elemento destaque no evento bíblico, em “Sabela” o próprio corpo negro feminino é a água da criação e anunciador do dilúvio.

Quando do céu retumbaram trovões, gritos rasgados da boca do tempo, as vozes do alto foram repetidas desde lá de dentro das entranhas da terra. Os buracos terrestres, mesmos os bem-bem pequenos, como os minúsculos orifícios por onde penetram as menores formigas, até as crateras de onde jorram os vômitos dos vulcões, todos copiaram os gritos celestes. Todas as inimagináveis frinchas do chão manifestaram-se como um longo e profundo som. Todas as fendas do solo bradaram violentamente, inclusive a maior, a guardadora das imensas águas, o mar. Repito. Todos os buracos terrestres devolveram aos céus, em forma de eco, os brados roucos e lancinantes que se despendiam das nuvens. Tudo foi um só abalo, um transtorno só. Céu e terra como se tudo fosse uma única matéria em rebuliço. Eu lembro que, naquela tarde, os sons mais baixos provinham das vozes humanas em gritaria. Os cães ladravam em uníssono, misturando confusamente seus lamentos aos finos e irritadiços miados dos gatos. Os bichos de dois pés emitiam trinados, que de tão estridentes rachavam os bicos. Olhei Sabela, Mamãe tinha a expressão toda úmida. De sua roupa ensopada a água escorria. Lá fora a chuva nem começara ainda. Era sempre assim. O corpo de minha mãe dava sinal do tempo (Evaristo, 2017, p. 59-60).

A professora Denise Carrascosa¹² ao analisar a narrativa de Evaristo nos apresenta “Sabela” assim:

Sabela, nas altas esferas montanhosas etruscas da história imperial, é nome masculinizado: derivado patriarcal das sabedorias que estabelecem linhagens doutrinárias seculares; derivado latino do falseamento do feminino existente nos subterrâneos aquosos, nas brânquias em leque que nos permitem a colheita de alimentos e a respiração aquática. Originária Yorùbá das Sábás – as nossas Sabelas portam pulseiras e braceletes. Na obra de Conceição Evaristo, Histórias de Leves Enganos e Parecenças (Evaristo, 2016), performam os verbos-ação de incubar e chocar os ovos do mundo (Carrascosa, 2020, p. 153).

O elemento água tem forte presença em “Sabela”, o corpo feminino está intimamente ligado ao poder das águas em gerar vidas, fertilizando relações humanas, trata-se de um poder negado pelo ser masculino que ora domina a ordem social, política e economicamente e tenta sufocar a importância da mulher negra ou tenta deixá-la em segundo plano nos bastidores da sociedade. Denise Carrascosa (2020) chama atenção para o poder que tem as águas, atrelado ao fazer feminino, um poder de origem ancestral que é definidor do fazer-mundo, mas que o poder

¹² Denise Carrascosa é doutora em crítica literária e cultural (UFBA), pós-doutora em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas (UFRB), tradutora literária, advogada e professora associada de literatura na Universidade Federal da Bahia, na graduação do Instituto de Letras e no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/2132680/denise-carrascosa-franca> 10.02.2024

masculino desmerece. Assim, Carrascosa tratando da relação água como matriz da origem do mundo evidencia que

A falta de água nos leva à perda das cabaças. Em diversos Itâns de cosmogênese do Àiyé, na filosofia de Òrúnmilà, a força das águas como matriz feminina do perfazimento do mundo, ao tempo em que é ignorada pelos protagonistas do poder-masculino, cria rebeliões, re-voltas, desertificações e infertilidades. Não há o que possa ser ou vir a ser sem Água. Mas, volta e meia, os homens se esquecem (Carrascosa, 2020, p. 154).

O trecho acima nos ajuda a compreender a passagem do texto de Evaristo narrando que a cidade estava há tempos passando por grande dificuldade com a seca do rio e também de nascimento de pessoas, pois as mulheres se tornaram estéreis. Crianças não vinham mais ao mundo para desespero de homens e mulheres preocupados em garantir a continuidade da espécie. Assim, essa falta de descendentes é sanada quando Vovó Sabela, dirige-se ao leito do rio da cidade, seco, para dar à luz a sua filha, também, Sabela e seu rio de sangue, particular, natural do parto enche o rio-natureza de vida em águas correntes devolvendo a fertilidade às mulheres da comunidade que se banhavam nas águas de renovo, mulheres que em sinal de agradecimento retornavam ao rio para terem seus filhos imitando Vovó Sabela. A cidade prospera e os homens de poder se alegram com o grande feito da sábia parturiente guardiã do mundo da escassez das águas e da vida. Sobre o parto de Vovó Sabela e suas águas fecundas nos diz Sabela

A partir do nascimento de Mamãe, vovó Sabela, uma mulher comum, passou a ser reverenciada por todos no lugar. Ela havia livrado a cidade de morrer à míngua de pessoas, pois antes, mulher alguma paria mais. Os homens cabisbaixos perguntavam uns aos outros se o sumo que eles expeliam havia perdido a potência da vida. Eles se sentiam humilhados, enquanto que as mulheres experimentavam um misto de tristeza e culpa pelo mundo estar acabando a partir delas. Entretanto, com o nascimento de Sabela, tudo havia mudado. O único hospital do lugar não suportava mais tantas parturientes. Foi por tanta criança vindo ao mundo que as mulheres mais velhas, aquelas que não desejavam mais filhos, aprenderam um novo ofício. Com a destreza de quem faz o que viveu antes, ajudavam as mais novas, marinheiras de primeira viagem, a abrirem as pernas nas margens do rio. Ali as novas mães deixavam seus rebentos escorregarem encantados e assustados para o mundo. Tudo era feito nas margens do rio e neném era banhado, pela primeira vez, nas correntezas milagrosas, fecundas pelas águas e pelo sangue de Vovó Sabela (Evaristo, 2017, p. 64).

Denise Carrascosa enfatiza que

O corpo da mulher negra em Diáspora, da mulher-Sabela, sem origem unívoca ou historicamente rastreável, de ancestralidade-fluviosa, poreja águas infinitas, as comporta, as extravasa, as canta, as dança, as pre-sente e faz criar à humanidade seus afetos básicos – seguranças, medos, curiosidades, desesperos, alegrias, saudades,

generosidades, ganâncias, solidões, esperanças, irmandades. Esse corpo, negro-feminino, guarda a própria cabaça da criação e seus mistérios: ‘Via pedaços de medo em sua face, mas que logo desapareciam e o rosto dela ganhava o ar tranquilo, de quem tem plena convivência com os profundos segredos da vida e da morte’ (Carrascosa, 2020, p. 155).

A professora Denise Carrascosa traz à baila a ancestralidade do corpo negro como matriz da vida, um corpo negro feminino que carrega em si a força incubadora da vida, mas que também conhece a morte numa dualidade própria do ser humano.

Quando Evaristo nos apresenta “Sabela” e suas outras Sabelas raízes, tomamos conhecimento da linha matriarcal das Sabelas, mulheres que conservam tal nome sucessivamente, tradição que pode ser lida como estratégia de afirmação de força de suas existências no tempo. Externam-se ancestralidades que atravessam as gerações nas quais a mulher negra é a protagonista e conduzidora familiar. Assim, quando tentam descobrir qual a origem de Vovó Sabela, diante de seu feito (parto no leito do rio renovando-o e trazendo vida à cidade) e importância em trazer a prosperidade à cidade “conseguiu-se saber que Vovó Sabela, era filha de outra Sabela, que por sua vez era descendente de uma anterior Sabela, que havia chegado ali pequenininha” (Evaristo, 2017, p. 65).

Partindo para uma análise mais subjetiva, Evaristo anuncia “Sabela” como senhora das águas, pois seu corpo porejava água, fato que podemos ler como a personificação ou manifestação da orixá Oxum¹³ que nas religiões de matrizes africanas é a rainha das águas e também representa a sabedoria e o poder feminino, características que definem “Sabela”. Assim, “Sabela” também pode ser lida como uma vivente das águas, mulher que, parafraseando Evaristo, conhecia os segredos da natureza da natureza, da natureza humana e da natureza divina (Evaristo, 2017, p. 61). Tal vivência pluvial é demonstrada quando a narradora diz que

De vez em quando, ela suspendia o colchão e pelas gretas das tábuas do estrado, que compunha nossa cama, **via a enxurrada que nascia e ali mesmo morria**. Eram tantas águas, que só aquela torrente caseira, caso Sabela quisesse abrir as portas de nossa íntima comporta doméstica, inundaria o mundo. Vendo as águas prenunciadoras de novo dilúvio, desta vez sem a arca e o seu comandante, Mamãe buscava salvar o mundo (Evaristo, 2017, p. 61. Grifos nossos).

¹³ “Oxum” é um termo que vem da língua iorubá, tendo como origem o nome do rio Osun, localizado no sudoeste da Nigéria. Não por coincidência, Oxum é considerada dona das águas doces tanto no Candomblé quanto na Umbanda (religião na qual é sincretizada com Nossa Senhora da Conceição, santa católica). A orixá representa o poder feminino através do arquétipo da mulher elegante e amorosa, mas também inteligente, determinada, persistente, desinibida e senhora da fertilidade. Esse último aspecto inclusive lhe associa à maternidade, já que é considerada a protetora do feto durante o processo de gestação, além de possuir forte afeição por crianças. Outros aspectos que relacionam-se com ela são a riqueza, o amor, a prosperidade, a beleza e a sensualidade (Hemerly, Giovanna. Oxum e o poder do feminino no Candomblé. Disponível em: <http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/quem-e-oxum-o-poder-do-feminino-no-candomble/>. Acessado em: 22/05/2024).

O excerto acima tira “Sabela” do lugar comum que o sistema machista coloca às mulheres negras, pois a personagem é uma figura marcante e que foge ao perfil traçado pela ordem colonial que determina a subalternidade como lugar do indivíduo negro, este lugar não cabe “Sabela” e nem os que ela arrasta consigo, vozes muitas vezes negadas e silenciadas dentro da sociedade. “Sabela” vem de uma família de mulheres independentes, pois “Vovó Sabela e Mamãe, ainda menina, não tinham o que pedir aos homens. Autônomas faziam o que queriam” (Evaristo, 2017, p. 66). Nossa protagonista através de sua atuação ecoa vozes minorizadas, representa uma parcela social que é descartada pelo poder público como sem valor, mas “Sabela” promove e apresenta outro viés e por tal feito, consequências outras a acometem.

Quando nos detemos ao sentido que o nome Sabela nos permite pensar, logo nos vem a corruptela de aquela que sabe ou ainda o saber está com ela, desta forma representando a sabedoria a respeito da vida com extensão à morte. Trata-se de um poder de sabedoria que está no seu corpo, um corpo que vive e é o tempo presente e futuro, tendo nas águas sua maior manifestação.

Como eu dizia, Mamãe, íntima de todas as dobras da vida, também se mostrou assustada com a brutalidade da chuva que viria agredir a terra. Fiquei observando os modos dela. Via pedaços de medo em sua face, mas que logo desapareciam, e seu rosto, então ganhava o ar tranquilo, de quem tem plena convivência com os profundos segredos da vida e da morte (Evaristo, 2017, p. 62).

Mais uma vez Conceição Evaristo nos apresenta um texto focado na representação e atuação da mulher negra dentro da sociedade, assim como traz à tona a força da ancestralidade feminina e seu poder em transformar os espaços e os indivíduos que fazem parte de sua realidade, influenciando tantos outros à resistência e autotransformação.

O texto é dividido em três partes. Na primeira parte a filha de Sabela é a narradora, assim narra as características da mãe com seu corpo anunciador dos sinais do tempo

O corpo de minha Mãe dava sinal do tempo. Em épocas de seca, ele também emitia avisos. A saliva ia rareando em sua boca e sua língua ficava fina, finíssima como uma folha desidratada. Durante quase todo o estio ela guardava silêncio, tornava-se meio muda. E quando ensaiava proferir alguma palavra, um hálito quente, incandescente, por mais que ela guardasse distância do interlocutor, se fazia sentir por todos. E naquele dia, apesar do tempo ser de seca, o corpo de Mamãe anunciava chuva (Evaristo, 2017, p. 60).

O corpo e a casa de “Sabela” podem ser lidos, segundo uma cosmovisão afrodiaspórica, como a própria vivência do tempo, pois corpo e natureza estão fundidos residindo aí o anunciar

dos sinais do tempo feitos pelo corpo dela. Um tempo corporificado, vivido pelo e no corpo nas esferas do passado, presente e futuro, “Sabela” é o próprio tempo através de seu corpo. Assim, antes de falar da grande chuva, a carne de “Sabela” já vivia a chuva, porejava água, era a torrente d’água em si. Ratificando: a tempestade anunciada acontecia dentro e fora de Sabela e de sua casa, unindo o físico e o extrafísico numa coisa só.

Neste anúncio de chuva, não uma simples chuva e sim uma torrente d’água comparável ao dilúvio bíblico que foi protagonizado por um homem, desta vez é uma mulher negra, “Sabela”, que prenuncia a tempestade e ao mesmo tempo é instrumento de salvação para grande parcela da população utilizando não de uma arca e sim de sua força divina, seus conhecimentos ancestrais através do seu corpo-voz, emissor de alertas. A sua casa era lugar encantado no qual conseguia experienciar o futuro do mundo.

Eu lembro de que Sabela, mesmo acostumada a lidar com todos os mistérios, os da natureza-natureza, os da natureza humana e os da natureza divina, me pareceu um pouco assustada. De vez em quando, ela suspendia o colchão e pelas gretas das tábuas do estrado, que compunha nossa cama, via a enxurrada que nascia e ali mesmo morria. Eram tantas águas, que só aquela torrente caseira, caso Sabela quisesse abrir as portas de nossa íntima comporta doméstica, inundaria o mundo (Evaristo, 2017, p. 61).

Mais uma vez fica exposto o poder/saber de “Sabela” através das e nas águas, uma ligação forte com o líquido da vida e seu poder, poder este que a “Sabela” é dado a guarda e controle, as águas são ela.

Evaristo trata de cultura religiosa apresentando o sincretismo¹⁴ quando fala que “Sabela”, buscando evitar o sofrimento de todos faz uso de elementos do catolicismo que são as ramagens utilizadas no Domingo de Ramos, mas também clama por Santa Bárbara que no sincretismo religioso é Iansã, rainha dos ventos e dos raios, Orixá do Candomblé.

Vendo as águas prenunciadoras de um novo dilúvio, desta vez sem a arca e o seu comandante, Mamãe buscava salvar o mundo. De uma pequena sacola de pano, ela tirava alguns galhos bentos, serventia santa para aquela hora. Todos os anos, Sabela acompanhava o ritual católico do Domingo de Ramos e sabia que as ramagens sagradas, balançadas de dentro para fora da casa, ou queimadas em algum cantinho, eram capazes de aplacar a cólera da chuva. Sei que aquele dia, Mamãe várias vezes incinerou os galhinhos secos balbuciando rezas a Jesus, Rei dos Judeus, clamando também por Santa Bárbara, a mártir católica (Evaristo, 2017, p. 62).

Um fator importante é que “Sabela” é colocada como salvadora do mundo e o faz com a força de suas mãos e conhecimento do extrafísico que está nela, diferente da história do dilúvio

¹⁴ Sincretismo aqui é lido como estratégia religiosa e de sobrevivência adotada pelos africanos para continuarem cultuando suas divindades, associando-as aos santos do Catolicismo.

cristão onde o homem aparece como salvador da humanidade, mas precisa de uma arca para alcançar seu feito. Já Sabela resgata as pessoas com uma força e episteme que são inatas a ela evidenciando as naturezas humana e divina em correlação, manifestadas em “Sabela”. Desta forma Evaristo eleva o papel da mulher, dando-lhe maior significância dentro da sociedade, “Sabela” é figurada como uma desconstrução do patriarcado, exaltando a potência da matrilinearidade latente em sua família e ancestrais. Além disso, a ação de salvar vidas neste novo dilúvio é feita por uma coletividade dentro da sociedade, “Sabela” é a visionária e farol de alerta.

Evaristo também busca mostrar a perseguição histórica que a mulher que se destaca no campo do saber sofre em uma sociedade marcada pelo domínio masculino no poder. Sabela desde a infância demonstrava sabedoria, fato que gerava incômodos. Aqui, Conceição Evaristo retoma o tempo da inquisição quando mulheres muito inteligentes, dominadoras de saberes mágicos, de cura e contestadoras de padrões sociais impostos sofriam uma verdadeira caça e eram chamadas de bruxas, condenadas à fogueira como purificação do corpo e da alma.

Silvia Federici (2023) tratando da caça às bruxas, diz que

Embora a caça às bruxas estivesse dirigida a uma ampla variedade de práticas femininas, foi principalmente devido a essas capacidades – como feiticeiras, curandeiras, encantadoras ou adivinhas – que as mulheres foram perseguidas, pois, ao recorrerem ao poder da magia, debilitavam o poder das autoridades e do Estado, dando confiança aos pobres em sua capacidade para manipular o ambiente natural e social e, possivelmente, para subverter a ordem constituída (Federici, 2023, p. 322).

Federici (2023) traz abordagem sobre a perseguição às mulheres que remonta desde os tempos da Idade Média quando mulheres dominadoras das artes mágicas passaram a ser caçadas, torturadas e mortas em fogueiras em praça pública, uma caça ao poder social pertencente às mulheres e que criava no homem insatisfação e ameaça ao seu domínio. Federici (2023) completa dizendo que “A caça às bruxas foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las, demonizá-las e destruir seu poder social” (Federici, 2023, p. 342).

Como as mulheres sábias, questionadoras da sociedade que tratou Federici, Sabela teve a condenação à fogueira ainda criança, pelo fato de ser tão nova e já possuir um saber extraordinário, fato que não comove a população que deseja assistir a morte da menina sábia, uma sentença proferida pelos homens que detinham o poder de governança.

Sabela, desde pequena, era sábia. Tanta sapiência, para quem tinha pouco tempo de vida no mundo, fez com que a sua sabedoria fosse entendida como coisas de menina

bruxa. Tal crença lavrou uma sentença para Sabela. Os grandes da época decidiram que ela deveria ser queimada viva. E tudo foi preparado. Amarraram Sabela menina em uma árvore, bem no centro da cidade. Seu corpo, suas vestes foram embebidos em um tipo de líquido sedutor de fogo. Em todos ardia o desejo de ver a menina se transformar em brasa. Na hora do evento, se reuniram em volta dela; ninguém, porém, teve a coragem de atirar a primeira fagulha (Evaristo, 2017, p. 62-63)

O desfecho para Sabela não é a morte e sim a vida, uma vida que futuramente garantiria a vida da população desejante de sua morte.

O texto de Evaristo, como tantos outros, eleva a condição do ser mulher e ao homem é destinado o papel de coadjuvante, desta forma, “Sabela”, não queimada na fogueira por falta de pessoa que quisesse carregar a culpa desse sacrilégio contra o corpo-vivente da menina, teve outra condenação letal, o afogamento. Desta vez os anciões, homens do povo Palavis (os indígenas) velhos de barba branca ficaram encarregados da missão cabal, logo eles desejosos da vida de Sabela e que sabiam da importância da mesma para a humanidade, “pois sabiam que o mundo sem ela seria o vácuo, o buraco branco do desconhecimento” (Evaristo, 2017, p. 63).

Quando Evaristo usa a expressão “buraco branco” está assumindo uma perspectiva negra para o saber através da descolonização do pensamento histórico quando diz que o conhecimento é branco e o desconhecimento é negro fazendo uma hierarquização entre os indivíduos como fizeram as teorias eugenistas que hierarquizavam o pensamento colocando o branco como superior ao negro. Portanto, a autora faz uma desconstrução dessa ideia tão consolidada equivocadamente entre os indivíduos. Ou seja, ao afirmar que o buraco branco é o desconhecimento, a autora, em sua narrativa, inverte a lógica colonial e propõe um novo pensar, uma perspectiva outra que se assume negra. É uma cosmovisão de reparação histórica que destitui o branco de um lugar que não é seu ou só seu, ao tempo que restitui ao povo negro sua importância na construção do saber e do mundo que lhe é natural.

A autora usa um símbolo visto como de afirmação de masculinidade, a barba, e não é qualquer barba, é a barba branca sugerindo amadurecimento e solidez de saberes, para construir uma narrativa que reconfigura a função do ser homem na sociedade. Os anciões, eleitos carrascos, escolha que pode ser lida como transferir a culpa da morte de Sabela para indivíduos que faziam parte da mesma classe social dela, ou seja, a conta do sacrilégio ficaria entre os populares eximindo assim os homens brancos da responsabilidade pela morte da garota, mas os homens Palavis fazem movimento contrário e garantem a vida da menina e da humanidade.

E então os anciões, herdeiros dos milenares tempos, com as barbas brancas luzindo, em contraste com a tez de seus rostos, em aconchego se aproximam de Sabela. E cada qual, emaranhando os fios de suas barbas nas barbas do outro, juntos teceram um grande casulo em forma de um útero e ali guardaram a menina para que ela acabasse

de crescer. Quando ela caiu no esquecimento de todos, os homens-mães puderam expelir Sabela do fundo de suas barbas (Evaristo, 2017, p. 63)

Assim, Evaristo mexe com construções sociais simbólicas consolidadas para apresentar outras possibilidades, ou seja, da barba branca de homens nasce a imitação do gerar e guardar vida que biologicamente, aqui nos restringimos à espécie humana, apenas o feminino é capaz de gerar em seu interior, no útero, órgão único e peculiar às mulheres, a vida de outro ser. Contudo, a autora faz essa transferência numa nova leitura dos corpos e suas possibilidades, desta forma os homens velhos, no findar de suas vidas têm a graça de se tornarem mães, homens-mães, orgulhando-se da aproximação em gerar vidas como a mulher o faz.

E depois, inebriados, quedaram-se por terra entoando canções de bendizer. Felizes entregavam-se à invisibilidade dos olhos dos que estão vivos, regressando para o lugar de onde vieram. Voltaram felizes dizendo que tinham cumprido o maior feito da vida deles. Tinham se assemelhado às mulheres, guardando a vida de outra pessoa dentro deles (Evaristo, 2017, p. 63).

O trecho acima nos leva à reflexão quanto aos papéis atribuídos a homens e mulheres dentro da sociedade historicamente fazendo-nos pensar em outras possibilidades de estrutura social e atuação dos indivíduos nos mecanismos que a move. Conceição Evaristo, portanto, nos apresenta, através do ato realizado pelos homens com suas barbas, uma aliança em prol da vida e da continuidade do mundo com “Sabela” mãe, ou seja, acontece um elo entre a maternagem e a paternagem, um laço de proteção, cuidado, união e uma divisão de responsabilidades entre homens e mulheres. Isso traz a reflexão que todos nós, homens e mulheres, temos as mesmas capacidades em desenvolver funções sociais, repelindo ou negando quaisquer divisão sexista ou destinação em fazeres comunitários, afinal habilidades todos nós temos, basta que sejam desenvolvidas e ensinadas dentro da coletividade, portanto, a ação da paternagem pode ser desenvolvida se assim for construída/ensinada socialmente.

Como documentado em alguns estudos (Durham, 1983; Elizabeth Badinter, 1985; Claudia Fonseca, 2002) a maternagem não se ancora em um suposto instinto materno, naturalmente fundado, mas resulta de aprendizado socialmente construído e é orientada por normas culturais, mutáveis e flexíveis conforme determinados contextos históricos. Por isso, os homens também podem aprender a paternar, embora representações do senso comum, difundidas pelas escolas, pela mídia, por religiões e incorporadas por mães e pais atribuam ao pai a ausência de habilidades para cuidar da prole (Abade; Romanelli, 2018, p. 3)

Partindo desta citação e a ação paternal realizada pelos homens de barba branca, gratos pela honra em gerar simbolicamente uma vida, Evaristo nos apresenta uma outra possibilidade

de mundo. A autora refuta a ideia tradicional de masculinidade e nos mostra outro mundo possível através dos cuidados do homem que por ora se faz mãe. Um homem que imita e recria o útero da mulher tecendo fios de barbas constroem um útero protetor da vida. Também nos leva à reflexão que se trata de um chamado aos homens em coletivo para exercerem a paternagem em prol de um mundo diferente daquele projetado pela lógica patriarcal, afinal, o homem neste cenário, pare. Aqui o que se percebe é uma ruptura de uma ideia de masculinidade que tem o homem como a figura que prover a casa materialmente e deixa relegado à mulher a função de cuidados e afetividade com filhos, portanto, Evaristo propõe uma outra possibilidade de masculinidade, na qual acontece a colaboração do homem com a mulher, sendo solidário e parceiro no ato de gerar e cuidar da vida, nos diz que é possível um mundo diferente.

Até aqui pode se perceber diversas marcas de protagonismo da mulher e seus feitos. Evaristo nos apresenta a contundente ancestralidade de “Sabela” e para tanto traz o nascimento da mãe de “Sabela” que também tinha o nome de Sabela, Vovó Sabela, que por sua vez era filha de outra “Sabela” descendente de uma “Sabela” anterior. Assim, Evaristo demonstra que as Sabelas vêm de longe e têm seus saberes passados ao longo de gerações de mulheres, predominância da família, da matrilinearidade.

Voltando ao nascimento da mãe de “Sabela”, o mesmo ocorreu no leito de um rio da cidade que há muito se encontrava seco, mas com o parto de Vovó Sabela o cenário mudou, as águas do parto promoveram a renovação do rio e a continuidade da vida na cidade, pois antes as mulheres não conseguiam engravidar, logo o futuro do lugar estava comprometido por falta de novas pessoas. A vida se renova e se multiplica com a chegada de “Sabela”. As mulheres ao tomarem banho no rio, milagrosamente, tinham seus úteros habilitados para gerarem vidas.

Quando Vovó sentiu que a filha nadava dentro dela procurando o caminho de saída, se encaminhou para o leito do rio que estava vazio havia anos e anos. Chuva alguma havia conseguido ressuscitar as águas daquele vale. Mas, quando as águas do parto começaram a vazar do meio das coxas de Vovó, antes mesmo de Sabela ser expelida, o rio começou a encher. E o sulco da terra, antes seco e cheio de rachadura plenificou-se com uma água avermelhada, lembradiça a sangue. Após esse acontecimento, as mulheres do lugar, que antes haviam se tornado estéreis, começaram novamente a engravidar quando se banhavam nas águas do rio. E voltavam depois à beira do rio para cumprir as alegrias do parto, misturando seus líquidos à liquidez vazante da correnteza (Evaristo, 2017, p. 64)

O poder da criação-renovação vem de um corpo feminino negro e é posto a partir da fluidez das águas, são elas a força motriz da vida, eis a verdade de Sabela. O corpo aqui é redesenhado como sujeito proponente da vida, mas não é qualquer corpo é um corpo-água, reservatório de vidas, que é matriz originadora da vida humana, da humanidade.

Evaristo nos faz imergir na história de formação de nossa sociedade, esta composta pela influência de povos distintos com origem também diversa. Dentre os povos que aparecem na história, o povo Sabela é o único que não tem origem definida com precisão, neste ponto Evaristo evidencia as atrocidades cometidas durante o período das navegações quando homens e mulheres do continente africano foram arrancados de suas terras, passando por uma tentativa de apagamento identitário seja de seus nomes até mesmo de suas terras-raízes.

[...] As ancestrais de Sabela haviam nascido em algum lugar, uma terra que poderia ser: Mambela, Zimbela, Kumbela, Umbela... As pesquisas foram interrompidas neste ponto. Souberam apenas que as mulheres antecessoras de Sabela, assim como os homens, isto é, todo povo predecessor de Vovó tinha vindo de longe, muito longe. Povos que tinham vindo pelos caminhos das águas. Corria a história de que as águas salgadas do mar, no momento em que esses povos, por vários motivos, faziam uma forçada travessia, gemiam sons dolorosos, como se fossem humanos lamentos (Evaristo, 2017, p. 65-66)

Nota-se a abordagem do período de desumanização das pessoas negras, submetidas à situação degradante, além do processo de apagamento identitário ocorrido no período escravocrata, no qual os indivíduos subjugados de sua condição humana tinham seu passado estraçalhado, seu presente sem razão existencial e sem futuro digno a imaginar. O que restou foram fragmentos da história e de memórias que arduamente vamos recolhendo para reconstruir nossa história e recuperar uma ancestralidade pulverizada pela ignorância e brutalidade de parte da humanidade branca. Neste processo de resgate e reconhecimento da mulher negra e seus feitos ao longo da história, não se pode perder de vista, parafraseando o que já disse Jurema Werneck e já mencionado, ao tratar da história de luta e conquistas das mulheres negras afirma que os passos das mulheres negras vêm de longe, em “Sabela” podemos perceber que sua matrilinearidade vem de muito longe, de outras mulheres, desde África.

Voltando ao tema do segundo dilúvio, “Sabela” apareceu como apaziguadora da fúria da natureza fazendo uso de seus saberes divinos através de rezas e sons lamentosos para que a chuva e os ventos fossem abrandados. Entoávamos cantigas para Iansã, pois é ela quem comanda os ventos, os raios, as tempestades e poderia, caso quisesse, aplacar o furor das águas que ameaçava a cidade (Evaristo, 2017, p. 62). A narrativa continua mostrando os trabalhos contra o dilúvio rogando ao sagrado proteção

Enquanto as águas diluviais tombavam, Sabela, além das rezas cantadas de palavras ditas, vocalizava lamentosos sons tentando aplacar a fúria da chuva e dos ventos. [...] Sabela cantou vozes feitas de falas compreensíveis, vozes compostas de sons gemidos e de choros. Mamãe fez tudo que podia e a chuva o que não. Era um aguaceiro, um aguaceiro, um aguaceiro... (Evaristo, 2017, p. 67)

A narrativa traz como foco, personagens marginalizadas socialmente ou que de alguma maneira eram discriminadas por uma característica física, pensar diferente da maioria, etc., tais personagens ganham importância e protagonismo dentro do fazer literário de Evaristo, que ao longo de suas obras procura mexer com a ordem social discriminadora e opressora dos menos afortunados, apresentando-os com a sua devida valorização e promovendo a tentativa de reparação histórico-social.

Em meio à catástrofe da grande tempestade, algumas personagens destacam-se e têm suas vidas preservadas: Madrepia Beneventes, mulher que rompeu com sua família com mentalidade colonizadora defendendo a tomada de terras e a guerra. Madrepia por sua vez andava em caminho contrário e por isso foi expulsa do seio familiar. “Ela queria saber só de viver. Morrer e matar nunca. E tanto buscou pela vida em paz, que foi acusada de traição pela família, sendo expulsa de casa, ainda moça, muito jovem” (Evaristo, 2017, p. 70)

O episódio da expulsão de Madrepia expõe a situação de vulnerabilidade que muitas vezes a mulher é submetida pelo simples fato de pensar ou discordar do que está posto e desta forma são jogadas no submundo da miséria, nas ruas como único lugar que pode sobreviver, um não lugar que tira a dignidade da pessoa obrigada a viver sob as luzes da obscuridade.

Outra personagem que destacamos é o menino Rouxinol que nasce com uma deformidade na boca e por isso tem sua fala comprometida ao ponto de ninguém querer ficar próximo dele, até mesmo a mãe o renega.

Rouxinol representa parte da sociedade que tem alguma deficiência e é rechaçada, discriminada e sofre por um apagamento sistêmico como se não fossem humanos. Ele, Rouxinol, o menino de lábios dilacerados. O da boca marcada por uma fenda que nascia bem abaixo de sua narina esquerda e terminava no final do queixo, do lado direito de seu rosto (Evaristo, 2017, p. 72).

A sociedade tende a excluir o diferente, aquele que não está dentro dos padrões predefinidos, mostrando a crueldade humana. É Sabela que faz com que a mãe do menino Rouxinol mude da rejeição para o amor e admiração a seu filho.

Foi aí que Sabela surgiu. Ela, comadre da outra, tomou o afilhado em seus braços e beijou carinhosamente os lábios dilacerados do menino. Em seguida, entregou o filho que ia ser sacrificado à mater-dolorosa. E não houve, então, suplício algum. Nem cálice de fel, nem derramamento de sangue, nem via-sacra, nem fardo, nem cruz. A mãe de Rouxinol reconduziu ao peito, aquele que nascera com os lábios partidos, guardando-o todo dentro de si. E ainda reconheceu o seu rebento como o mais lindo, o mais perfeito entre os perfeitos (Evaristo, 2017, p. 72)

Em Sabela nota-se a predileção da autora em trazer os subalternizados ao holofote do enredo e entendemos este movimento e escolha política como uma ação reparadora de injustiça social praticada desde sempre contra homens e mulheres empobrecidos ao longo do processo histórico de suas famílias e antepassados. Evaristo ressignifica o papel e lugar atribuídos a estes indivíduos.

Conceição Evaristo segue apresentando outras personagens de certa forma rejeitadas socialmente e construindo uma narrativa de valorização das mesmas: O velho Amorescente, ancião indígena que não é escutado por sua aldeia dominada pelos costumes dos brancos e que salva crianças da enxurrada colocando-as num pé de Mulungu.

Os palavís, como muitos dos Sabelas, parece que tinham perdido o desejo de viver. E, mesmo eles sabendo que uma chuva de muitas águas iria acontecer, nada fizeram para se resguardar. Pouco se importaram quando um dos anciões, o Velho Amorescente, dias antes, ao revolver a terra, encontrou uma pequena pedra, que cabia na palma da mão e que, ao ser espremida, vertia água. Ao ler o sinal das águas no pequeno pedaço de rocha, avisou a todos que Mãe Grande ia chorar muito no céu, e os filhos dela iam se encharcar na terra. Nem a dança pedindo clemência à natureza, os palavís dançaram; deixaram a chuva acontecer. Contudo o Velho Amorescente, com sete crianças, suas descendentes e mais outras que ele foi recolhendo das águas se salvaram. Para o Velho e para os pequeninos a salvação veio por intermédio do Pé de Mulungu (Evaristo, 2017, p. 74-75).

Amorescente pode ser lido como representante dos idosos que deixam de ser valorizados por conta de sua velhice e têm seus saberes descartados. Já as crianças representam a inocência dentro de um mundo conturbado que desvaloriza a vida e não tem um caminho certo a seguir, logo as crianças com sua inocência simbolizam um futuro diferente, aquelas que podem mudar o curso da história desde que tenham e sigam por um caminho de possibilidades transformadoras de suas vidas e das de outrem.

Ainda na citação aparece menção ao Pé de Mulungu que é uma planta medicinal com propriedades calmantes e sedativas, finalidades estas que podem ter sido usadas pela autora para justificar a escolha da personagem pela árvore com o objetivo de salvar as crianças e a si próprio da grande fúria das águas, uma tormenta que requer tranquilidade para saber lidar, um estado de calma que só o mulungu poderia proporcionar oferecendo a segurança àqueles que a ele recorreram para de seu tronco e flores terem abrigo. Portanto, Evaristo lança mão de um saber ancestral, o das plantas medicinais, saber popular tradicional que muitas vezes é desprezado pela academia e que a escritora valoriza em seus textos. Na obra, a autora usa-o como artifício literário para evidenciar o saber dos indígenas (os povos Palavís) sobre a natureza. Assim, o Mulungu é destaque não só dentro da narrativa, enquanto elemento que salva

vidas das crianças e de Amorescente, mas também para a autora que vai retomá-lo em sua obra mais recente: “Macabéa: flor de Mulungu”.

Seguindo nas personagens, Irisverde é o instrumento que Evaristo usa para tratar do abuso sexual infantil, uma menina que após a morte de seus pais é levada por seus padrinhos intencionando falsamente cuidarem e protegerem a menina, o casal violenta a criança deixando marcas profundas em sua alma e corpo. Mas Evaristo ressignifica a personagem em meio a tempestade,

Muitos se perderam, mas muitos se encontraram nas e pelas águas. Irisverde foi uma das que se salvou. Resguardada pela vida, saiu ilesa de todas as aberturas cravadas no solo pela violência das águas. Levantou de sua fragilidade e ergueu-se gloriosa, toda revestida de lama. Não só se ergueu, como também puxou para si, para o alto, aqueles que ao seu lado estavam colocando vários corpos de pé. Irisverde, a mulher arredia, a que fugia de todos, foi a que mais agregou pessoas no movimento de salvação (Evaristo, 2017, p. 75).

Antuntal, outra personagem, era “um homem de baixa estatura, bem pequeno, quase anão e de rosto carrancudo. Todos temiam Antuntal, pelo poder de sedução de seu sorriso” (Evaristo, 2017, p. 78). Essa personagem é marcada pela força do sorriso capaz de salvar vidas, é um sujeito marginalizado que sai do bueiro, escória e lugar dos dejetos da sociedade e mesmo com toda essa carga negativa salva diversas vidas. “Antuntal, com suas pernas curtas, levantava, caía, levantava e andando de fasto seguia, nunca de dando as costas aos seus seguidores. E os que acompanharam o sorriso do homem salvaram-se como e com ele” (Evaristo, 2017, p. 79).

Pessoas em vulnerabilidade social, morando nas ruas também são destacadas cumprindo a função de salvadoras de vidas e de si próprias através de embarcações rudimentares construídas pelas mesmas.

Alguns pequenos, que tinham por necessidade o hábito de perambular pelas ruas da cidade, fizeram do infortúnio sorte e prazer. Nos momentos iniciais da chuva, que já desabava forte, encontraram coragem e descuido para improvisarem barcos, feitos de caixotes velhos, brincando pelas correntezas adentro. E levaram a brincadeira tão a sério que navegaram até a salvação. Barcos rudimentares singravam mares imaginários, recuperando antigas rotas, e iam recolhendo quem encontrasse nos portos pedindo socorro (Evaristo, 2017, p. 79).

A citação traz à reflexão que as pessoas menos favorecidas só têm a si mesmas e seu poder criativo para buscarem alternativas de sobrevivência é uma constante e estão também sempre imbuídas do espírito da solidariedade com o outro que também esteja em situação vulnerável.

Na citação acima, Evaristo trata da retomada de rotas antigas, uma recuperação que na verdade consiste no refazimento da história lembrando de rotas que não são as aprisionadoras pertencentes aos homens brancos, são outras, as que promovem a libertação dos marginalizados.

Os dogmas religiosos também são lembrados na figura do Padre Precioso que por muito preciosismo e tabu perde a vida juntamente com outros membros religiosos pelo fato de negar-se a ficar despidos como estratégia na fuga da enchente, já que sem as vestes pesadas o nado seria facilitado. Apenas o jovem Buono fica com vida, pois libertou-se dos trajes religiosos e dos tabus da igreja. Esse fato diz o quanto a crença totalitária pode ser nefasta dentro da sociedade, crença alinhada a um saber branco, ocidental e cristão que serviu aos objetivos da colonização, a qual viu na igreja o meio para que o apagamento da cultura negra fosse consolidado. Evaristo faz um movimento de anunciação dos elementos dessa cultura negra que de certa forma foi silenciada trazendo uma narrativa cheia de elementos que demonstram o ruir dessa igreja e com ela seus valores colocados como verdades absolutas, garantidores da salvação, segundo a visão do colonizador.

As vestes longas e encharcadas dificultavam-lhes os movimentos. Um dos seminaristas sugeriu que se tirassem as roupas. O padre recusou-se. Nunca se desnudaria dentro da igreja, que, como tal, como construção física, já não existia, pois as paredes haviam acabado de ruir. Insistindo na pureza do corpo coberto, que deveria ser conservada sob qualquer circunstância, ele não concordou que os jovens se despissem. Só aquele que sugeriu carregar somente a pele, despojando-se das roupas, só ele se salvou. Desaprontou-se de seu hábito para que o corpo adquirisse a leveza nua e natural do nascimento. Só Buono ressurgiu maravilhoso e maravilhado com a sua própria nudez no meio de tantas águas (Evaristo, 2017, p. 80).

A construção ou estrutura física da igreja (branca e colonial) que não existe mais exige de nós uma visão outra para enxergarmos o que Evaristo traz em sua narrativa a partir de uma perspectiva negra. Assim, o ruir das paredes da igreja não se restringe apenas ao físico e sim ao poder simbólico da instituição outrora vigente que propagou uma ideia de espiritualidade e religião salvacionista que em verdade tinha o objetivo de dominação de corpos e silenciamento de outras culturas. Evaristo, portanto, nos apresenta outras possibilidades não só de existência mas de espiritualidade, religiosidade, de cosmovisão, de linguagem e de percepção de mundo. Com o ruir da igreja, construção física, vai com ela seus dogmas, construção ideológica, o poder branco ocidental limitante e surge uma nova narrativa que tem por base o poder que se estabelece a partir da figura de uma mulher negra e de toda a sua linhagem de “Sabelas”.

Continuando a análise literária metafórica percebemos logo que Evaristo faz uma crítica ao saber colonial da igreja que se coloca como a detentora da verdade que levará o indivíduo à

salvação. Para demonstrar o esfacelamento dessa igreja, a autora traz a negativa do Padre em despir-se de suas roupas para salvar-se da morte, tais roupas na verdade são os valores coloniais incutidos pela igreja e absorvidos em sua estrutura como controle dos corpos e mentes como já foi sinalizado, roupas que supostamente também salvaguardam a pureza do corpo e tiram dos indivíduos o prazer de vivê-lo em sua natureza e liberdade.

Despojar-se das roupas é livrar-se dos valores atribuídos ou associados a estas roupas, os quais condenam a nudez, símbolo do pecado, segundo a igreja. Na narrativa, Evaristo desnuda esse saber universal trazendo outras rotas possíveis à salvação. Quem tirou a roupa se salvou, significando que esses valores salvacionistas da igreja podem não ser os únicos, afinal o Padre Precioso não conseguiu a salvação, já o indivíduo que abandonou as vestes-valores da religião Católica conseguiu se salvar. Aqui Evaristo está trazendo à baila a igreja como poder colonial colocado como se fosse único, mas a autora também anuncia a cultura negra como sendo outra forma de existência possível diferente dessa religiosa. Mostra uma igreja que desmorona e aqueles que estiverem presos a seus valores sucumbirão com ela. Desta forma Evaristo está desconstruindo a narrativa dessa igreja representativa do colonialismo ao tempo que estabelece novos caminhos possíveis para a sociedade que se dispõe a transformar-se a partir de outra perspectiva de vida.

Quando a personagem Buono observa que as paredes da igreja e até mesmo os santos não resistem as forças das águas-sabelas, ele se despe do seu hábito sacro e também dos costumes que a ele estão intrínsecos, pois só com o abandono de tais costumes e crenças pregados até então como verdade é que a salvação é possível. O saber que garante a salvação não é o branco ocidental, colonial e cristão, mas sim o que vem da cosmovisão afrodiaspórica presente no corpo de “Sabela”, a mulher-corpo-água. Em outras palavras, o tirar de hábito citado tem o significado de retirar o véu da igreja colonial e ficar desnudo de costumes e crenças que garantem a manutenção de um poder que é branco e deseja se perpetuar no lugar de mando dentro da sociedade, um lugar que Evaristo faz ruir através de uma outra cultura e perspectiva transgressoras que são negras para assim reconstruir a história dentro da literatura. Portanto, transgredir tais valores da igreja, conceitos e padrões sociais é uma ação libertadora de potencialidades, corpos e mentes que a autora faz literariamente.

Outras personagens que conseguiram vencer a fúria das águas foram Manascente e suas sete filhas gêmeas. Manascente é mãe solo, abandonada pelo marido por não ter lhe dado filho homem. Estamos aqui vendo o machismo e o desejo de perpetuação patriarcal na sociedade na qual o homem é visto como mais importante. Evaristo traz Manascente como uma mulher forte, que não abre mão das filhas. Vale lembrar que Evaristo demonstra a intervenção do Governo e

seus aparelhos ideológicos quando o marido de Manascente resolve ir embora desejando levar uma das filhas, o que a mãe nega. Daí, ela enquanto mulher sozinha não encontra apoio das entidades faladas, mas pelo contrário, tentam convencer que Manascente deixe o homem levar uma das filhas.

Quando o pai das meninas decidiu ir embora, decepcionado com Manascente e culpabilizando-a por lhe ter dado somente filhas, muitos da cidade deram razão a ele. O homem deveria procurar outra mulher e fazer com ela um filho homem. Para ele e para muitos, Manascente havia traído o desejo dele. Contudo, queria levar pelo menos uma menina, já que ele era o pai. A mãe não concordou. O homem se foi. Manascente pensou que teria paz; se enganou. A prefeitura, a igreja, a escola, a polícia, de todos os lugares administrativos da cidade apareciam representantes exigindo que a mãe entregasse alguma das meninas. Alegavam sempre que era muita responsabilidade para uma mulher só. Mas nada, nem ninguém, persuadiu a mãe de que ela deveria separar-se das filhas (Evaristo, 2017, p. 81).

Temos aqui a força matriarcal da mulher negra que tem na família sua força motriz, que mesmo na dificuldade enfrenta as mais diversas situações para manter sua família constituída e não abre mão de seus filhos/as. Sabemos que existem os casos em que a mulher é obrigada a deixar seus filhos com outras pessoas como estratégia de garantir a vida destes, mas essa prática não é regra e Evaristo aborda essa realidade no trecho citado.

A primeira parte da novela “Sabela” é finalizada com o relato dos salvamentos feitos por Sabela dentro de sua casa, local de acolhimento dos que procuravam-na e que era como um porto seguro que as águas não chegaram. Assim se davam os salvamentos:

Todo movimento do dilúvio nos era dado a conhecer por meio da enxurrada que corria debaixo da cama de Sabela. Mamãe trazia o corpo encharcado até os ossos. Durante todo tempo ela executava com as mãos movimento dentro da enxurrada, resgatando centenas de corpos, salvando mais da metade da população da cidade. Quando a natureza abrandou, o terreno que circundava a nossa morada estava apinhado de pessoas (Evaristo, 2017, p. 82).

Neste movimento de salvação e libertação, Evaristo aborda o retorno de muitas pessoas sabelas às suas origens refazendo o caminho das águas, tomado em tempos distantes, quando a viagem era forçada, retirando as pessoas de suas terras, suas raízes. Assim, viram na enchente a oportunidade de libertação. Sabela, a narradora da primeira parte da novela, conta o pós tempestade:

Quando a natureza abrandou, o terreno que circundava a nossa morada estava apinhado de pessoas. Crianças aguardavam o reaparecimento dos seus, dentro de nossa casa. Apesar do incômodo, nunca brinquei tanto e com tantas meninas e meninos ao mesmo tempo. Revi crianças sabelas, que eu não via há muito, entretanto, nem todas as pessoas sabelas vieram procurar Mamãe. Algumas aproveitaram as

águas e retornaram, de vez, para o lugar de onde tinham vindo, lembrando águas de outras correntezas, nas quais tinham sido embarcadas um dia (Evaristo, 2017, p. 82-83).

Antes de finalizar a primeira parte, a autora lembra da importância do contar histórias coletivas. Desta forma Sabela deixa seu legado para sua filha, também Sabela, a qual herda também o porejar corporal de águas, uma herança matriarcal que atravessa gerações e firma o poder e saber feminino negro.

Quando Sabela já estava bem velha e quase não aguentava mais falar, ela me pedia que lhe recontasse tudo. Aí, era eu, então, que ficava úmida, vertendo chuvas de palavras, como estou a verter agora. De todas as nossas histórias, a que mais gostava e ainda gosto de reviver é o evento da chuva. Depois da passagem de Sabela para o outro estágio do viver, fiquei preocupada em recuperar os fios dos acontecimentos (Evaristo, 2017, p. 83-84).

A Sabela mais nova busca ouvir outras vozes contando a história que ela viveu com a mãe. O ato de ouvir o outro reafirma o sentimento de coletividade e respeito às individualidades ou de outras narrativas dentro da sociedade, permitindo outras versões de uma mesma história e evitando o viés único da história, que em outras palavras já nos alertou Chimamanda Adichie (2019) quanto ao perigo de uma história única.

Não tendo mais com quem repartir tantas lembranças, tive receio de que a memória sufocada dentro de mim, se calasse para sempre, se transformando em esquecimento. O que fiz? Fui em busca das pessoas que tinham na época experimentado os fatos, para pedir que narrassem tudo novamente. Percebi então muitos sentidos de uma mesma história. Mesmo Mamãe, que conhecia tudo, tinha o contar dela (Evaristo, 2017, p. 84).

A segunda parte da novela segue a orientação de ouvir a história do dilúvio contada por Sabela filha a partir de outras vozes para se entender o encadeamento dos fatos e assim compreender a história por ângulos diferentes que se completam. Ao trazer esse aspecto múltiplo de contar uma história ou pontos diversos de uma mesma história, Evaristo atende, pelo viés da literatura, o alerta feito por Chimamanda Adichie (2019) sobre o perigo de uma história única. Sobre o ato e necessidade de se ouvir a história por outro viés, Chimamanda diz: “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (Adiche, 2019, p. 26).

Partindo deste princípio, as vozes presentes na segunda parte são narrativas dos personagens citados por Sabela na primeira parte. Neste segundo momento, as histórias

individuais vêm com suas particularidades, mas não deixam o caráter da coletividade em segundo plano. Pelo contrário, trazem a coletividade com latência e representatividade.

A segunda parte da novela começa trazendo a voz de Madre Pia que desde sempre fora uma pessoa excluída da sua família, portanto a solidão foi sua companhia desde criança. Foi Cobra Serena que preencheu seu coração e ajudou a sobreviver à tempestade quando longe de casa estava. Na visão de Madre Pia, a chuva foi um instrumento de libertação pessoal e de aproximação com o outro

O dilúvio começou dentro de mim. No outro dia o só de mim chovejou. Chovejou toda solidão que eu vivera até aquele momento. Então, pela primeira vez pensei com ódio, dor e gosto, naqueles que seriam meus e eu seria deles. Veio-me um desejo de pessoas, um desejo de outros (Evaristo, 2017, p. 86).

Seguindo, surge Rouxinol, afilhado de “Sabela” que nasceu com os lábios partidos e sofria muito preconceito até mesmo de sua mãe. Para Rouxinol o dilúvio foi uma oportunidade de encontrar todas as pessoas que um dia o rejeitaram.

Entretanto repito que, para mim, a chuva me ofereceu uma sensação que não experimentei nunca mais. A emoção do encontro. Nas águas, minha palavra, ainda miúda, encontrou muitas pessoas no caminho. Nas águas, encontrei os outros que tanta falta me faziam. E lembro, que pude encostar meus lábios rasgados na face de muitos que se salvaram como eu, e que me tinham rejeitado um dia (Evaristo, 2017, p. 89)

Prosseguindo, chegamos à narrativa de Amorescente que diz que a chuva ou choro de Mãe Grande veio renovar suas forças e seu corpo já velho e cansado. Com seu revigoramento físico e de alma, Amorescente pode salvar as crianças, continuidade do povo palavís, que o procurou em busca de socorro.

Sei da água-chuva que milagrou meu velho corpo, como se eu tivesse tomado um forte unguento para me remogar. Vivi nas lágrimas de Mãe Grande um milagroso parto de mim mesmo. O meu velho corpo expeliu os antigos membros cansados e me pariu com uma força temporã, para sustentar os pequenos meus e assim continuar a vida dos palavís. Não vivi a chuva, vivi águas remogantes sobre o corpo meu (Evaristo, 2017, p. 91).

Irisverde, assim como Rouxinol, era afilhada de Sabela. Ainda menina foi abusada sexualmente pelo padrinho e sua mulher, os quais tiraram da menina a alegria de viver, do toque com outras pessoas, deixando nela apenas buracos de dor e repelência à vida. Irisverde ao falar das águas da grande chuva traz o acontecimento como purificação de seu corpo inocente violado

e que ficou com as marcas e cheiros da violência sofrida, contudo, foi a torrente chuva que limpou seu corpo.

Só no dia da grande chuva, meu corpo perdeu o odor e sabor dos dois que violentamente me tocaram. Só depois que o despencamento das águas entrou em minha boca, circulou em minhas entranhas, entupiu todos os meus buracos, só então fiquei livre da lembrança dos corpos dos dois sobre mim. E foi só no dia da chuva que confiança tive para me aproximar de alguém. Debaixo das chuvas, eu me sentia limpa e igual a todos. [...] Repito, não vivi a tormenta das águas. Vivi a brandura da fonte, em seu nascedouro, a correr dentro de mim (Evaristo, 2017, p. 93-94)

Antuntal também poderia ser chamado de homem sorriso encantador, pois com o sorriso ele conseguia muitos afetos e desafetos também, principalmente dos homens, talvez por ciúmes. Antuntal pode ser lido como uma figura que sofre preconceito por estar fora do padrão socialmente estabelecido, que retira a diversidade humana que temos, muitas vezes nos animalizando. O homem de sorriso encantador apresenta a enchente violenta como meio pelo qual conseguiu salvar muitas pessoas e fazer o que mais o tornava livre: sorrir e seduzir o outro.

De minha parte, não vivi qualquer sacrifício, qualquer penitência, eu só queria sorrir. Era o que eu tinha para dar. Eu pedia ao Deus Sorriso que me concedesse a graça e força para sorrir. E aos afogados, a oportunidade de me contemplarem de frente. E assim fui e assim fomos. Água, gente, bichos, coisas, turbilhões de nada, redemoinhos e sorrisos. [...] E, nas correntezas da morte, não vivi a sisudez do perigo, nem a gravidade do desenlace que nos ameaçava. Vivi a fluidez da graça do meu sorriso caindo no olhar pedinte do outro (Evaristo, 2017, p. 95).

Buono falou da chuva lembrando da beleza da nudez, esta condenada como pecado pela igreja. Membro da igreja, futuro padre, Bueno descobriu em meio à turbulência das águas o tanto que seu corpo nu era belo e não símbolo do pecado como havia aprendido com o Padre Precioso. No decorrer da fala do seminarista fica evidente o poder da igreja em disciplinar os corpos dos indivíduos a partir da definição do que é pecado, do que pode ou não fazer. São as águas do dilúvio que dão outro norte ao jovem e o proporcionam nova aprendizagem sobre a nudez da que até então lhe foi apresentada.

Da leveza, da graça e da inocência da nudez, na chuva foi a minha descoberta e aprendizagem. Quando o telhado e as laterais da igreja desabaram e tombou o primeiro santo do altar, pensei: Meu Deus, se os santos não estão resistindo e nós então, pobres mortais. [...] Olhei, ao redor, uma avalanche de águas derrubou as paredes da capela, gritei: ‘Padre Precioso, vamos tirar as roupas?’ Ele ainda respondeu aos brados: ‘Não, na casa de Deus, ninguém se despe’. Não ouvi mais nada, arranquei minha batina e senti que as águas me empurravam para fora do espaço que tinha sido o da igreja, até uns momentos antes. A força das águas se encarregou de arrancar o resto das roupas que estavam atadas em meu corpo. Nu, totalmente nu, nadei. Não vi mais Padre Precioso. Em minha navegação encontrei outros corpos nus, inocentes, sem mácula

alguma, ficando de pé. Da chuva, sei apenas que me descobri sem culpas, livre inclusive da original (Evaristo, 2017, p. 97-98)

Já falamos do confronto de narrativas: uma que corresponde aos valores defendidos pelo branco colonizador, utilizando instituições como a igreja para implementar seu projeto de dominação e controle; a outra narrativa questiona esses valores ocidentais e cristãos quando apresenta outra perspectiva que tem o saber negro como norteador social, um saber que estar no corpo feminino negro e ao mesmo tempo o saber é esse corpo negro transgressor e libertário.

Desta forma, quando Evaristo traz em sua narrativa um santo e uma igreja que tombam frente a força da natureza, a autora usa a força das águas para arrancar valores rígidos impositivos de uma verdade que nega outras. Então, quando Bueno resolve arrancar as vestes da igreja, ele abre seu horizonte para enxergar nova verdade, uma verdade que não condena o indivíduo por ser quem ele é, não impõe culpa alguma à pessoa, pois quem precisa do artifício da culpa para se estabelecer é a igreja, uma instituição que cria uma culpa original ou pecado para figura da mulher com o fim de aprisionar corpos e mentes específicos. Embora Evaristo traga uma história do dilúvio que é branca, em “Sabela” os personagens são deslocados, o recontar da história ganha outro viés, pois não é o homem branco que tem poder, o protagonismo é de uma mulher negra que é a torrente d’água do dilúvio, ou ainda é o próprio dilúvio.

Finalizando a segunda parte da novela, apresenta-se Manascente, mãe de sete meninas e que traz uma leitura do silêncio como instrumento de salvação. A salvação de Manascente e as filhas aconteceu por meio de um redemoinho em meio às águas, este foi formado na frente da casa e lançando-se em seu centro, Manascente e as filhas venceram a força das águas.

Das águas, guardo a imagem do redemoinho na porta de minha casa e eu lá dentro com as minhas meninas, elas, mestras no meu silêncio. [...] E no dia das misteriosas águas, ao olhar o redemoinho que se movimentava na porta de minha casa, para a nossa salvação, milagrosamente entendi. Não podia dizer nada, emitir som algum. Pensamento qualquer me podia perturbar. Eu não poderia perder a olho do centro do redemoinho e tinha de me lançar longe dele, na direção certa do movimento das águas. Com as meninas agarradas em mim, me dispus a buscar a salvação. E tinha que ser no silêncio, qualquer palavra balbuciada me desviaria do roteiro. Só um som regia aquele momento, o das águas (Evaristo, 2017, p. 99)

Após as vozes citadas, as quais compõem a segunda parte da novela e trazem outro foco e significado para as águas do dilúvio e para o próprio dilúvio na vida das pessoas, chegamos à terceira e última parte da novela “Sabela”. Esta terceira parte tem como narradora, assim como na primeira parte, Sabela, a mulher corpo-água.

Evaristo traz a voz narrativa de Sabela reafirmando ou retomando o fazer da escrevivência. “Sabela” surge então como aquela responsável em ligar as histórias que ouviu de sua Mãe Sabela, das pessoas que viveram com ela e a mãe e também com a versão da história registrada na mídia, ora posta como oficial. Desta forma, diz “Sabela”: “Como uma laboriosa aranha, tento tecer essa diversidade de fios. Não, meu labor é menor, os fios já me foram dados, me falta somente entretecê-los, cruzá-los e assim chegar à teia final” (Evaristo, 2017, p. 101), esta ponderação evidencia a importância de respeitar a pluralidade social e suas individualidades enquanto partes importantes que compõe a história, esta trazida metaforicamente como uma teia formada por inúmeros fios menores que são as histórias pessoais dos indivíduos.

“Sabela” ainda retoma em sua narrativa conceito de matrilinearidade e como o corpo dos indivíduos forjam a história, ou seja, o corpo ganha uma importância de fundação dos acontecimentos que formam a história, dando-lhe sentido.

Eu, menina, captei do corpo de Mãe, a chuva e seus alagamentos. De Mãe herdei as águas e também o estio. Quem primeiro me mostrou a chuva foi Sabela. O seu corpo inundou e o meu também. Na narração da chuva, está o corpo fundante de Mãe, depois como consequência, como elo, talvez o meu. As meninas, minhas irmãs, no silêncio guardam lembranças. Impossível que elas não tenham as suas águas. Da fala escolhi que a palavra é um direito e um dom (Evaristo, 2017, p. 101).

A importância dos corpos é levantada, mas também o ato de fala aparece como um direito. Lembramos que o direito de fala já foi negado às mulheres negras, um direito roubado das pessoas subalternizadas por um sistema social escravagista. Em “Sabela” ocorre a ênfase por uma mulher negra de sua escolha da palavra para exercer seu direito de expressão. Temos aí uma ressignificação dos atores sociais subalternizados que têm plena ciência de seus direitos e os coloca em prática. “Sabela” é uma mulher negra senhora de si.

A história que Sabela nos contou, e que eu reconto a partir da palavra-vivência dela, é um relato constituído de nossos corpos, tantos os que foram salvos, como os que perdidos na água ficaram. Em nossos corpos, memória e água. Sei que dizer algum dá conta do acontecimento. Palavra alguma, seja ela falada, escrita, consagrada, repudiada, inventada, nada diz tudo (Evaristo, 2017, p. 102).

Neste jogo narrativo da vida, do contar-vivenciar história, “Sabela” é consagrada como uma contadora de história que ela traz no corpo, que seu corpo traz como memória, que estar na memória das águas, uma prática experienciada com sua mãe, outra “Sabela”, que tinha por hábito contar história para suas filhas. Na citação fica evidente que tudo que as “Sabelas” narram são acontecimentos que saltam de suas memórias, fatos que seus corpos experienciaram

e foram passados de geração para geração o saber das águas porejantes nos corpos negros. O encontro de águas reunidas nos corpos Sabelas externam histórias coletivas que atravessam o tempo, este fundido neste corpo que é a água. “Sabela” filha faz um recolhimento de fragmentos de história, versões diversas sobre determinado acontecimento, o enfurecimento das águas, para então unir pontos comuns dentro da narrativa que ecoa individualidades de um povo e suas vicissitudes.

Após este olhar sobre “Sabela”, reconhecemos que outros olhares existem e existirão, passaremos a tratar de outra mulher negra, Vó Honorina, esta também pode ser vista como uma “Sabela” e ou “Regina Anastácia”, pois são mulheres que têm histórias que se atravessam em seus feitos, atitudes, protagonismos, trajetórias, vivências, respeitando suas particularidades e ressaltando seus encontros escrevíveis.

Vó Honorina sendo nomeada a Médica das ervas de alguma forma estabelece um diálogo com a ideia de uma medicina outra que Evaristo também traz para suas obras, pois a escritora constrói figuras/personagens muito próximas à Vó Honorina através de elementos ancestrais como é o caso do Mulungu apresentado na novela “Sabela” e em Macabéa: Flor de Mulungu. Sendo assim, Vó Honorina, a Médica das ervas será, a seguir, a personagem em foco.

3.8 ATRAVESSAMENTOS DE ANCESTRALIDADE

Chegamos a finalização do primeiro capítulo deste trabalho e antes deste ponto de pausa até chegar o próximo vale fazer uma retomada de alguns aspectos tratados para pontuarmos certos atravessamentos entre as três vidas acima apresentadas em recortes analíticos. Tais atravessamentos se mostram ancestrais diante os vários encontros e também desencontros que as narrativas apresentam, assim faremos aqui alguns apontamentos para que sejam evidenciados tais atravessamentos ancestrais, sem com isso querer esgotar as possibilidades discursivas sobre os mesmos.

Foi visto que tanto “Regina Anastácia”, “Sabela” e Vó Honorina e suas famílias tiveram que migrar de seus lugares de origem para construírem suas vidas em outro lugar. Entra em questão a desterritorialização forçada em nome da subsistência no caso das mulheres em análise, mas lembramos que esse processo de transferência de território é histórico, consistindo em uma perda parcial da identidade de indivíduos que em muitos casos não tiveram a chance de escolher em ficar em seus locais de origem. Em tempos mais longínquos o povo africano fora arrancado de seus países como já falamos aqui.

Com tais desterritorializações as pessoas tiveram que se reinventar e usando os saberes antigos de seu povo criar estratégias de sobrevivência. Vindo de uma família ou povo que tinha por base a independência, aceitar a escassez de recursos e vida limitada não fazia parte da essência dos desterrados. Vimos a transformação de vida que a personagem “Regina Anastácia” e sua mãe Saíba fizeram ao investirem em um negócio próprio, padaria, que desenvolvesse a família economicamente. Percebe-se que as mulheres têm um protagonismo histórico dentro dos lares, em fazer girar a roda e subsidiar suas famílias. Um fazer acontecer que remonta gerações de linhagem matrilinear. A presença da mulher negra no comércio recupera uma memória ancestral africana que mostra as mulheres na feira, a exemplo de Moçambique e Guiné-Bissau, como algo comum, as mulheres dominam o espaço da prática mercante, a qual pode ser vista em nosso território baiano como a herança cultural de África, uma prática marcada por mulheres negras e que se reinventa nos espaços em que acontece.

Em “Sabela” talvez a maior representação ancestral esteja na vivência extrafísica das matriarcas Sabelas. Uma vivência a partir das águas e que era usada para ajudar o próximo nas diversas circunstâncias. É “Sabela” que traz a esperança e o progresso à cidade. Com seu corpo que porejava água ela devolveu vida ao rio da cidade e deste vieram as demais riquezas e vida humana ao lugar. Outro sinal de ancestralidade presente na narrativa “Sabela” é a arte de contar história, arte passada de geração em geração para passar a cultura e conhecimentos dos mais velhos aos mais novos.

Quando se traz a personagem “Regina Anastácia” se anunciando, ela não apenas o faz na individualidade, mas traz em si toda uma coletividade de mulheres negras. Não são mulheres dentro de seu círculo apenas, mas mulheres espalhadas pelo globo, que trazem em si a realeza em coletividade. Vejamos novamente essa anunciação coletiva: “Regina Anastácia se anunciava, anunciando a presença de Rainha Anastácia frente a frente comigo” (Evaristo, 2016, p.127). Neste trecho percebe-se uma alusão ou identificação de mulheres de tempos e locais diferentes, mas que se representam.

Por outro lado, “Sabela” trazendo a história da fúria das águas, destaca sua sabedoria ancestral para aplacá-las, a súplica ao divino e salvar o mundo, uma sabedoria que vem de muito longe, do outro lado do oceano passada por suas ancestrais de geração em geração. “Quando Sabela já estava bem velha e quase não aguentava mais falar, ela me pedia que lhe recontasse tudo. Aí, era eu, então, que ficava úmida, vertendo chuvas de palavras, como estou a verter agora” (Evaristo, 2017, p. 83). A particularidade do corpo de Sabela mãe dar sinais do tempo é passada para Sabela filha evidenciando o jogo da matrilinearidade.

Com Vó Honorina, a médica das ervas, o conhecimento ancestral das ervas medicinais e suas funcionalidades advêm da sua avó e de sua mãe. Atrelado a este conhecimento ainda tinha o saber da vidência através do ato de benzer pessoas e ver nelas o invisível do plano espiritual. Neste aspecto da espiritualidade as histórias de “Sabela” e Vó Honorina se encontram e comungam da mesma finalidade: usar seus saberes para ajudar o próximo sobre aquilo que os olhos comuns não conseguem enxergar.

As histórias são de mulheres negras que têm papéis fundamentais dentro de suas famílias e na comunidade. São mulheres que gerem suas casas e que com seus corpos escrevem suas histórias. “Regina Anastácia” apresenta-se rainha, “Sabela” traz a vivência a partir das águas geradoras de vida e prosperidade e Vó Honorina apresenta o extrafísico a partir das folhas e a cura medicinal por meio das ervas. Outro ponto em comum entre essas mulheres é a ressignificação que dão à vida cheia de dificuldades impostas pelo sistema social, mas que conseguem com estratégias próprias vencê-las.

Em suma, vimos que a literatura conversa com o social, as narrativas literárias, “Regina Anastácia” e “Sabela”, mantém ligação com aspectos da vida não ficcional de Vó Honorina. Os percalços cotidianos destas mulheres são convergentes, da mesma forma que os enfrentamentos e ressignificações acontecem em modo similar, ou seja, essas vidas se encontram nas encruzilhadas narrativas partilhando significados e sentidos entre si.

4 LITERATURA E SOCIEDADE: VIDAS EM ENCRUZILHADAS

Até aqui foram vistas as diversas vicissitudes da literatura, as personagens que a compõe fazendo relação simbiótica com a sociedade e as pessoas comuns que entremeiam as diversas esferas sociais. Podemos nos questionar quais são as influências que a sociedade mantém sobre a literatura, assim como o caminho inverso, a ficção literária influenciando a vida comunitária para desta forma entendermos os possíveis cruzamentos entre o ficcional e o real. Afinal, quem influencia quem?

Partindo da escrevivência de Evaristo poderíamos responder que a vida real, o cotidiano das pessoas com todas as suas possibilidades de acontecimentos são grandes fontes de inspiração para que o literário ganhe vida e corpo. Porém quando lembramos que a realidade muitas vezes é surrupiada de fatos, personagens que somem dos feitos sociais, entra em ação o instrumento de resgate desta realidade amordaçada e apagada, ou seja, é preciso fabular criticamente (Saidiya Hartman, 2021) para recriar e contar uma história que a História oficializada abortou socialmente. Para tanto, entra em cena um exercício de memória que vasculha os fragmentos da história com seus arquivos muitas vezes contendo registros distorcidos ou com dados que negam a versão dos que um dia foram subalternizados e relegados à margem da sociedade. A exemplo temos o povo negro que teve grande importância no forjar da sociedade, enquanto os brancos, agindo como seres parasitários, levavam os frutos de um árduo trabalho que inaugura uma economia banhada de suor e sangue. Abdias Nascimento (2016) sobre o papel do negro escravizado sinaliza que

O papel do negro escravo foi decisivo para o começo da história econômica de um país fundado, como era o caso do Brasil, sob o signo do parasitismo imperialista. Sem o escravo, a estrutura econômica do país jamais teria existido. O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a flexão e a quebra da sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia. Ele plantou, alimentou e colheu a riqueza material do país para o desfrute exclusivo da aristocracia branca. Tanto nas plantações de cana-de-açúcar e café e na mineração, quanto nas cidades, o africano incorporava as mãos e os pés das classes dirigentes que não se auto-degradavam em ocupações vis como aquelas do trabalho braçal. A nobilitante ocupação das classes dirigentes – os latifundiários, os comerciantes, os sacerdotes católicos – consistia no exercício da indolência, no cultivo da ignorância, do preconceito, e na prática da mais licenciosa luxúria (Nascimento, 2016, p. 59).

No processo de apagamento de figuras sociais fica destacada a mulher negra, ente social que historicamente tem um papel fundamental na mobilidade da sociedade, mulher que em virtude das mazelas econômicas advindas desde os tempos da escravidão teve que desenvolver

atividades de caráter extenuante de suas forças físicas e mentais com o objetivo de ajudar a prover suas casas e fazendo cair a imagem ou ideia que é o homem o real provedor das famílias, teoria disseminada pelo patriarcalismo que tem a imagem do homem como chefe exclusivo da família, tirando da mulher sua importância no construir da sociedade. A questão da mobilidade das mulheres negras empobrecidas dentro da sociedade e as atividades desenvolvidas por elas já foram citadas em outro trabalho nosso intitulado de *“O protagonismo da mulher negra na obra de Conceição Evaristo: analisando Insubmissas lágrimas de mulheres”* (2022), no qual diz que

Podemos destacar atividades como lavadeiras, quitandeiras, vendedoras ambulantes e empregadas domésticas como as mais comuns e que serviram e ainda servem de meio rápido para se conseguir o sustento da família pela mulher. Assim, na ocasião em que o homem, que na história é visto como o provedor da família, ou o “chefe de família” – conforme o pensamento patriarcal –, perde seu trabalho e fica sem saída ou meios de ganhar o pão das crianças, surge ou ganha foco a mulher, que precisa criar meios de subsistência para toda a família, assumindo assim o papel de líder familiar e condutora da economia doméstica, denotando o poder que tem em ressignificar a vida, criar estratégias para driblar as dificuldades que se apresentam, mostrando a todos que é agente e dona de seu caminhar, senhora de destinos e que dá orientação a todos que pertencem a sua casa e estão sob sua responsabilidade. Nota-se que a mulher sempre buscou uma mobilidade dentro da sociedade para sobreviver e prover os seus, libertar a si e a outrem (Costa, 2022, p. 14).

Quando Conceição Evaristo escolhe, politicamente, escrever sobre mulheres negras, trazendo narrativas ressignificadas, sem romantizar o histórico de dores destas pares, ela quer fazer uma reparação histórica não só a uma individualidade feminina, mas uma reparação à coletividade de um povo. Pegando como exemplo a personagem “Regina Anastácia”, que é rastro de rainha africana, rastro da escravizada Anastácia, como já vimos, Evaristo não quer só trazer uma narrativa inocente ou uma mera metáfora da realidade, ela traz na personagem a representação de outras tantas mulheres negras reais com histórico de apagamento social, assim como traz um desnudamento de um sistema social racista, sexista, desigual, machista e que silencia segmentos sociais através de violências, sejam físicas, psicológicas e ou simbólicas através da sua estrutura constituinte. Assim, Evaristo traz mulheres que através de sua força de trabalho, visão empreendedora e conhecimentos ancestrais de sobrevivência conseguem driblar o padrão patriarcal que tem a mulher como simples dona de casa, cuidadora dos filhos e do marido, um drible social que em “Regina Anastácia” e “Saíba” é visto em seu negócio com vendas, partindo de um tabuleiro até a origem de uma pequena loja com balcão, como se verifica no trecho abaixo

Além das entregas, todas as tardes, na frente da nossa casa, armávamos um tabuleiro, que ficava sempre e mais rodeado de fregueses. Um dia, ela pediu ao meu pai que erguesse uma pequena tendinha para ela, queria ter um balcão para colocar seus cestos. Ele atendeu ao pedido. Um ano depois, na parte de cima da porta da tendinha toda pintada de amarelo, aparecia escrito: ‘Saíba e Anastácia’ e, no meio da porta, uma frase completava os nomes escritos em cima: ‘a arte própria de alimentar através do tempo’. Não sei de quem foi a inspiração da frase, mas sei que as mulheres de minha família, todas, eram exímias cozinheiras, além de todo ou qualquer outro dom. Habilidades que foram transmitidas, ensinadas de umas para as outras, trunfos de família, que alguns homens nossos, que se dispuseram, aprenderam também (Evaristo, 2016, p. 135).

Evaristo, através da literatura ou criação poética, demonstra ritos sociais praticados por mulheres excluídas socialmente, mas o tratamento literário dado pela escritora à questão é um trato que desmonta a lógica da exclusão e ao mesmo tempo apresenta uma recriação que oferece ao leitor uma perspectiva de transformação. No excerto, apesar da presença de um homem como esposo, é a mulher quem tem a chave da mudança, do olhar transformador e tal visão vem de longe, vem de outras mulheres, um conhecimento que é replicado aos mais novos, seja mulher ou homem, criando um ciclo ancestral provedor de sobrevivências. Embora seja uma criação literária, o real é facilmente identificado nas entrelinhas do texto, ou seja, existe uma ligação entre o social e o literário que não pode ser descartada e que tem a mulher negra como epicentro da geração econômica familiar, fato que Beatriz Nascimento (2021) explica

Em geral, nas camadas mais baixas da população, cabe à mulher negra o verdadeiro eixo econômico em torno do qual gira a família negra. Essa família, grosso modo, não obedece aos padrões patriarcais, muito menos aos padrões modernos de constituição nuclear. São da família todos aqueles (filhos, maridos, parentes) que vivem as dificuldades de uma extrema pobreza.

Quanto ao homem negro, geralmente despreparado profissionalmente por força de contingências históricas e raciais, ele tem na mulher negra economicamente ativa um meio de auxílio à sua atividade, quando não à própria sobrevivência, já que à mulher se impõe, como sabemos dupla jornada (Nascimento, 2021, p. 233).

Em “Sabela” o entrecruzamento do literário e o real pode ser analisado a partir do aparato da ancestralidade e do atuar feminino negro sobre o viés da matrilinearidade. “Sabela” ou as “Sabelas” representam as tantas mulheres negras que desde sempre conduzem suas vidas e as vidas dos seus graças à sabedoria ancestral que é arrastada nas avenidas da história e aprendida como instrumento de resistência e sobrevivência. Evaristo é uma transgressora da realidade, pois promove uma reviravolta na lógica social estabelecida à medida que com seus recortes literários, constrói personagens e narrativas que desnudam a história oficializada por meio de um recontar que apresenta outra lógica de mentalidade, o olhar do subalternizado, daquele que sofreu o apagamento social e desta forma a escritora faz ruir verdades que se

apresentam como absolutas, mas que são parciais ou silenciadoras de outros segmentos que também são importantes na formação social.

Quando a análise é feita a partir da vida real, tendo como exemplo Vó Honorina, o que se percebe é uma aproximação grande entre os acontecimentos ficcionais e os da realidade, ou seja, podemos pensar na hipótese de que a representação das personagens fictícias busca conversar ou ainda busca ser corpo-voz de todo um estrado de mulheres negras, em especial, que precisam de representatividade e espaços para ecoarem suas vozes. Portanto, a literatura se apresenta como um meio de ser veículo de corpos e vozes negados socialmente que ganham espaço e vez para serem visibilizados em suas potências e importância enquanto elementos que formam a sociedade.

A escolha em trazer para o espaço acadêmico parte de uma história de uma mulher negra como a presente neste trabalho, Vó Honorina, trata-se de uma escolha política para que sirva também como forma de naturalizar a presença do popular enquanto protagonista, daquelas que estão à margem social e que por muitos anos são esquecidas até por nós mesmos, pois involuntariamente acabamos por valorizar e nos debruçar dentro da academia sobre temas e conteúdos que estão longe de nossas origens e de nosso pertencimento. É preciso que nossos ancestrais, nossa cultura popular, nossos fazeres estejam presentes nos espaços de poder, não como meros objetos de análise, mas como sujeitos do processo, protagonizando saberes que são construídos no meio popular e que são desvalorizados ou não têm a atenção que merecem. Portanto, Vó Honorina, a Médica das ervas, aqui não é objeto de análise, mas sujeita de pesquisa que, através do exercício de memória, ganha vida e tem parte de sua vivência apresentada como fragmento de outras histórias que se assemelham a sua, ou seja, acontece uma representatividade de uma coletividade de mulheres sem visibilidade.

A questão da visibilidade e representatividade do povo negro nos diversos espaços sociais é um assunto recorrente e que ainda precisa ser pauta dos debates para que as mesmas sejam garantidas assim como os direitos de todos e todas nas mais variadas esferas da sociedade. Nesta seara, já vimos o papel do intelectual Abdias Nascimento que fez de sua vida palco de luta na criação de organizações que garantissem a dignidade humana ao povo negro. Destas criações destaca-se o projeto do Teatro Experimental do Negro – TEN, projeto que já foi comentado, mas que volta a ser aqui lembrado para ratificar o quanto as questões sociais, o cotidiano serve de mola propulsora de transformações no imaginário não muito distante dos anseios de justiça e equidade em uma realidade que tem a discriminação e preconceito como diretrizes de vida, inferiorizando grupos humanos e invisibilizando culturas diferentes da que é propaganda entre as elites econômicas que dirigem a sociedade.

Vale lembrar que o projeto do TEN é pensado quando Abdias Nascimento “assiste a uma encenação teatral de *O imperador Jones*, de Eugene O’Neill, feita pelo Teatro Del Pueblo, com o ator argentino Hugo D’Eviéri pintado de preto para viver o protagonista” (Duarte, 2011. p. 418), *blackface*¹⁵ que incomoda Nascimento. Assim, ratificando o que já foi dito no capítulo I, a criação do TEN vem com o objetivo de oportunizar a população artística negra de um espaço na arte teatral que lhe pertence e que é usurpado por aqueles que já têm espaço e vez na sociedade, mas que negam a presença do povo negro, mesmo em situações nas quais a representação negra é legítima e ideal. Os efeitos benéficos à cultura afro-brasileira e ao povo negro enquanto protagonista dentro do TEN não podem ser ignorados, pois

Ao longo de mais de uma década, o Teatro Experimental do Negro levou aos palcos não apenas o assunto negro, mas também atores e diretores, além de textos marcados por uma perspectiva comprometida com os modos de existência e com o universo cultural dos afro-brasileiros. Nas palavras do autor, o TEN ‘foi concebido fundamentalmente como instrumento de redenção e resgate dos valores negro-africanos, os quais existem oprimidos ou/e relegados a um plano inferior no contexto da chamada cultura brasileira, onde a ênfase está nos elementos de origem branco-europeia’. Nessa linha, o TEN rompe com uma prática comum até então – a de pintar de preto o rosto de atores brancos –, e traz para os palcos brasileiros pessoas comuns, entre elas empregadas domésticas e trabalhadores braçais, transformados em atrizes e atores a partir do trabalho do grupo, a fim de representarem heroínas e heróis negros, com ‘formidável potencial trágico e lírico’. Além disso, tal fato possui dimensão revolucionária em termos de uma representação em que personagens afrodescendentes estavam circunscritos, entre outros, a conhecidos estereótipos marcados pelo servilismo – o moleque de recados, o velho pai João, a mãe preta chorosa –, ou pelo erotismo da mulata assanhada, com toda uma carga de pitoresco e exótico bem ao gosto do padrão dominante (Duarte, 2011. p. 418-419)

A leitura atenta da citação acima e da nota de rodapé número 11 sobre *blackface* contribuem para o entendimento do objetivo de Abdias Nascimento e sua luta contra o racismo dentro da sociedade, assim como seus efeitos segregadores que negam a diversidade cultural negra deixando o povo negro relegado aos confins da história sem o seu merecido protagonismo e que quando lembrado, tem sua imagem deturpada e colocada sob forma estereotipada.

Pensar em exclusão social, separação sexista no trabalho, apagamento social, falta de equidade nas relações entre homem e mulher, entre outros fatores que afetam a sociedade como

¹⁵ A prática de *blackface* é originária dos Estados Unidos da América (1840) e consistia na caricaturação de atores brancos para interpretar personagens negros. De certo, o problema central desse cenário não era a falta de pessoas negras que fossem interessadas na arte da atuação e do entretenimento ou com a devida competência para atuar, o que acontecia é que as velas artes eram destinadas a seres considerados evoluídos – leia-se não-negros – e, por isso, a necessidade de se ‘fantasiar’ de negro, performando uma representação estereotipada e pejorativa da raça, que a inferiorizava e ridicularizava. O que refletia, de maneira explícita, o racismo dessa sociedade (Silva AQ da, Rocha FRL da, Martins WCL. O uso do *blackface* como prática pedagógica nos anos iniciais da Educação Básica. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/bDwvHSWYyNFK4MkDxThV9zM/?lang=pt>. Acesso em: 11 de fev de 2025).

um todo, não se pode deixar de destacar a figura que mais sofre ataques dentro da lógica patriarcal, essa figura é a mulher negra que ao mesmo tempo é força motriz da sociedade e que já foi visto que não tem a valorização que merece. Assim, retomando a discussão inicial do capítulo, percebemos com as reflexões/contribuições acima que a literatura é um espaço de reflexão da realidade que nos permite até fabular sobre aspectos do real quando a história oficializada ofusca ou nega parte da realidade que integra nosso ser social ou de outrem. Na próxima seção trataremos sobre a negação do protagonismo feminino negro sob um viés histórico caminhando com o literário com a finalidade de apresentar reflexões que apontem transformações que aconteceram e que ainda estão em curso em prol de um futuro diferente do até então posto. Acreditamos na simbiose entre a literatura e os acontecimentos da sociedade e que em conjunto possam apresentar reflexões transformadoras em mão dupla, ou seja, literatura e sociedade se retroalimentando.

4.1 MULHERES NEGRAS, PROTAGONISTAS NEGADAS: OLHANDO A HISTÓRIA, VISUALIZANDO TRANSFORMAÇÕES

Talvez seja uma imagem deturpada em nosso imaginário quando nos reportamos ao protagonismo da mulher negra dentro da sociedade brasileira em pensar nas condições de trabalho que estão submetidas historicamente, ou seja, acontece um direcionamento do pensamento à condição de trabalho que podemos pensar que seja por conta das influências históricas, pessoais e também do meio social que estamos inseridos. Não queremos com isso passar a ideia que o protagonismo feminino esteja preso no ramo do desenvolvimento econômico de subsistência familiar, afinal, sabemos que a mulher se destaca nos mais diversos espaços orgânicos da sociedade trazendo à mesma o desenvolvimento. Daí tem-se destaque na agricultura, no avanço da ciência, nos inventos, nas artes, na escrita, etc., mas aqui trataremos das questões do mercado de trabalho por circunstâncias históricas que nortearam e norteiam significativamente a vida da mulher em sociedade.

Muitos discutem sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, as condições que estão submetidas, as questões salariais, a jornada que exercem, as diferenças entre homem e mulher e outras tantas situações. Mas de quais mulheres estão se falando? Inserção de quais mulheres? Das mulheres negras, certamente que não, pois estas já estão na gira do mercado social desde sempre, passando por adversidades múltiplas que merecem um dedo de prosa. Para iniciar esta conversa, Beatriz Nascimento (2021) tratando sobre o tema da mulher negra no mercado de trabalho diz que

Contrariamente à mulher branca, sua correspondente no outro polo, a mulher negra, pode ser considerada uma mulher essencialmente produtora, com um papel semelhante ao do seu homem, isto é, dotada de um papel ativo. Antes de mais nada, como escrava, ela é uma trabalhadora, não só nos afazeres da casa-grande (atividade que não se limita somente a satisfazer os mimos dos senhores, senhoras e seus filhos, mas também de produtora de alimentos para a escravaria) como também no campo, nas atividades subsidiárias do corte e do engenho. Por outro lado, além da sua capacidade produtiva, pela sua condição de mulher e, portanto, de mãe em potencial de novos escravos, ela tinha a função de reprodutora de nova mercadoria para o mercado de mão de obra interno. Isto é, a mulher negra é uma fornecedora de mão de obra em potencial, concorrendo com o tráfico negreiro (Nascimento, 2021, p. 56).

Diante desta contribuição de Beatriz Nascimento, demonstrando todo o papel desenvolvido pela mulher negra dentro da sociedade desde sempre, sem diferenciar muito dos homens na construção social, surge a inquietação em saber em que se sustenta a negação do protagonismo da mulher negra e qual a real finalidade deste apagamento sistêmico de uma figura tão necessária historicamente. Talvez um prenúncio de resposta à inquietação possa está em uma fala de Sojourner Truth em uma reunião antiescravagista em Indiana, na qual Truth indignada mostrou os seios como prova que era mulher (hooks, 2020). bell hooks (2020) contextualiza o protagonismo de Sojourner Truth frente ao movimento feminista negro quando diz que

Ela encarou a plateia sem medo, sem vergonha, orgulhosa por ter nascido negra e mulher. Ainda assim, o homem branco que gritou para Sojourner ‘eu não acredito que você é realmente uma mulher’ involuntariamente expressou o desprezo e o desrespeito dos Estados Unidos pela mulheridade negra. Aos olhos do público branco do século XIX, a mulher negra era uma criatura indigna de receber o título de mulher; ela era um mero bem material, uma coisa, um animal. Quando Sojourner Truth se colocou diante da segunda convenção anual do movimento pelos direitos das mulheres, em Akron, Ohio, em 1852, as mulheres brancas que julgavam ser inadequado para uma mulher negra falar em uma plataforma pública na presença delas gritaram: ‘Não a deixem falar! Não a deixem falar! Não a deixem falar!’ Sojourner aguentou os protestos e se tornou uma das primeiras feministas a chamar atenção delas para o destino da mulher negra escravizada que, forçada pelas circunstâncias a trabalhar ao lado de homens negros, era a personificação viva da verdade de que as mulheres poderiam estar em igualdade com os homens no trabalho (hooks, 2020, p. 252)

No excerto acima fica evidente o quanto a mulher negra é desumanizada, tem suas características negadas por homens brancos e nos leva à reflexão quanto ao pensamento animalizador que era lançado à população negra nos tempos da escravização negando ou tirando do povo negro sua condição humana. Um outro ponto relevante que aparece é que a condição de mulher não torna a mulher branca uma parceira da mulher negra, mesmo as duas sendo diminuídas frente ao poder exercido pelo homem branco dentro da sociedade, logo também existe uma diferença abissal entre feminismo negro e aquele praticado pelas mulheres brancas

como sugere o trecho acima. O racismo e o preconceito praticados pelas mulheres brancas que se acham superiores às mulheres negras ficam explícitos.

Ainda rebatendo aos argumentos de um homem branco de que a mulher é um ser fraco por natureza e fisicamente inferior ao homem, bell hooks (2020) traz a resposta a este argumento falho dada por Sojourner Truth

[...] Bem, crianças, onde há muita algazarra deve ter alguma coisa que não está certa. Penso que entre as negras do sul e as mulheres do Norte todas estão falando sobre direitos, os homens brancos logo, logo vão ter problemas. Mas sobre o que isso tudo aqui está falando? Que o homem lá fora que as mulheres precisam de ajuda para subir na carruagem, para passar sobre valas e para ter os melhores lugares [...] e eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! [...] Eu lavei e plantei e juntei os grãos no celeiro e nenhum homem conseguia passar na minha frente – e eu não sou uma mulher? Eu conseguia trabalhar tanto quanto qualquer homem (quando conseguia trabalho), e aguentar o chicote também – e eu não sou uma mulher? Pari cinco crianças e vi a maioria delas ser vendidas para a escravidão, e quando chorei meu luto de mãe, ninguém além de Jesus me ouviu – e eu não sou uma mulher? (Discurso de Sojourner Truth, *In*: hooks, 2020. p. 252-253).

É perceptível o quanto Sojourner Truth é pontual em seu discurso elencando elementos que colocam a mulher em situação de igualdade com o homem e acima de tudo firma uma narrativa que desconstrói um conceito equivocado da definição do que possa ser definido como mulher. Truth enfrentou não só a desvalorização masculina como também sofreu discriminação racial por parte das mulheres brancas impedindo, deste modo, avanços significativos do movimento feminista negro, como sugere hooks (2020)

O movimento do século XIX pelo direito das mulheres poderia ter proporcionado um fórum para as mulheres negras abordarem suas queixas, mas o racismo das mulheres brancas barrou a participação delas por completo no movimento. Além disso, serviu como um lembrete sombrio de que o racismo precisava ser eliminado para que as mulheres negras pudessem ser reconhecidas como uma voz igual às das mulheres brancas na questão dos direitos das mulheres. As organizações e clubes de mulheres, no século XIX, eram quase sempre segregados por raça, mas isso não significava que as mulheres negras participantes dos grupos eram menos comprometidas com os direitos das mulheres do que as participantes brancas (hooks, 2020, p. 255).

A negação da mulher negra por parte dos homens brancos e mulheres brancas podemos dizer que perdura desde os tempos da escravidão, período de apagamento da humanidade de homens e mulheres negros/as considerados bárbaros por serem o outro, o estranho. No posicionamento de Sojourner Truth acima fica claro que ela, mulher negra, tem sua definição enquanto mulher e negra e para além disso, consciência de sua humanidade, pois é ela quem se define e não um padrão normatizante branco que a anula da condição humana, daí percebe-se a importância do indivíduo ter desperta a consciência de quem de fato é e firmar-se na sociedade

como sujeito, negando a objetificação que os dominadores sociais tentam impor àqueles/as considerados/as dominados/as. Neste sentido, Patrícia Hill Collins (2016) fala sobre a significação e necessidade das mulheres negras conscientemente autodefinirem-se e autoavaliarem-se, como pode ser notado nos trechos acima na fala de Sojourner Truth. Collins (2016) explica

A insistência de mulheres negras autodefinirem-se, autoavaliarem-se e a necessidade de uma análise centrada na mulher negra é significativa por duas razões: em primeiro lugar, definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma autodefinição sob a forma de ‘outro’ objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação. O *status* de ser o ‘outro’ implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente na norma pressuposta de comportamento masculino branco. Nesse modelo, homens brancos poderosos definem-se como sujeitos, os verdadeiros atores, e classificam as pessoas de cor e as mulheres em termos de sua posição em relação a esse eixo branco masculino. Como foi negada às mulheres negras a autoridade de desafiar essas definições, esse modelo consiste de imagens que definem as mulheres negras como um outro negativo, a antítese virtual da imagem positiva dos homens brancos (Collins, 2016, p. 105).

A citação acima é de suma importância para que se tenha uma ideia do valor do lugar de fala que cada um de nós tem para que nossa personalidade marque presença dentro da sociedade desmontando um sistema opressor e limitante dos que são colocados na esteira da diferença, sendo portanto, objetificado e reduzido enquanto ser expressivo e dotado de subjetividades. A afirmação de uma identidade começa quando o indivíduo tem respeitado seu ato de fala, o qual não se restringe à emissão de voz ou de palavras, mas sim por um conjunto de elementos que constituem as pessoas e as tornam seres humanos. Na vigência do colonialismo, mulheres negras foram silenciadas de maneiras diversas e uma das marcas simbólicas mais fortes do silenciamento e apagamento de identidades praticados pelo colonialismo foi a máscara de ferro que também já tratamos aqui. Vale dizer que o silenciar discurso está perpetrado na lógica do controle e poder sobre o corpo do outro com a finalidade de anulá-lo como mero objeto, no caso da mulher negra, tirar-lhe a humanidade.

Partindo deste pressuposto que todos temos lugar de fala e sabendo que estamos em posições diferentes dentro da sociedade, com oportunidades diversas em contextos sociais também múltiplos, e ainda que ninguém tem a voz ou dar a voz a outrem como já foi sinalizado, na próxima etapa deste trabalho colocaremos nossa efetiva ação possível, enquanto solidários àquelas que, historicamente, têm sua voz negada e que sofrem pelo processo de apagamento sistêmico de um padrão brancocêntrico que tem o patriarcalismo e colonialismo como fundamentos sociais, uma solidariedade que consiste em ser caixa de ressonância de vozes-

mulheres que precisam de meios viáveis para atingirem espaços que lhes foram negados, aqui destacamos o espaço acadêmico, a universidade. De tal modo, aparecerão narrativas através de recortes de depoimentos que tratam da vida e atuação da mulher negra dentro da sociedade, suas influências na posteridade e sua importância na pavimentação no presente para que outros continuem trilhando nos caminhos da transformação social, elevando a coletividade a outros status que não o da aniquilação, silenciamento e apagamento cultural, político, histórico e social de um povo.

5 GRITOS FALADOS: DIALOGANDO COM MULHERES NEGRAS

A presente seção vem para delinear um fechamento deste trabalho, mas não como finalização do ato de continuidade de pesquisa, portanto, aviso que não assumo o término deste e sim uma pausa para ganhar fôlego e percepção do grau de compreensão alcançado até aqui sobre a pesquisa. Dito sobre a possibilidade certa de continuar a andança no terreno da escrevivência, da memória e das vozes-mulheres, sigo o percurso em ser caixa ressonante e instrumento para que vozes femininas negras sejam ecoadas e visibilizadas.

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
 ecoou criança
 nos porões do navio.
 Ecoou lamentos de uma infância perdida.
 A voz de minha avó
 ecoou obediência
 aos brancos-donos de tudo.
 A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado
 rumo à favela.
 A minha voz ainda ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 e
 fome.
 A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade (Evaristo, 2017, p. 24-25).

Retomo o poema acima por entender que a vida segue o preceito da roda, da circularidade que se repete, mas que não é a mesma a cada volta ou ciclo completado, pois enquanto seres vivos que trocamos saberes entre nós, no contato com o outro acontece uma troca de saberes que se faz mútua, recíproca, ou seja, à medida que me relaciono com o outro eu deixo algo de mim nele e ao mesmo tempo trago muito dele para minha constituição enquanto humano. Neste ir e vir, contínuo e constante como acontece na roda de terreiro, na

qual as participantes irmãs e irmãos estão conectadas/os na gira, perfazendo um andar circular a partir de dois passos para frente e um para trás, os quais são repetidos dinamicamente, o progresso acontece paulatinamente e o objetivo da roda vai sendo conquistado. Essa roda se constitui margem e volta e meia alguém se lança ou é lançado ao centro para expressar e marcar sua presença e importância dando seu recado aos que de fora o cerca e quando é dado seu recado, retira-se cedendo democraticamente o lugar para outra persona falar e demonstrar sua potencialidade.

O poema “*Vozes-mulheres*” de Evaristo nos permite transcender silenciamentos que outrora calaram nossas ancestrais, mas não as impediram de ser sementes de um futuro diferente. Não impediram a geração de novas árvores frondosas e frutíferas, pois sendo sementes enterradas pelos mais diversos campos o resultado foi o surgimento de uma floresta diversa de subjetividades. Assim, utilizando dessa metáfora é que vou apresentar algumas mulheres que falarão de suas raízes femininas como base de sua sustentação social. Aqui delimito que as vozes-mulheres que aparecerão estarão direcionadas as influências promovidas pelo ser e atuar de Vó Honorina, a médica das ervas, que foi árvore e semente de muitas florestas.

Esta escrita exige que os leitores preparem seus ouvidos, afinem sua sensibilidade, preparem sua escuta votiva para ouvir os tambores d’alma de mulheres negras sedentas pelo ato de dizer expresso em seus corpos-vozes, porém ao fazê-lo choram, gritam saudades, esperanças, gratidão, dores, sabores, mas acima de tudo prospectam um amanhã outro transpassado pelo ontem ressignificado em um agora e nessa profusão de tempos o eu mulher se materializa como pedra fundante, guardiã e ao mesmo tempo é a própria Gaia-mundo. Nas vozes que aqui se apresentarão, mulheres falarão sobre si, entre si, anunciando aquelas que antes foram pavimentos de becos e ruas para que outras/os pudessem avançar. As mulheres negras que aparecerão a seguir serão representantes ou parcela de coletividade mostrando sua trajetória-vivência e suas influências sociais. Assim, a primeira voz que se apresenta é Maria Augusta Santiago Alves, mais conhecida como Dona Maria de Lourenço, como mencionado na introdução. Ela é a mais velha, apresenta-se e conta vivências de outrora.

“Eu sou fia de Ruy Barbosa, nasci lá, sou batizada lá.” Essa é a marcação de lugar de pertencimento de uma senhora, matriarca, que com sua memória centenária lembra com detalhes do início da amizade com Vó Honorina e os desafios das mulheres negras dentro da profissão de lavadeira, em especial quando é uma iniciante nos jogos trabalhistas e seus desafios.

Eu conheci, ela já tinha Manezinho. Quando ela veio de Santo Antônio pra qui, ela [...] vei ela, vei Tune, vei Dona Dava [...] Sabe quem é dona Dava? Morava na esquina de Lili. Norina era novinha quando veio pra qui (risos). Ela morou ali na Rua de Guará, do lado de cá, ela morou ali. Dixa eu ver quando foi... dali ela mudou pra lá, pra Manezim Monseis. Aí também não saiu mais. Morou lá em cima naquela rua que chama Princesa Isabé, ela morou ali, logo logo quando ela veio de Castro Alves que foi lavar roupa, ela [...] aí as meninas disse: e essa menina sabe lavar roupa? Aí disse: quem sabe? Aí ela disse que veio do lado de cá, do Argoim, os pais fez uma [...] com ela e ela veio embora, aí Manezim pequeno. Aí ela foi lavar a roupa da mulher, lavou. Naquele tempo a gente trabalhava de ferro de brasa, era candieiro. Aí ela deu uma roupa branca pra ela, umas toalhas granfinas, aí ela lavou, aí bateu no ferro, quando foi [...] levou, aí chegou lá que a mulher abriu a roupa, aí chamou e disse: oh fulana vem cá, aí disse oia essa roupa! Quem disse que essa mulher sabia fazer isso? Aí anunciou a toda aquelas mulé ali da Rua do Tanque tudo, ali anunciô, ali descendo a praça do Rosário, aquela praça que é de bichim Mascarenhas, como é? Esqueci, que tem a pracinha que chamava a praça de Dr. Neson. Aí chamou as mulé pra mostrar o que Norina fez, aí pronto, aí nunciou o pedacinho da cidade todinha, que Anorina foi a mulé que já viu lavar a roupa mais bem lavada e mais bem gomada no ferro de brasa e não queimou um pano, aí agora ela caprichou, caprichou, viu? (Alves, 2024, informação verbal).

Este trecho de fala acima é de um bate-papo meu e de Dona Maria de Lourenço ocorrido no mês junho de 2024, manhã junina com o calor dos resquícios da fogueira de São João, manhã que fui recebido com alegria, um sorriso de menina e a serenidade de uma mulher rainha desejosa de companhia para rememorar suas vivências e compartilhar com os mais jovens, conhecimentos que não estão nos livros ou arquivos frios, pois os saberes em questão são aqueles que pulsam na mente, que saltam do coração e que dão significado à vida dos idosos que raramente encontram ouvidos e olhos de atenção para eles, afinal o cotidiano capitalista e suas exigências fazem com que as velhas/os sábias/os sejam deixados de lado, abandonados de afetos, de sorrisos e acima de tudo de escuta sobre seu caminhar e sua sabedoria, ou seja, vivemos na sociedade do descarte ao idoso mesmo sabendo das raras mudanças de paradigma de valorização deste.

Voltando à citação, Dona Maria lembra do início de contato com sua amiga, Vó Honorina, quando esta chegou à cidade lançando-se ao ofício de lavadeira. Vó saiu de Santo Antonio do Argoim, distrito do município de Castro Alves-BA, mãe de um rapazinho, Emmanoel, Manezinho, meu pai. Fica evidente a distância no tempo da modernidade e a vida levada pelas mulheres negras de baixo poder aquisitivo quando são apresentados um de seus instrumentos de trabalho, o ferro à brasa, este era feito de material metal fundido e com peso considerado para uma atividade extenuante de horas a fio, repetidas diariamente e como agravante tinha o carvão em brasas, utilizado para aquecer o ferro que evidentemente emanava um calor desconfortável em direção a quem o manuseava, no caso as lavadeiras/passadeiras de roupas.

Mais uma vez a memória faz seu jogo de resgate e traz ao agora a imagem do atuar de Vó no ofício de lavadeira e seu manuseio do ferro de gomar, assim me apresenta a memória-infância: Eu menino sentado na esteira de palha colocada no canto da saleta, iluminado pela luz do dia que entrava pela janela feita do mais fino cedro voltada à rua, entretido em minha solidude com brinquedos vez por outra parava meu brincar-criança para observar o labor de Vó no ato de passar roupas. Observava quando ela se direcionava à porta da rua para tirar o excesso de cinzas do interior do ferro de passar. O ritual era pegar um pano, retirar o prego-trava que prendia a parte inferior ao compartimento superior do ferro que tinha o formato em uma espécie de chaminé tubular e com um sopro espalhar cinzas do falecido carvão que doou seu calor vital para estirar tecidos enrugados, deixando-os com vigor e lustre encantadores dos olhos de suas donas. A cada sopro a névoa de cinzas tomava a porta da casa e eram levadas pelo vento anunciador da labuta daquela mulher e de tantas outras da cidade que derramando suor girava a roda da vida para sustentar suas famílias. Vez por outra o vento mensageiro e transportador das cinzas traía a trabalhadora em conspiração e mudava seu curso de corrente e levava as cinzas em direção ao rosto de Vó e neste momento não era só o suor que ardia em sua face, mas o pó fino ainda quente das cinzas que invadia seus olhos, fazendo-os derramar sofridos lacrimejos atrasadores da atividade com hora marcada para terminar, afinal a entrega das roupas geralmente precisava acontecer a noite.

Volto à Maria de Lourenço, nascida aos 22 de novembro de 1924, migrou para Itaberaba-BA aos 14 anos de idade com sua família. Mulher negra, desenvolveu atividades na agricultura e mercantes na feira livre, foi lavadeira, benzedeira, festeira, amiga, mãe de quatro filhos e foi parteira, ofício do qual ela fala com muito orgulho.

Diz quantos partos eu fiz!...

Se eu tivesse sã eu tava fazeno, colhendo minha quantidade: 514. Deixei 514 e só tive 4. Graças a Deus, Graças a Deus nunca aconteceu nada nas minhas mãos, porque quando eu ia fazer o parto que fosse cesário, eu olhava, eu dizia assim: eu não vou fazer esse parto, porque esse parto aqui não é para mim, aqui é pro médico. Aí o povo ficava: ah eu vou ter pe com a senhora! Não minha filha não quero lhe prejudicar não. Pode ir que eu vou chamar o médico. Eu passava pra Dr. Walter ele vinha fazer o parto, mas consagrava tudo certo. Aí quando ele chegava que perguntava: por que você não fez Maria? Eu digo: porque é perigoso, é pra você, aí é pra você. O que que eu faço? Eu digo: chame o anestesista, era Averardo, ele passava pra Averardo vim, dava a nestesia. Aí eu dizia a ele só vai nascer tá hora, não faça o parto antes da hora não pra você não perder a produção, aí quando era na hora ele ia e fazia o parto. Graças a Deus nunca aconteceu nada em minhas mãos nem na dele. E batizei 65. Aí dizem: por que que você... todo mundo que só quer dar fio a você pra batizar? Taí é comade Maria, é comade Maria, é pra batizar é comade Maria. Eu digo: não sou eu que peço não, é o povo que me dá, é o povo que vem me dá e eu vou injetar? Não posso injetar, é pecado se injetar uma criança. Meu primeiro afiado morreu com 75 anos. Eu era pivetinha, tinha 18-19 anos quando eu batizei, era até primo meu. Ele chamava Antônio José, a gente tratava de Zezé, morreu. De um tempo pra cá morreu um

“bucado”, outro “bucado” tá vivo tudo esparramado. De São Paulo, Mato Grosso, Ceará, pra tudo quanto é canto tem um fio de pegação e afilhado que some tudo no mundo (Alves, 2024, informação verbal).

Ser parteira em época remota era ser o auxílio mais próximo que as mulheres menos favorecidas tinham para contar devido a escassez de médicos ou a distância que existia entre a casa das parturientes e os hospitais atrelada a falta de transporte que conduzisse a mãe ao pronto-socorro. No relato efusivo de Dona Maria pode ser analisado o quanto sua prática de parteira era de suma importância entre as famílias, a confiança que mulheres mais velhas passavam a outras mulheres para que fossem ajudadas em momento tão sublime como é o do parto. A parteira também evidencia o respeito não só pelas famílias, mas também pelo profissional formado pela academia que, pelo relato acima, enxerga a parteira como uma colega de trabalho e demonstra respeito a mesma.

A avó de Dona Maria também foi parteira e daí pode ter vindo a inspiração junto com as experiências da vida em também se tornar parteira. Sobre a atividade de parteira da avó, Dona Maria diz que

O povo do Lião foi tudo ela que pegou. O mais véi tudo foi ela que pegou: seu Plínio, seu Caio, seu Clovi, Dr. Delsic, Dr. Sabak, Dona Dique... tudo foi ela que pegou, tudo chamava ela de mãe véa, respeitava a coisa demais. Pegou dois mil e tanto de fio [...] ela saía de Ri Barbosa pra pegar menino aqui na fazenda do Carderão que hoje é de Luizim. Morreu com 115 ano (Alves, 2024, informação verbal).

Um outro dado relevante presente nos excertos é que a parteira ganha status de mãe de todas as crianças que ajudava a nascer e as mães sentem tamanha gratidão que algumas oferecem seus filhos/as como afilhados/as para a mesma. Essa relação entre mulheres demonstra o sentimento de solidariedade e comunhão construídos a partir do contato comunitário e fortalecimento dos laços familiares, os quais não estão ligados necessariamente ao fator consanguíneo, família ganha outro viés, outra configuração da que é propagada pelo modelo cristão ocidental.

Dona Maria, orgulhosa de sua quantidade de filhos de pegação, expressão usada por ela, não só realizou a fria missão médica de ajudar uma mulher a ter seu filho e sim acompanhou a trajetória de muitos deles. Viu o início da vida e também o findar dela com a chegada da morte como foi o caso do afilhado e primo Antônio José, o Zezé, que faleceu aos 75 anos. Diante desse fato podemos imaginar o quanto essas mulheres, atuantes comunitárias, foram importantes na vida de inúmeras famílias, fazendo parte delas e fazendo ruir o modelo tradicional de família, ao menos nas classes menos favorecidas socialmente.

A importância das mulheres mais velhas em serem guias para as mais novas na hora do parto que Dona Maria externa e evidencia seu olhar clínico em analisar sua igual para planejar uma ação exitosa do ato de nascer, além da dificuldade de assistência hospitalar é vista também em “Sabela” quando Evaristo diz que

O único hospital do lugar não suportava mais tantas parturientes. Foi tanta criança vindo ao mundo, que as mulheres mais velhas, aquelas que não desejavam mais filhos, vindos de dentro delas, aprenderam um novo ofício. Com a destreza de quem faz o que viveu antes, ajudavam as mais novas, marinheiras de primeira viagem, a abrir as pernas nas margens do rio (Evaristo, 2017, p. 64-65).

Dona Maria foi uma biblioteca viva que no auge de seus 99 anos tinha os fatos históricos da cidade e espaços circunvizinhos e também das pessoas que compõem a história do lugar com bastante vivacidade. Conversar com Dona Maria é como abrir um sítio de busca da internet, dar o comando de pesquisa sobre determinado assunto e quase que instantaneamente vem a resposta, muitas vezes com datas e outras minúcias históricas. Com um sorriso leve e alegre como de uma criança, os olhos vívidos de lince e um ouvido-sonar, Dona Maria, orgulhosa de sua memória não com soberba dos tolos, mas pela sabedoria dos que amam compartilhar conhecimentos diz:

me pergunte de quando Itaberaba era um ovo, porque Itaberaba era um ovo. Ali onde era a esquina do Branco do Brasil, aquela rua que subia para sair ni [...] naquele mercado Zé do Paraguassu, aquilo ali eu arcancei era desse tamanho (sinalizou com a mão em círculo pequeno), só tinha aquele pedacinho de rua (trecho inaudível) da rua de Miguel Brito. Ali na frente para chegar de frente ao posto, ali tinha um é de ecalipto que não tinha mais tamanho. Ali era um campo de botar animal, de coisa. Botava, fazia roda gigante era ali, eu conheci tudo. Ali dijuntu do Banco do Nordeste, ali eu arcancê, eu não cheguei a ver o tanque, mas arcancê a trincheira do tanque, um pé de laranjeira enorme. A feira era ali na Praça do Rosário (Alves, 2024, informação verbal).

É pegando carona nas ondas da memória de Dona Maria sobre a cidade, sobre pessoas, que vou puxando outras memórias sobre Vó servindo de tambores emissores de sons dançantes em ritmos variados. Neste cruzamento de memórias ritmadas por vozes negras, caminhos vão surgindo como alternativas de apresentar estradas e destinos tomados, os quais demonstram todo um caminhar ancestral e coletivo de mulheres negras que contribuíram para sua existência enquanto coletivo.

Neste caminhar ancestral baseado na ajuda entre as pessoas, percebemos a aproximação entre Dona Maria e sua função de parteira com a atuação e consciência social de Vó Honorina, a Médica das ervas, ambas com vida socialmente ativa, desenvolvendo diversas funções não só

em prol da subsistência de suas famílias, mas em benefício de toda comunidade que estavam inseridas.

Vó era conselheira, Vó era benzedeira, Vó fazia papel de enfermeira, papel de médico, todo mundo que sentia alguma coisa, corria e ia procurar ela. E se ela falasse alguma coisa, todo mundo acatava aquela sabedoria de remédios caseiros, de remédios que podia tomar. E se ela falasse alguma coisa, as pessoas sempre procuravam Vó, ouvia Vó de alguma forma. Então, ela tinha, nessa comunidade que ela vivia, uma influência muito grande. Assim, das pessoas que conhecia, falava assim, a Norina é isso para fazer qualquer coisa, a Norina é isso para ir na casa de Norina fazer isso. Então, assim, ela realmente é uma pessoa que até hoje... Só quem não conhece Vó é essa nova geração que chegou, mas a geração antiga... Bom, todo mundo conhece ela. Então, assim, ela tinha uma influência muito grande naquela rua, na rua, na vizinhança, todo mundo que precisava de alguma coisa... vai na casa de Norina, procura saber de Honorina o que é, que chá que vai tomar, procura saber de Honorina que remédio é bom para isso. Então, assim, é aquela coisa aquela procura o tempo todo, para ela sempre dar um diagnóstico, um diagnóstico, né? Então, assim, se tivesse a pessoa doente, precisasse de um auxílio, ela ia lá... fala com a Norina, vê se ela pode, se conhecesse alguém, algum médico, porque Vó conhecia muitos médicos, até pedia também as coisas, que pudesse intervir, alguma consulta, alguma coisa, falar, que tinha Geraldo da farmácia que sempre... Aí, quando ela ia lá, ela... Oh, Geraldo da farmácia... eu vi aqui porque fulana tá assim... Ele: oh Nora venha... Então, é aquela coisa da procura. Então, ela era uma pessoa muito procurada, era muito bem-vista, requisitada (Morais, 2023, informação verbal).

Eis que entra em cena Ana Lúcia Costa Moraes, neta de Honorina, mãe de dois filhos, psicóloga, 62 anos. Ana traz em sua fala mais uma vez a importância da medicina alternativa, complementar à tradicional, porém no contexto da prática e necessidade dos humildes, a mais importante e principal para combater os males que os afetam enquanto marginalizados. Se Dona Maria aparece como uma parteira, Vó Honorina surge como médica popular que tem as ervas, os remédios naturais, enfim, a natureza, como aliada na cura de doenças de quem a procura, portanto, essa prática enfatizada na citação, também justifica a expressão “Médica das ervas”.

Refletimos também o quanto mulheres de notório saber em determinadas áreas ganham respeito entre todos. Também percebe o quanto a população sem a garantia básica de assistência como a saúde, precisa recorrer aos conhecimentos de ordem cultural, fonte única para vencerem as adversidades que lhes são impostas. Tais conhecimentos fazem parte do lastro de saberes ancestrais trazidos de além-mar, são saberes do âmbito da natureza que estão interligados com saberes de ordem extrafísica que consiste no ato de rezar as pessoas a partir de emanção de palavras sagradas, orações e outras energias que são praticadas por pessoas forjadas pela dureza da vida, mas que munido com o espírito da e pela coletividade conseguem resistir.

Tinha pessoas que diziam, Nora, eu acredito nas suas orações, eu acredito nos seus chás, eu sei que tudo que você faz dá resultado. Então, ela dizia assim, não, o que dá resultado é a fé que você tem, é a fé que te cura. Eu faço, eu ajudo, mas a tua fé é que

vai te curar. Ela sempre dizia isso. Então, a tua fé. Aí ela dizia, eu junto a minha fé com a tua fé e o resultado sai. Mas se tu não tiver fé, não vai adiantar muita coisa. Então, assim, ela era de uma religiosidade muito grande. **E essa coisa dessa... desse rezar dela, ela trouxe de onde ela veio, da criação dela, da mãe dela, da avó dela, então ela trouxe isso com ela.** Desde novinha que ela fazia isso. Então, quando ela foi lá para Itaberaba, chegou lá, ela foi cuidar, ela lavava roupa, ela cuidava, ela fazia comida, essas coisas das festas lá de final de ano, caruru, essas coisas, ela fazia tudo para esse povo lá em Itaberaba. Ela que fazia as comidas, ela que fazia, matava peru, era frango, tudo que era de comida, de fazer comida assim, de festa, ela era a que fazia. Era porco, tratava porco, tudo, tudo, tudo. Peru, quando eu via aqueles perus lá, que Vó dava cachaça aos bichos, ficava doidão lá, eu dizia, ó, para que faz isso? Oh, menina, sai daqui, senão esse bicho não vão morrer. (risos) Sai daqui, senão esses bichos não vão. Eu tentei matar uma galinha uma vez, eu não consegui. (risos) Essa coitada pulava, mais do que tudo na vida, eu joguei para lá. Olha Marcus, tu mata esse negócio aí que eu não vou conseguir. Nunca mais na minha vida (risos). Tu é doida. Ave-Maria (Morais, 2023, informação verbal).

A ancestralidade, o conhecimento matrilinear, saberes diversos vêm à tona no trecho acima quando é dito que o saber relativo a espiritualidade de Vó Honorina atravessou gerações, vem de outras mulheres que são suas antepassadas, com conhecimentos que certamente foram adquiridos de outras mais velhas, sendo passado de mulher para mulher, assim como acontece em “Sabela”, como foi visto, onde o saber feminino negro circular, entre as mulheres numa dinâmica ancestral que nem mesmo a travessia atlântica conseguiu interromper.

Ainda na citação, Ana recorda do domínio na culinária e das técnicas e ritos utilizados para preparar alimentos. Esse conhecimento de manipulação de alimentos também passa pelo campo da ancestralidade, pois é um saber aprendido culturalmente e replicado entre as pessoas da família. Evaristo em “Regina Anastácia” aborda a importância da maestria em cozinhar e como essa arte atravessou o oceano fazendo com que a família da personagem garantisse a subsistência pelo saber cozinhar, o qual era praticado seja pela mulher ou pelo homem sem distinção, embora as mulheres dominassem o campo de atuação, mas ao homem não havia impedimento, bastava querer aprender.

[...]sei que as mulheres de minha família, todas, eram e são exímias cozinheiras, além de todo ou qualquer outro dom. Habilidades que foram transmitidas, ensinadas de umas para as outras, trunfos de família, que alguns homens nossos, que se dispuseram, aprenderam também (Evaristo, 2016, p. 135).

Partindo do que já foi falado pode-se perceber muito o ato de solidariedade entre os indivíduos das classes populares e a figura que ganha destaque na ação de ajudar solidariamente geralmente é a mulher. Esta mulher se compadece na maioria das vezes com a sua igual que passa por diversas privações originais de um passado histórico e que traz as agruras da escravidão que ceifou vidas e destinou outras tantas a miserabilidade da própria sorte. Tais dificuldades nunca foram barreiras intransponíveis ao povo negro que sempre buscou

estratégias de resistência aquilombando-se para se fortalecer e através das trocas de produtos, serviços, proteção e sentimento de unicidade comunitária sempre conseguiu driblar a dor da fome abraçando-se coletivamente.

Ela sempre alegre, sorridente, sempre ajudava as pessoas mais próximas dela que precisava. Entendeu? Se ela tinha o pão de cada dia, ela dividia para o vizinho, aquele que não tinha, ou aqueles que passavam aqui na rua, e pediam algo para comer, ela sempre estava ali para ajudá-la. Nunca marcou dificuldade para ajudar as pessoas (Costa, 2023, informação verbal).

Acima Edinalva Costa, 42 anos, consultora de vendas, mais uma neta de Vó Honorina, fala da solidariedade praticada que evidencia uma ação dos povos africanos em compartilhar o pouco que tem com a comunidade que pertence através da filosofia Ubuntu que se baseia em ações humanitárias na e pela coletividade, ou seja, o bem-estar coletivo é o mais importante, assim as pessoas acabam se conectando a partir das necessidades que se apresentam e tornam-se uma causa de todos e à medida que são superadas todos avançam. Ratificando o espírito Ubuntu, Ana Lúcia diz

[...]eu nunca vi Vó perder a esperança. Eu nunca vi Vó perder a fé. E, muito pelo contrário, eu vi Vó ajudar muita gente. Às vezes, ela não tinha, mas ela dividia o que ela tinha. Chegasse lá uma pessoa passando necessidade, que conversasse alguma coisa, ela: ah tá... ficava ali parada. Daqui a pouco, ela saía, resolvia, e ela ajudava, mandava. Vá ali levar isso pra fulana. Diga a ela que não é muito, não, mas o pouco que eu tenho, dá pra gente dividir. Então, essa coisa do dividir, do repartir, eu aprendi muito com Vó. Então, é uma das lembranças que é assim... marcante na minha vida. É de tudo, assim. Quando eu paro, eu penso, que eu vejo alguém, eu lembro das palavras dela, eu lembro dos ensinamentos dela, eu lembro que ela tinha pouco, mas esse pouco, ela dividia. E nunca faltou (Morais, 2023, informação verbal).

Girando a roda, chego a um ponto importante na vida de nós negros que é o trato com nossa imagem física tão discriminada e vilipendiada historicamente. O colonizador sempre buscou diminuir a autoestima do povo negro, tirando nossa humanidade, nos animalizando na tentativa de nos destituir de nossa dignidade. Em “Sabela” a personagem “Rouxinol”, um menino que nasceu com os lábios abertos deixando a gengiva amostra e tinha a voz fanhosa, foi enjeitado socialmente e também por sua mãe. Sabela é quem, através de gesto amoroso e complacente, mostra que o menino tem sua beleza e deve ser aceito e amado. Através deste ato o que está por trás é uma refuta ao colonialismo ou sua lógica de condenar e descartar aquilo que é diferente de seu padrão e ao mesmo tempo o processo de aceitação inaugura outra compreensão sobre o diferente que deve ser aceito como é.

Talvez a ideia de destruição do que é diferente do padrão instituído pelo colonialismo ainda reverbere mesmo em menor ou maior grau em nosso cotidiano. Desta forma a imagem da mulher negra é construída e percebida sob prismas diversos desde seu modo de vestir, ornar-se e aderir a um ou vários estilos de manter seus cabelos. Nesta seara, Vó Honorina é figurada e descrita como uma mulher que preocupa-se com sua imagem, com o trato de seus cabelos os quais como representação de sua coroa são guardados e protegidos por lenço ou torço/turbante que resguardam seu orí, sua divindade suprema. Sobre a imagem e zelo diz Edinalva: “Sempre ela fazia, eu fazia as tranças no cabelo dela. Às vezes ela botava, fazia um cocó, fazia uma uma popa, na verdade, e sempre com lenço na cabeça. Não saia sem o lenço na cabeça”. Continua Ana Lucia

E outra, assim, é uma coisa que sempre me chamou a atenção, a elegância de vó. Ela sempre foi elegante. Ela sempre gostou de se arrumar, ela sempre gostou de mandar fazer o vestido dela. Se viesse com um defeitozinho, assim, ela dizia, ó, não gostei, tu pega aqui, faz aqui, faz ali. Diva mesmo, Zélia mesmo, cansava de costurar pra ela, ela já sabia. Então, assim, a elegância de vó me encantava. Às vezes ela vestia, botava aqueles lenços dela. Então, ela era magrinha, né? Toda bonitinha, toda esticadinha. Eita, minha velhinha de elegância danada [...] Mesmo ela trabalhando, com tudo que ela trabalhava, vó, ela nunca usou um batom, ela nunca pintou uma unha, mas ela sempre gostava de estar com o cabelo dela impecável e com a roupa dela impecável. A unha dela era a coisa mais linda, era uma unha perfeita, mas ela nunca botou um esmalte, ela nunca botou um batom, nada. Ela disse à mulher, eu não preciso disso. Mas, assim, ela sempre me incentivou a me vestir bem, a me arrumar. Eu, com 11 anos, eu comecei a arrumar meu cabelo. Porque ela dizia que uma mulher tinha que estar com o cabelo arrumado, toda bonita e elegante. Então, assim, essa coisa, eu, da minha vaidade, pra mim, eu devo a minha vó (Morais, 2023, informação verbal).

Fazendo coro ao relato de Ana, chega Adriana, mãe, 50 anos, Matemática, neta de Honorina, para apresentar seu olhar sobre sua avó

De Vó, eu lembro de ser... Vó com lenço. O cabelo parecia um algodão. Quando eu convivi com ela a última vez que ela foi lá. A primeira e a única vez que ela foi lá. Não morava aqui, morava lá, foi Vó, foi Ana. Vó com aquele lencinho e um cabelinho branco. Vó era linda. Uma senhorinha muito bonitinha. Toda chiquetosa, toda arrumadinha, com um cabelinho todo penteado, com aquele lenço. Eu dizia assim, a casa, só vivia um brinco, aí ela só vivia arrumadinha, perfumada, eu lembro da roupa dela, saia, né? Vó era uma... elegante, Vó era de uma elegância muito, olhava assim, é um mulherão (Oliveira, 2023, informação verbal).

Vai se costurando uma colcha de retalhos com esses trechos narrativos que compõem um todo identitário de uma mulher negra que embora tenha uma vida simples permeada por atividades laborativas extenuantes, sua vida e estilo servem de espelho para outras mulheres. Em ato de subjetividade essas mulheres constroem uma identidade pessoal e ao mesmo tempo coletiva, pois acontece uma identificação e admiração entre as iguais. Quando Vó Honorina é

anunciada, descrita, outras tantas mulheres negras povoam o imaginário de quem ouve, afinal, muitas Honorinas lavadeiras ou com outras ocupações são automaticamente representadas e materializadas com características próximas às que são elencadas e tal fenômeno está ligado ao histórico de nossa sociedade, de nosso povo, respeitado, evidentemente, o tempo vivido. As mulheres negras têm uma aproximação em suas trajetórias, sua movimentação de resistência, sua presença na estrutura das famílias enquanto pilar firmador e norteador da mesma, além de seu cuidado pessoal e comunitário se fazem coletivo na construção identitária.

“Quando as mulheres negras se movimentam, então o mundo inteiro se movimenta com elas” (Angela [...], 2020, 15 min 10 s), portanto, pode-se imaginar que dentro das famílias essa mulher negra possui uma importância estratégica em sua manutenção. Os entes do núcleo familiar geralmente desenvolve habilidades e modo de agir tomando por exemplo os ensinamentos dos mais velhos, estes podem influenciar por gerações e as matriarcas são os exemplos mais seguidos devido seu contato mais presente na vida dos seus e muitas vezes é a única figura líder que a família tem, pois o homem em inúmeros casos estão ausentes do lar ou ainda abandonou a casa, deixando à mulher a via desafiadora e dolorosa (no sentido de enfrentar a discriminação social e as dificuldades de arcar com todas as despesas do lar) de ser mãe solo, mãe que em muitos casos não fica restrita àquela que gerou a criança em seu ventre e sim a outra configuração de mãe como avós, tias, irmãs que viram mães de seus/as irmãos/ãs. No exemplo de Vó Honorina, sua neta Ana Lúcia diz que

Ela é o pilar da família e continua sendo. Mesmo depois da passagem, ela continua sendo. Porque tem muitas coisas que a gente para e pensa, pensa nela, como ela era. Olha o que Vó falava, olha o que Vó fazia. Olha os exemplos que Vó dava. Ela continua muito presente. Ela é muito presente, principalmente na minha vida. Ela é muito presente em tudo. Eu acho o fato do pilar, Vó não ter um companheiro ao lado dela. Ela foi o homem e a mulher da casa. [...] Então assim, essa mulher assim, esse pilar, ela nunca sucumbiu diante da negativa de um homem. E ela não procurou outro homem pra poder dar uma continuidade, pra ajudar a ela. Porque ela sempre dizia assim, eu tenho dois braços e duas pernas e eu tenho mão e eu tenho coragem pra trabalhar. E eu ter o meu. Ela sempre dizia isso. Então assim, ela foi uma mulher, pro tempo dela, ela foi uma mulher de muita coragem. Porque naquela época a mulher, pra ser uma mulher separada, ela era muito mal vista. Né? Porque a mulher tinha que tá foi feita pra casar, foi feita pra tá com homem. Se ela se separasse, era mal vista. Então ela só não sucumbiu a isso. Ela foi, lutou, batalhou, sofreu muito (Morais, 2023, informação verbal).

Em depoimento marcado pela emoção, saudosa da mãe-amiga que a acolheu como filha, Adelina, conhecida como Dina, auxiliar em enfermagem, 68 anos, casada, falando sobre Vó Honorina traça o perfil de personalidade da Médica as ervas que não foge muito do que já foi dito pelas outras netas, afirma Dina:

uma pessoa especial na minha vida, foi especial na minha vida e na vida de muitos. [...] Ela era uma pessoa, um ser humano muito especial para nós, um ser humano incrível, determinada, uma pessoa sincera, forte, bondosa, estendia sua mão para os necessitados e não tinha muito, mas o pouco que tinha, dividia. Era um coração bondoso. Amava sua família, cuidava de todos e esquecia de si mesma. Ela trabalhou muito para criar dois netos e dar suporte ao seu único filho que Deus o acolheu antes dela. Mesmo assim, ela encontrou forças para continuar. Ela foi uma guerreira, lavava roupas de ganho, passava com ferro de brasa, mas ela venceu. [...] Eu perdi uma mãe, amiga, confidente e para mim foi difícil até hoje (Medrado, 2024, informação verbal).

A fala acima é uma mensagem que exalta a gratidão e a importância de termos uma mão estendida ao longo da vida como símbolo de força, incentivo para continuar as andanças. Ressalta-se no trecho o quanto mulheres negras conseguem ser solidárias às outras, o quanto suas individualidades são coletivas, assim como o caminhar de cada uma serve de luz para a outra seguir em frente. As experiências das mulheres mais velhas muitas vezes são o princípio do sucesso das que chegam, estas podem pegar o que é bom e melhorar em suas vidas e pegar o que foi negativo e transformá-lo futuramente sem a necessidade de repeti-lo enganosamente por meio das arapucas sociais. Assim, mulheres da comunidade são vistas como verdadeiras mães diante da importância que desenvolve em seu estar no mundo, da sua acolhida ao seu semelhante seja ele com laço sanguíneo ou não, pois a noção de família é muito mais ampla, família são aqueles/as que estão juntos em prol de uma causa coletiva e que se autoajudam para juntos/as avancem por meio de laços sociais que com o passar do tempo viram amorosos e familiares perdurando pelo tempo. Neste sentido Dina ainda diz “continuamos a lembrar daquela pessoa alegre, forte como a rocha, não deixava a peteca cair, estava sempre aparando, sempre orientando, [...] **mas aquele que amamos nunca morre dentro de nós, ele está sempre presente**” (Medrado, 2024, informação verbal).

O grifo acima nos faz refletir sobre todas as falas da presente seção, falas de mulheres que na verdade considero verdadeiros gritos de um estilo de vida marcado por desafios pela sobrevivência pessoal e coletiva, um grito de resistência aos resquícios do colonialismo e suas marcas nocivas como o patriarcalismo, um grito pela dor do abandono de mulheres negras e seus filhos, as quais movidas pelo espírito de luta que se faz histórico devido à luta de classes, ao subjugamento de um povo em relação a outro nunca desistem de seus objetivos e quando passam para outro plano deixam seu legado, sua semente que virará outra árvore, portanto jamais morrerão como sugere a fala de Dina: “aquele que amamos nunca morre dentro de nós, ele está sempre presente”.

Se mulheres negras são historicamente pessoas que buscam manter uma relação de apoio às suas iguais e àqueles que estão em sua volta, essa prática não poderia gerar outra coisa se não a gratidão e a formação de um espelho no qual nós procuramos refletir e produzir ações como as que recebemos como ajuda. Nas narrativas aqui colocadas pode-se notar o quanto rede de proteção familiar e de comunidade como um todo pode ser benéfico ao avanço social e essa ajuda vem de conhecimentos construídos ao longo da vida, passados de geração para geração, como por exemplo o saber de Dona Maria no campo da medicina exercendo a atividade de parteira que pode ser comparada como uma enfermeira com papel de suma importância em uma sociedade onde os direitos civis e sociais básicos, garantidos por lei, na prática não existem, a saúde é um clássico exemplo da falta de presença do Estado para sanar demandas corriqueiras. Desta forma, as populares com sabedoria extremosa entram em ação para ajudar aos seus desvalidos, exercendo, portanto, um feito resguardador da vida do povo humilde.

Já foram ecoados alguns dos muitos gritos sufocados ao longo da vida e que não poderiam ser esgotados neste espaço narrativo tão limitado, mas acredito que seja o início para que outras caixas ressonantes se abram solidariamente às mulheres negras que estão por todo canto batalhando para trazerem suas histórias e as das/os suas/es às luzes da sociedade, já que são elas também tijolos que ergueram e mantêm de pé a sociedade.

Partindo deste gritos falados que em parte consistiram em externar a beleza da mulher negra com a valorização de suas vestimentas, suas tranças em seus cabelos, suas práticas ancestrais de proteção a seu ori com seus lenços/turbantes, além da ajuda mútua das mulheres que solidariamente cuidam da prole uma da outra através do espírito comunitário, das práticas populares de cura por meio dos conhecimentos desenvolvidos de geração em geração, os quais muitas vezes não são valorizados pelas classes e espaços economicamente dominantes, passamos a seguir aos sussurros presentes nestes gritos que projetam novas expectativas de um futuro melhor, pois as vozes-mulheres de antes ganham ressignificação por um futuro melhor.

5.1 SUSSURROS ECOADOS: ANALISANDO NARRATIVAS E PROSPECTANDO PERSPECTIVAS

Nesta seção chamo de sussurros, as ideias, os fragmentos de histórias surgidos nas narrativas que as depoentes lançaram de maneira sutil. Palavras que aparecem como segredos revelados ou que escaparam do baú da memória e se anunciaram ressignificadas a partir do passado. A roupa de ontem já não serve mais, a vida laborativa extenuante que teve nossas ancestrais não será repetida, pois agora o peso das inúmeras trouxas de roupas carregadas das

casas da elite pelos caminhos e becos empoeirados rumo à periferia por diversas mulheres negras para conseguirem o sustento de sua família servirão de força as que vieram depois para quererem um futuro diferente.

Os tanques, os ferros à brasa, os olhos lacrimejados pelas cinzas e o suor escorrido pelo rosto destas mulheres não foram em vão; o desejo por dias melhores aos seus a partir do sacrifício da própria vida teve propósito e sucesso, pois de toda sua labuta nasceram outras mulheres com igual coragem para enfrentarem as adversidades usando braceletes, salto alto, turbantes e falas altivas como reflexos das que vieram antes. Surgem não mais as dignas lavadeiras, mas psicóloga, auxiliar de enfermagem, servidora pública, matemática, consultoras em vendas. Essas novas ocupações não são aqui trazidas como superiores ou de valor maior e sim como ocupações que rompem com alguns determinismos sociais que oprimem e tiram a liberdade de sermos quem quisermos ser. Assim, a roupa costurada pelo colonialismo é rasgada, refutada, pois as novas mulheres trazem em si a força das suas ancestrais, mas não as agruras que foram obrigadas a passar.

A ligação entre mulheres negras, a relação dos laços de amor podem ultrapassar as barreiras físicas e enveredar nos caminhos do metafísico. O caminhar das mais velhas e todo seu vivenciar vai sendo levado ao futuro, as pessoas vão transformando os saberes adquiridos no e pelo tempo. Sobre essa ligação para além do físico, Adriana lembra da passagem ao plano extrafísico feita por Vó Honorina e como isso foi marcante

É tanto que quando, depois que... eu ter meus filhos tudo, eu tava na fazenda, morava na fazenda. Quando vó veio a falecer. Eu estava na dispensa. Aí, eu não sei como, para quem acredita em espiritualidade, eu senti o cheiro de vó. Aí, logo em seguida, Luciana me ligou dizendo que ela tinha falecido (Oliveira, 2023, informação verbal).

É importante ressaltar que a espiritualidade é elemento fundamental em nosso existir, embora existam aquelas pessoas que não têm uma fé ou religiosidade e nem cultuam quaisquer divindades. Na fala acima existe um acreditar baseado na força espiritual, onde o indivíduo morre carnalmente, mas seu espírito continua existindo em outra dimensão, manifestando-se por diversas formas as que ficaram, no exemplo, o sinal da presença da falecida é através de seu cheiro guardado nas memórias afetiva e olfativa da neta. Quando essas memórias são usadas como anunciadoras da morte, a narradora está sinalizando que faz parte da população que foge, parafraseando Leda Martins (2021), do tempo único ocidentalizado e do pensamento religioso que a vida é finalizada pós-morte física, o tempo que é tratado é infinito, é o ontem que é agora e que ao mesmo tempo sinaliza um amanhã.

Já sinalizei sobre o poder de influência que os mais velhos exercem nos mais novos. Nossas mães e nossos pais são os primeiros modelos ou referências que temos e aqui respeitamos as diversas configurações de família e pais ou mães e até mesmo aquelas pessoas que infelizmente são órfãs desde sempre, mas que mesmo assim têm alguém que serve de parâmetro social que inspire seu trilhar em sociedade sem ser evidentemente um determinante, afinal todos nós nascemos com nossas individualidades e potencialidades que serão afloradas com o decorrer do tempo. As influências, como já disse, vêm de pessoas que estão em nossa volta e que de uma forma ou de outra consegue destaque por seu desempenho e atuação no ambiente de convívio. Tais influências partem desde o modo de vestir, falar até mesmo no querer ser enquanto pessoa. Ana Lúcia em narrativa carregada de emoção e choro intenso fala da sua gratidão pelos ensinamentos formativos proporcionados pelo convívio com Vó Honorina

Obrigada por me tornar essa mulher que eu sou hoje. Obrigada por tudo que tu me ensinou. E por tudo que eu aprendi. Obrigada por ser essa mãe que eu sou hoje. Porque foi pelos aprendizados dela. E pelo que eu sou hoje, Bindo. Foi Honorina. Tanto que tem horas a depender da roupa, do cabelo que eu boto eu olho no espelho e vejo Vó. Tem hora que eu olho assim, tem hora que eu... a posição que eu fico, se eu olhar no espelho assim, é como se eu tivesse olhando Vó. Hoje, se eu pudesse me encontrar com ela hoje, se Deus pudesse permitir, eu só ia agradecer. Agradecer por tudo. Tudo, tudo, tudo. Eu agradeço a Vó. É uma das minhas maiores faltas. É a falta da minha Vó. É a minha mãe (Morais, 2023, informação verbal).

Neste exceto, a identidade negra e a irmandade de mulher para mulher são exaltadas. Ana Lúcia não está diante apenas de sua imagem no espelho, ela ver também sua avó, é uma imagem de uma mulher carregada de outras, o espelho em questão não é o de Narciso, pois quando se tem uma representatividade de um coletivo dentro do particular não podemos dizer que estamos tratando de individualidades egocêntricas. A ancestralidade é sussurrada e exaltada não apenas pela identificação física, mas pela condução social que as pessoas buscam atingir em suas vidas e nas vidas dos que virão, portanto estamos diante de um ciclo que se renova com novos elementos que compõem os sujeitos e os fazem únicos, mas, ao mesmo tempo, iguais frente a identidade coletiva construída e refletida.

Nesta condução social e preparação do outro, as mulheres mais velhas, vivenciadoras de tempos áridos, geralmente buscam inserir ensinamentos em suas práticas educacionais familiares que futuramente facilitem o andar dos seus pelos espaços sociais tão desiguais e duros com aqueles que historicamente já passam por desafios pela sobrevivência. Tais ensinamentos não ficam apenas no âmbito da garantia da sobrevivência física, mas também procuram ensinamentos dentro da prática religiosa, do cuidado com a espiritualidade desde a mais tenra idade criando nos indivíduos uma iniciação dos preceitos da fé.

Ela era muito religiosa, ela ia para a igreja aos domingos, quando o sino tocava, quando estava atrasada também, ela botava a gente na frente, a gente ia para a igreja com ela, todos os domingos. [...] Domingo de Ramos mesmo, era o que ela mais gostava sim, porque ela ia, acordava quatro horas da manhã, acordava a gente, e a gente se arrumava, ia para a procissão, na verdade. E todas as procissões que passava, independente, ela estava ali sempre (Costa, 2023, informação verbal).

O campo da fé é muito vasto, mexe diretamente com a subjetividade e sensibilidade de cada pessoa. Os indivíduos muitas vezes têm na espiritualidade o impulso para acreditar na vida, em seus propósitos e a figura de uma líder ou um líder religioso contribui para o reforço na prática religiosa ou então têm em certas figuras o aporte para suportarem situações que aos olhos materiais são intransponíveis. Pessoas que têm presença forte na vida de outrem, acabam sendo a única esperança que o indivíduo pode agarrar e contar para sobreviver e Adriana teve em avó a certeza e motivação para não desistir da vida, a imagem da outra igual aparece como socorro em momento de aflição

Disseram lá, a pessoa que me criava lá no Rio de Janeiro, que eu não tinha pai. E que a minha mãe não me queria. Mas, eu tinha certeza que eu tinha avó. E se eu tinha avó, eu tinha pai. Então, eles talvez me quisesse. Essa foi a minha motivação para voltar. Essa é a lembrança que eu tenho deles. E minha avó, principalmente (Oliveira, 2023, informação verbal).

O ato de ouvir exige de nós uma responsabilidade gigante, pois exige o cuidado com o que nos é compartilhado, são informações que transmitem anseios, angustias, felicidades, esperanças, gritos de liberdade, fios de ouro de uma vida que se encontram com outros fios preciosos e em filigranas são entrelaçados formando desenhos de vidas que se fazem coletivas. Aqui tais fios são todas as narrativas feitas, são os depoimentos externados e os contidos pela memória que muitas vezes perdem seu caráter alegre e sagram a alma, afinal mexer com memória é abrir um leque infundável de possibilidades de emoções contido em nosso âmago que ao ser acessado as lágrimas inundam o ser assim como foi em vários momentos do falar das mulheres sujeitas destas palavras-escrevíveis que fecham sem finalizar esses escritos, palavras que hora gritam sussurrando liberdades.

Diante do exposto saliento que precisamos costurar nossas histórias, unir nossos fios de memória que foram espalhados pelo colonialismo para tirar de nós o sentido de identidade e união. As histórias dos povos africanos e de nós afro-brasileiros e indígenas já sabemos que foram e ainda são, em nível elevado, negligenciadas, subalternizadas e tirada sua importância na construção social da humanidade. Não é difícil sabermos a linha hereditária de famílias brancas ao redor do mundo, em especial dos países europeus, mas desconhecemos as histórias de nossas bisavós, bisavôs, enfim, nossas/os ancestrais e isso acontece pelo fato de não terem

suas histórias contadas. Os indígenas ainda têm um histórico cultural entre si de passar os saberes ancestrais com mais frequência e efetividade, mas nós afro-brasileiros temos uma certa dificuldade em tecer os fios de nossa ancestralidade e quando fazemos é com certa dificuldade. Esse fato, acredito que seja graças ao projeto de silenciamento já comentado aqui e que remonta desde os tempos sombrios da escravização de corpos e mentes.

É preciso reverter esse triste quadro de apagamento de nossas histórias, precisamos conhecer nosso passado de vitórias e resistências, pois a versão não verdadeira de fraqueza, inferioridade e subserviência que nos foi contada em relação a nós não queremos, é uma roupa que não nos veste. Como instrumento dessa virada, desse novo contar temos o arcabouço de leis como amparo, em especial a Lei nº 10.639/03 e a Lei 11.645/08 que são de fundamental importância para obrigatoriedade do ensino das histórias e culturas afro-brasileira, africana e indígena na educação com a finalidade de demonstrar toda contribuição e importância desses povos na construção da sociedade, além de termos um currículo mais diversificado que contemple a pluralidade que somos enquanto nação. É preciso ressignificar nossos gritos e ecoarmos a mudança que desejamos, uma transformação que iniciou com os nossos antepassados ao abrirem caminhos para sermos quem somos hoje e neste abrir trincheiras, as vozes das mulheres negras precisam de uma atenção maior, já que são as que estão em situação de maior silenciamento e vulnerabilidade social.

Chegando ao final deste capítulo de sussurros, vozes esperançosas e cheias de saudades, digo que ser veículo transportador ou caixa-tambor ressonante de vozes injustiçadas não é tarefa simples, mas é engrandecedor poder ser uma centelha contributiva neste ecoar de vozes que se inicia e que tem também como objetivo incentivar que novos indivíduos façam tal exercício de solidariedade e responsabilidade em contribuir para que a mudança aconteça em prol da causa feminina negra em ter oportunidades expressiva em espaços de poder como a academia, dominada pela lógica social branca e elitista. Vozes negras precisam cada vez mais ecoar nas mais diversas esferas sociais e que o eco não seja tímido, baixo ou rouco, mas estridente ao ponto de acordar, parafraseando Conceição Evaristo, quem já dorme tranquilamente, desde sempre, sonos injustos.

6 CONCLUSÃO

Cremos.
Quando as muralhas
desfizerem-se
com a mesma leveza
de nuvens-algodoais,
os nossos mais velhos
vindo do fundo
dos tempos
sorrirão em paz.
(Conceição Evaristo).

Quando nos debruçamos na história formativa da sociedade brasileira percebemos a beleza e grandeza que nós possuímos enquanto povo forjado pela multiculturalidade, pela enormidade que somos nos recursos naturais seja da flora ou da fauna. Uma grandeza que existe antes mesmo da grande invasão realizada pelo branco não só aqui no hoje denominado Brasil, mas também nos diversos espaços do globo terrestre.

Em nome da expansão econômica os grandes impérios de mãos dadas com a igreja, seguindo um desejo cristão inventado, homens levaram outros homens ao sacrifício, explorou suas forças, sufocou à base dos grilhões suas liberdades, escravizou corpos e mentes negras por séculos. Implantaram padrões que só faziam e fazem sentidos à lógica de dominação branca que sofre com o sentimento de inferioridade e por assim ser busca diminuir o outro para se fazer grande.

O homem branco é o protagonista de uma história de negação do outro que é diferente dele. No processo de negação, o homem branco ataca o direito do outro ser que é, humano como ele, que sagra igual a ele, que é concebido da mesma forma que ele, que tem sua base biológica idêntica, diferindo apenas nas características fenotípicas e de personalidade que cada um de nós tem. Em se tratando de negação, o presente trabalho intitulado *Escrevivências, ancestralidade e protagonismo da mulher negra: memórias e atravessamentos entre “Regina Anastácia”, “Sabela” e Vó Honorina, a Médica das ervas* vem em movimento contra-hegemônico para trazer à baila toda importância que temos, enquanto povo negro na formação da sociedade brasileira e como forma de reparação histórica de desigualdade, exploração e violências diversas contra as mulheres negras, estas tiveram os holofotes direcionados para si.

Uma das maiores violências que sofreram as mulheres negras ao longo da história foi o silenciamento e apagamento e ainda hoje ficaram alguns resquícios dos tempos sombrios de outrora. Então, por conta dessas injustiças, esta pesquisa, debruçando-se na literatura ficcional de Conceição Evaristo, em teóricas negras dando o suporte necessário e na trajetória de

mulheres negras colocou-se à disposição para ser ouvido e caixa de ressonância de mulheres que através de suas memórias ancestrais externassem quem são, quais outras mulheres carregam em si e quais aspectos possuem que as fazem únicas e ao mesmo tempo um corpo coletivo.

Foi lançando mão de memórias minhas e principalmente de mulheres amigas e irmãs que estes escritos puderam ganhar vida, memórias que refletiram sobre injustiças cometidas contra outras mulheres negras, com destaque para Vó Honorina, a qual mesmo com parte da vida solapada pelo trabalho árduo, pelos dias embaixo do sol escaldante com suas companheiras de ofício, levando trouxas de roupas na cabeça, percorrendo caminhos pesarosos entre as casas das madames e os lajedos, essa mulher conseguiu ser pedra-guia de outras mulheres e homens também. Lembrar dela foi fazer um resgate histórico não da pessoa em si, mas de muitas mulheres como ela que tiveram sua jornada ofuscada, silenciada e sem a devida valorização, portanto, fez parte dos objetivos destes escritos promover essa reparação, evidenciar essa memória dessas mulheres, ressaltando sua capacidade de se reinventarem e em seu fazer social, influenciar vidas.

Como foi visto no primeiro capítulo eu inicio com uma imersão em minhas memórias para apresentar um atravessamento de vida de Vó Honorina em mim, minhas impressões frente ao protagonismo que ela deixou explícito, dos saberes advindos da mãe e da avó referentes às ervas e da ação de benzer pessoas, conferindo saberes de caráter matrilinear. Conhecimentos que muitas vezes não têm uma valorização nos espaços científicos, mas que precisam ocupar esses lugares que também são seus, portanto, é de fundamental importância que nós pesquisadores e pesquisadoras sejamos meios para que os conhecimentos populares tenham espaço e condições materializadas para demonstrarem sua existência e importância em lugares de poder como é a universidade. Neste quesito esse trabalho teve grande empenho para que o objetivo fosse alcançado, mesmo que seja um abrir de portas para que outros/as e outros/as venham a somar no propósito.

Quando Conceição Evaristo é tomada como fonte de inspiração teórica com sua escrevivência e seu recontar a história do povo negro a partir de rastros deixados ao longo do tempo de uma história não contada pela história oficializada. Sendo a escrevivência também um operador de leitura, tal conceito serviu para que as análises dos textos literários “Regina Anastácia” e “Sabela” fossem vistos sob o prisma afrocentrado, uma leitura que leve em conta o processo de formação de um povo sob a perspectiva de valorização de sua cultura, história e identidade. Foi partindo dos rastros históricos encontrados nas obras citadas que pode ser feita uma ligação entre literatura e a vida de Vó Honorina, pessoa real que vivenciou os vestígios do

período escravagista à medida que seu estilo de vida, as condições que lhe foram impostas trazem características de tal período escabroso.

Deste ponto chega-se ao capítulo dois que traz um olhar entre literatura e sociedade com o entrecruzamento de vidas. A literatura de Evaristo se mostrou como um encurtamento entre o passado mal contado, o presente vivido e um caminho reflexivo sobre o futuro que desejamos, assim se pode perceber o quanto da realidade é suporte da escrita e o quanto esta pode ser instrumento de reflexão do que vivemos.

Quando no capítulo três as vozes-mulheres assumem com mais força o palco é percebido o quanto o trilhar ancestral influencia o caminhar dos mais novos. Funciona como um farol norteador de novas rotas e tomadas de direção nas quais cada nova pessoa é dona de seu barco, assume o leme dando a direção que quer em sua vida sem perder de vista os que vieram antes. As narrativas negras situaram a importância da coletividade e do espírito de união. Também o quanto o processo de formação dos indivíduos está ligado aos exemplos que tiveram e feito simbiose começam a fazer parte do estilo de vida ou modo de ser das pessoas como um todo.

Portanto, foi através do resgate de memórias, ação não tão confortável que se pode elencar alguns atravessamentos entre vidas negras através de um movimento que se fez coletivo. Literatura e cotidiano caminharam juntos apresentando possibilidades reflexivas que ajudam a compreender a natureza humana e nossas relações nas mais diversas esferas: social, espiritual, cultural, política, histórica.

Chego ao final sem finalizar e com a certeza de que a ancestralidade que está impregnada em nosso ser jamais morrerá enquanto tivermos e mantermos vivos em nossa memória todos os nossos ancestrais que um dia foram protagonistas sociais a seu modo, abrindo trincheiras e pavimentando caminhos para hoje sermos quem somos. Uma árvore que dá bons frutos jamais morrerá. O caminhar de uma matriarca semeadora de sonhos e esperanças jamais se apagará nos rastros da história. Sejam todos e todas fabuladores/as escrevintes de nossas memórias dando vida aos nossos ancestrais, reescrevendo e contando histórias insubmissas de nosso pertencimento.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 62 p.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro. Editora Jandaíra, 2020. 152 p. (Feminismos plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro)
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaia, 2020. 264 p. (Feminismos plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro)
- ANGELA Davis na UFRB, em Cachoeira-BA|completo. (S. l.: s. n), 2020. 1 vídeo(65 min). Publicado pelo canal Bia Víerah. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WjIeksOQkCU>. Acesso em 28 mar 2025.
- ALVES, Maria Augusta Santiago. Vó Honorina, a Médica das ervas. Depoimento [Entrevista cedida a] Gilmar Ferreira da Costa. Perguntas abertas. Depoimento concedido para pesquisa sobre a lavadeira Honorina Feliz da Costa, Itaberaba-BA, 2024.
- BÍBLIA Online. **Gênesis**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/9>. Acessado em: 23/05/2024
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá. A terra quer**. Imagens de Santídio Pereira; texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023. 122 pp.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Luiz Gama. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- CARRASCOSA, Denise. Sabela e um ensaio afrofilosófico escreviente e ubuntuísta. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Ilustração Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- CARVALHO. Iêda Mascarenhas Silva de. **Da fonte à talha: a dinâmica da modernidade e os trabalhadores de ganho de Itaberaba – 1930 a 1960**. 2012. 97 f. Trabalho de conclusão de curso. Licenciatura em História, Departamento de Educação, Catálogo I, Núcleo de História Local – NHL, Campus XIII, Universidade do Estado da Bahia, Itaberaba-Ba, 2012.
- COELHO, Haydée Ribeiro. Lima Barreto. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Aprendendo com a outsider withIn: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Sociedade e Estado, v 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 13 fev. 2025.

COSTA, Edinalva Ferreira da. Vó Honorina, a Médica das ervas. Depoimento [Entrevista cedida a] Gilmar Ferreira da Costa. Perguntas abertas. Depoimento concedido para pesquisa sobre a lavadeira Honorina Feliz da Costa, Itaberaba-BA, 2023.

COSTA, Gilmar Ferreira da. **O protagonismo da mulher negra na obra de Conceição Evaristo: analisando Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2022. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, Editora Horizonte, 2012. 208 p.

DUARTE, Eduardo de Assis. Abdias Nascimento. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. Carlos de Assumpção. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Dicionário de símbolos. **SANKOFA**. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>. Acesso em: 02/02/2024.).

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022. 136 p.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo: A escrivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira**: [Entrevista concedida a] Morgani Guzzo. Portal Catarinas, 2021. Disponível em: <https://catarinhas.info/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrui-a-historia-brasileira/#:~:text=Eu%20venho%20trabalhando%20com%20esse,at%C3%A9%20chegar%20ao%20termo%20escreviv%C3%A9ncia>. Acesso em: 25 set. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 22 set. 2023.

EVARISTO, Conceição. A escrivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Ilustração Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. 3 ed. revisada. Rio de Janeiro: Malê, 2017. 114 p.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2 ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016. 142 p.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. 126 p.

FEDERICI, Silva. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução: Coletivo Sycorax. 2. ed. São Paulo: Elefante, 2023. 480 p.

GLISSANT, Édourd. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005

GOMES, Heloisa Toller. Lino Guedes. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização Flávia Rios, Mácia Lima. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Tradução: José Luiz Pereira da Costa. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. **Vênus em dois atos**. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640/pdf. Acessado em: 10 jan. 2025

HEMERLEY, Giovanna. **Oxum e o poder do feminino no Candomblé**. Disponível em: <http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/quem-e-oxum-o-poder-do-feminino-no-candomble/>. Acessado em: 22/05/2024).

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. Tradução Bhuvil Libanio. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

IGREJA Matriz Nossa Senhora do Rosário : Itaberaba, BA. S. l.: [s. n.], 1955. 1 fot. (Acervo dos municípios brasileiros). Disponível em: <https://consultabiblioteca.ibge.gov.br/biblioteca/index.php>. Acesso em 06 mar de 2025.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p.

LAJOLO, Marisa. Carolina Maria de Jesus. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

LITERAFRO entrevista – Conceição Evaristo. [S. l.: s.n.], 2019. 1 vídeo (60 min). Publicado pelo canal TV UFMG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=36eCd7gQpsY>. Acessado em: 22 set. 2023.

LOBO, Luiza. Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MARQUES, Reinaldo Martiniano. Domingos Caldas Barbosa. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica.** – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MARTINS. L. M. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 256 p.

MARTINS. L.M. Solano Trindade. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica.** – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MEDRADO, Adelina Pereira Nascimento. Vó Honorina, a Médica das ervas. Depoimento [Entrevista cedida a] Gilmar Ferreira da Costa. Perguntas abertas. Depoimento concedido para pesquisa sobre a lavadeira Honorina Feliz da Costa, Itaberaba-BA, 2024.

MIRANDA, Fernanda R. **Silêncios prescritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006).** Rio de Janeiro: Malê, 2019. 364 p.

MESA-REDONDA. “Ficção e fabulações críticas afro-atlânticas”, com Saidiya Hartman. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (105 min). Publicada pelo canal Museu do amanhã. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=E_XjmfTHsmY. Acesso em: 02 de maio de 2024.

MORAIS, Ana Lúcia Costa. Vó Honorina, a Médica das ervas. Depoimento [Entrevista cedida a] Gilmar Ferreira da Costa. Perguntas abertas. Depoimento concedido para pesquisa sobre a lavadeira Honorina Feliz da Costa, Camaçari-BA, 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos.** Organização Alex Ratts. – 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** – 3 ed. – São Paulo: Perspectivas, 2016.

OLIVEIRA, Adriana de. Vó Honorina, a Médica das ervas. Depoimento [Entrevista cedida a] Gilmar Ferreira da Costa. Perguntas abertas. Depoimento concedido para pesquisa sobre a lavadeira Honorina Feliz da Costa, Itaberaba-BA, 2023.

SALLES-BENTO, Oluwa Seyi. **Orixá e Literatura brasileira: a esteticização da deusa afro-brasileira Oxum em narrativas de Conceição Evaristo.** Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-29072021-183820/publico/2021_OluwaSeyiSallesBento_Vcorr.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.

SEMINÁRIO A escritvivência de Conceição Evaristo: primeiro dia. 1 vídeo (127 min). Publicado pelo canal Itaú Social. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bzwGCFEkEf4&t=1895s>. Acesso em: 22 set. 2023.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. *EscreVivência: itinerário de vidas e de palavras.* *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Ilustração Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

SOUSA, Fernanda Silva. Os ancestrais que não podem ser esquecidos. *In*: HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Tradução: José Luiz Pereira da Costa. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 272 p.

TV CULTURA BRASIL. **Rodaviva Conceição Evaristo / 06/09/2021**. Brasil: TVCultura, 2021. 1 vídeo (1:37:02). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk>. Acesso em: 21 set. 2023

TV UFMG. **Literafro Entrevista – Conceição Evaristo**. Brasil: TV UFMG, 2018. 1 vídeo (1:00:39). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=36eCd7gQpsY>. Acesso em: 21 set. 2023.